

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

MARJULIÊ ANGONESE

**A COOPTAÇÃO DA CRIPTOIDEOLOGIA PELOS PRINCÍPIOS CAPITALÍSTICOS NOS
DISCURSOS NO TWITTER – UMA INVESTIGAÇÃO MULTIMETODOLÓGICA**

PORTO ALEGRE

2023

MARJULIÊ ANGONESE

**A COOPTAÇÃO DA CRIPTOIDEOLOGIA PELOS PRINCÍPIOS CAPITALÍSTICOS NOS
DISCURSOS NO TWITTER – UMA INVESTIGAÇÃO MULTIMETODOLÓGICA**

Pesquisa apresentada para Defesa de Tese em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutora.

Orientação: Prof^a. Dra. Alessandra Teixeira Primo

PORTO ALEGRE

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Angonese, Marjuliê

A cooptação da criptoideologia pelos princípios capitalísticos nos discursos no Twitter - uma investigação multimetodológica / Marjuliê Angonese. -- 2023.

133 f.

Orientadora: Alessandra Teixeira Primo.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Bitcoin. 2. Criptomoedas. 3. Criptoideologia. 4. Capitalismo. 5. Twitter. I. Teixeira Primo, Alessandra, orient. II. Título.

MARJULIÊ ANGONESE

**A COOPTAÇÃO DA CRIPTOIDEOLOGIA PELOS PRINCÍPIOS CAPITALÍSTICOS NOS
DISCURSOS NO TWITTER – UMA INVESTIGAÇÃO MULTIMETODOLÓGICA**

Pesquisa apresentada para Defesa de Tese em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutora.

Data de aprovação: 26/05/2023

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientação: Prof^a. Dra. Alessandra Teixeira Primo (Presidente/Orientadora)

Prof^a. Dra. Suely Dadalti Fragoso

Prof. Dr. Daniel Santos Kosinski

Prof. Dr. Henrique Antoun

Prof. Dr. Silvio Gallo

Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres.

(Marcha Mundial das Mulheres, 2015)

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento é à minha mãe, Delair, por ter dado a meus irmãos e a mim o maior ensinamento de todos: o de nunca querer parar de aprender. Aos meus irmãos, Vanderlei, Sílvio e Joce, por servirem de exemplo prático desse ensinamento materno.

Nessa toada, agradeço aos professores que tive desde o ensino fundamental, representados aqui pela minha orientadora, Alê Primo. Ao longo destes seis anos de academia, ela me ensinou a ter coragem de ser quem quisermos. Obrigada, Alê, foi uma jornada fantástica.

Filha da escola pública, agradeço a todos que acreditam no ensino público gratuito e de qualidade. Também aos que lutam pelo conhecimento sem barreiras comerciais e sem fronteiras.

A todos os companheiros de Limc que estiveram comigo nessa caminhada, obrigada pela parceria.

Por fim, meu mais profundo amor e agradecimento ao Chico, meu companheiro de vida, de academia, de aventura. Obrigada por não deixar que eu não acreditasse em mim, por contribuir na minha formação acadêmica desde nossa primeira cerveja juntos e por ser meu exemplo de inteligência desde então.

Dedico esta tese a todas as corajosas mulheres que ousaram sentar-se nos bancos acadêmicos
e abriram as portas do conhecimento a todas nós.

RESUMO

Expressões como bitcoin, criptomoedas, criptoativos e blockchain se tornaram parte do vocabulário mundial nos últimos anos, desde propagandas na mídia tradicional e anúncios em redes sociais até notícias sobre práticas criminosas ou sobre agitações no mercado financeiro. Para compreender a ideologia por trás dessas palavras, como ela se manifesta nos discursos presentes no Twitter e de que forma as forças de pressão capitalística atuam no processo de subjetivação dos usuários dessa rede social, esta tese realizou uma investigação multimetodológica que associou análise de sentimentos e hermenêutica de profundidade. A pesquisa concluiu pela existência de uma criptoideologia e que ela é alvo de alças de cooptação da ideologia capitalística que atuam por meio do confronto de ideias no Twitter, rede social considerada dispositivo ideologizante por este trabalho. Como resultado, percebeu-se a operação dos cinco modos gerais em que atua uma ideologia (legitimação, unificação, dissimulação, fragmentação e reificação) como etapas do processo de subjetivação capitalística; esta, por sua vez, mostrou-se ferramenta para a captura ideológica por meio do embate discursivo.

Palavras-chave: Bitcoin. Criptomoedas. Criptoativos. Criptoideologia. Capitalismo. Twitter.

ABSTRACT

Expressions such as bitcoin, cryptocurrencies, cryptoassets and blockchain have become part of the global vocabulary in recent years, from advertisements in traditional media and announcements on social networks to news about criminal practices or turmoil in the financial market. To understand the ideology behind these words, how it manifests itself in the discourse present on Twitter and how capitalist pressure forces act in the process of subjectivation of users of this social network, this thesis carried out a multimethodological investigation that combined sentiment analysis and depth hermeneutics. The research concluded that there is a cryptoideology and that it is targeted by co-optation loops of capitalist ideology that operate through the confrontation of ideas on Twitter, a social network considered an ideologizing device by this work. As a result, the operation of the five general modes in which an ideology operates (legitimation, unification, dissimulation, fragmentation and reification) was perceived as stages of the process of capitalist subjectivation; this, in turn, proved to be a tool for ideological capture through discursive confrontation.

Keywords: *Bitcoin. Cryptocurrencies. Cryptoassets. Cryptoideology. Capitalism. Twitter.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema de mineração de bitcoin	14
Figura 2 - Agrupamento de teses e dissertações a partir da similaridade de conteúdo	28
Figura 3 - Mapa da insegurança alimentar aguda no mundo.....	37
Figura 4 - Registro durante manifestação ocorrida em 26/06/2013 em São Paulo	42
Figura 5 - Exemplos de colecionáveis à venda na internet.....	45
Figura 6 - Tuíte relacionado às proibições de mineração de bitcoin	72
Figura 7 - Exemplo de anúncio de cursos sobre investimento em criptomoedas.....	73
Figura 8 - Exemplo de tuíte sobre variação do mercado do bitcoin	73
Figura 9 - Comentários do post da Figura 8	73
Figura 10 - Gráfico da evolução dos sentimentos no período da coleta.....	88
Figura 11 - Evolução de percentual de sentimentos por data	89
Figura 12 - Percentual dos sentimentos no total do período.....	89
Figura 13 - Nuvem de palavras de todos os discursos coletados	90
Figura 14 - Nuvem de palavras do sentimento muito positivo.....	92
Figura 15 - Nuvem de palavras do sentimento moderadamente positivo.....	94
Figura 16 - Nuvem de palavras do sentimento moderadamente negativo.....	96
Figura 17 - Nuvem de palavras do sentimento muito negativo.....	99
Figura 18 - Comparação entre fagocitose e subjetivação	122

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Ecossistema cripto, um território dos nativos digitais.....	16
1.2 Bem-estar comum e regulamentação.....	22
1.3 Tema de pesquisa.....	25
1.4 Pergunta de pesquisa	25
1.5 Objetivos geral e específicos	25
2. JUSTIFICATIVA	27
3. DO ESPÍRITO DO CAPITALISMO AO ECOSSISTEMA CRIPTO.....	31
3.1 O capitalismo se desloca	31
3.2 Um novo animal	37
3.3 Um mundo paralelo livre de impostos.....	43
4 UMA NOVA IDEOLOGIA, UMA NOVA INSTITUIÇÃO	47
4.1 Uma nova subjetivação.....	56
4.2 Subjetivar para ideologizar	59
5. CRIPTOATIVOS E REDES SOCIAIS.....	61
5.1 Um modo de existência	61
5.2 Cooptação	63
5.3 Resistência.....	65
5.4 Dispositivo ideológico.....	67
6. CRIPTOIDEOLOGIA	70
6.1 Aproximação ao objeto empírico	71
6.2 Twitter	72
7. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	75
7.1 Análise de sentimentos para redes sociais.....	76
7.2 Análise de discurso com base na hermenêutica de profundidade	79
7.3 Etapas metodológicas	82

7.4	Categorias de análise	83
7.5	Composição do <i>corpus</i>	83
8.	ANÁLISE DOS DADOS	86
8.1	Análise de sentimentos	86
8.1.1	<i>Visualização dos dados e contextualização econômica</i>	86
8.1.2	<i>Interpretação dos resultados a partir de nuvens de palavras</i>	90
8.1.3	<i>Sentimento muito positivo</i>	91
8.1.4	<i>Sentimento moderadamente positivo</i>	93
8.1.5	<i>Sentimento moderadamente negativo</i>	96
8.1.6	<i>Sentimento muito negativo</i>	98
8.1.7	<i>Síntese</i>	103
8.2	Análise de discurso	104
8.2.1	<i>Análise argumentativa</i>	104
8.2.2	<i>Interpretação/reinterpretação</i>	113
9.	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS – Um botão de <i>stop loss</i> no mercado cripto	116
9.1	Um dispositivo a serviço das alças de cooptação	121
10.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
	REFERÊNCIAS	128

1 INTRODUÇÃO

Em 27 de agosto de 2021, o site do jornal britânico The Guardian¹ publicou a história de Benyamin Ahmed, um garoto de 12 anos morador de Londres (Reino Unido) que lucrou cerca de £ 290 mil (aproximadamente R\$ 2 milhões) por vender como NFTs (Token Não Fungível) uma série de obras de arte *pixeladas* chamadas Weird Whales que ele criou durante as férias escolares. O valor foi investido na criptoativo ether. No dia 24 do mesmo mês, os irmãos Aanya Thakur, de 9 anos, e Ishaan, de 14, foram notícia no site Entrepreneur² porque faturam U\$ 35 mil por mês minerando ether na garagem da casa onde vivem, em Frisco (Texas, EUA). Os três foram influenciados pelos pais: Benyamin é filho de um desenvolvedor de software que atua no mercado financeiro tradicional, enquanto o pai de Aanya e Ishaan é especialista em criptoativos³. Benyamin tem aulas em casa sobre codificação desde os cinco anos de idade e faz parte da plataforma educacional Codewars. Aanya e Ishaan também recorreram ao pai, investidor em bitcoin, para tirar dúvidas sobre a criptoativo, e assistiram tutoriais no YouTube sobre como extrair ether (por exigir menos investimento para ser minerado do que o bitcoin).

Os três têm uma característica em comum com o cofundador da moeda que utilizam: Vitalik Buterin iniciou os estudos para a criação do projeto Ethereum⁴ ainda adolescente, aos 17 anos. Hoje, Buterin é considerado o mais jovem criptobilionário e entrou para a lista da revista Forbes⁵ em maio de 2021, quando o ether atingiu cerca de U\$ 1,15 bilhão. Ele já figurava, desde 2018, na lista da mesma revista como um dos 30 mais ricos com menos de 30 anos na categoria Finanças⁶ e figurava, em dezembro de 2022, em um seleto grupo onde também estão Changpeng Zhao (CZ), fundador e CEO da Binance, uma plataforma de negociação de criptoativos; Tyler e Cameron Winklevoss, fundadores da Gemini, uma bolsa e custodiante de criptoativos; Jed McCaleb e Chris Larsen, cofundadores da Ripple, uma empresa

¹ Disponível em <https://www.theguardian.com/technology/2021/aug/27/boy-12-makes-29000-in-non-fungible-tokens-with-digital-whale-art>. Acessado em 28 set 2021.

² Disponível em <https://www.entrepreneur.com/article/381350>. Acessado em 28 set 2021.

³ Um criptoativo é, segundo a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), um ativo virtual, protegido por criptografia, presente exclusivamente em registros digitais, cuja operação é executadas e armazenada em uma rede de computadores. Ele surgiu para permitir que indivíduos ou empresas efetuem pagamentos ou transferências financeiras eletrônicas diretamente a outros indivíduos ou empresas sem a necessidade da intermediação de uma instituição financeira.

⁴ Disponível em <https://ethereum.org/en/>. Acessado em 28 set 2021.

⁵ Disponível em <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/05/criador-da-ethereum-e-o-bilionario-de-criptoativos-mais-jovem-do-mundo/>. Acessado em 29 set 2021.

⁶ Disponível em <https://www.forbes.com/profile/vitalik-buterin/?sh=5bd3e1e675dd>. Acessado em 29 set 2021.

que desenvolve soluções de pagamento baseadas em blockchain; Brian Armstrong, cofundador e CEO da Coinbase, uma das maiores bolsas de criptoativos do mundo; Matthew Roszak, cofundador e presidente da Bloq, uma empresa que oferece serviços de blockchain para empresas⁷.

Segundo reportagem da revista Wired⁸, Buterin nasceu na Rússia, onde viveu até os seis anos de idade até que seus pais imigraram para o Canadá. No terceiro ano do ensino fundamental, Buterin foi matriculado em uma escola para crianças superdotadas, o que o afastou abruptamente de seus amigos de infância. Na escola, desenvolveu seus talentos para matemática, programação e economia. Em 2011, aprendeu sobre bitcoin com seu pai, que tinha uma startup de software na época. Dois anos depois, escreveu um *white paper*, documento aprofundado e conciso, com os fundamentos para a criação do projeto Ethereum e seu criptoativo, o ether. A ideia se espalhou, ganhou adeptos e, em fevereiro de 2022, a capitalização de mercado do ether marcava R\$ 1,6 trilhão⁹. Exatamente um ano depois, esse valor caiu para R\$ 1 trilhão, por conta de motivos que veremos adiante.

Entre os anos de 2021 e 2023, o ether era considerado pela imprensa especializada¹⁰ o segundo criptoativo em maior valor de mercado. O primeiro é o bitcoin, criptoativo do projeto homônimo, Bitcoin. Conforme o site do projeto¹¹, em 2008, ele foi originalmente registrado e mantido pelos seus dois primeiros desenvolvedores, Satoshi Nakamoto (pseudônimo para uma pessoa ou um grupo, a identidade permanece em sigilo até o momento da escrita deste projeto) e o finlandês Martti Malmi. Quando Nakamoto deixou o projeto, em 2010, deu a propriedade do domínio a outras pessoas, alheias aos desenvolvedores do Bitcoin, para dividir a responsabilidade e impedir que qualquer pessoa ou grupo facilmente obtivesse controle sobre o projeto Bitcoin. Malmi abandonou a comunidade Bitcoin em 2011.

De 2011 a 2013, o site foi usado principalmente para lançar novas versões do software agora chamado de Bitcoin Core¹², que, grosso modo, é um projeto de código aberto para validar totalmente a blockchain e a carteira de bitcoin do usuário. Atualmente, o site é um projeto de

⁷ Disponível em [Who are the richest cryptocurrency billionaires? December 2022 list \(finbold.com\)](https://www.finbold.com/who-are-the-richest-cryptocurrency-billionaires-december-2022-list/). Acessado em 28 fev 2023.

⁸ Disponível em <https://www.wired.com/2016/06/the-uncanny-mind-that-built-ethereum/>. Acessado em 29 set 2021.

⁹ Conforme cotação disponível em <https://coinmarketcap.com/pt-br/>. Acessado em 06 mar 2022.

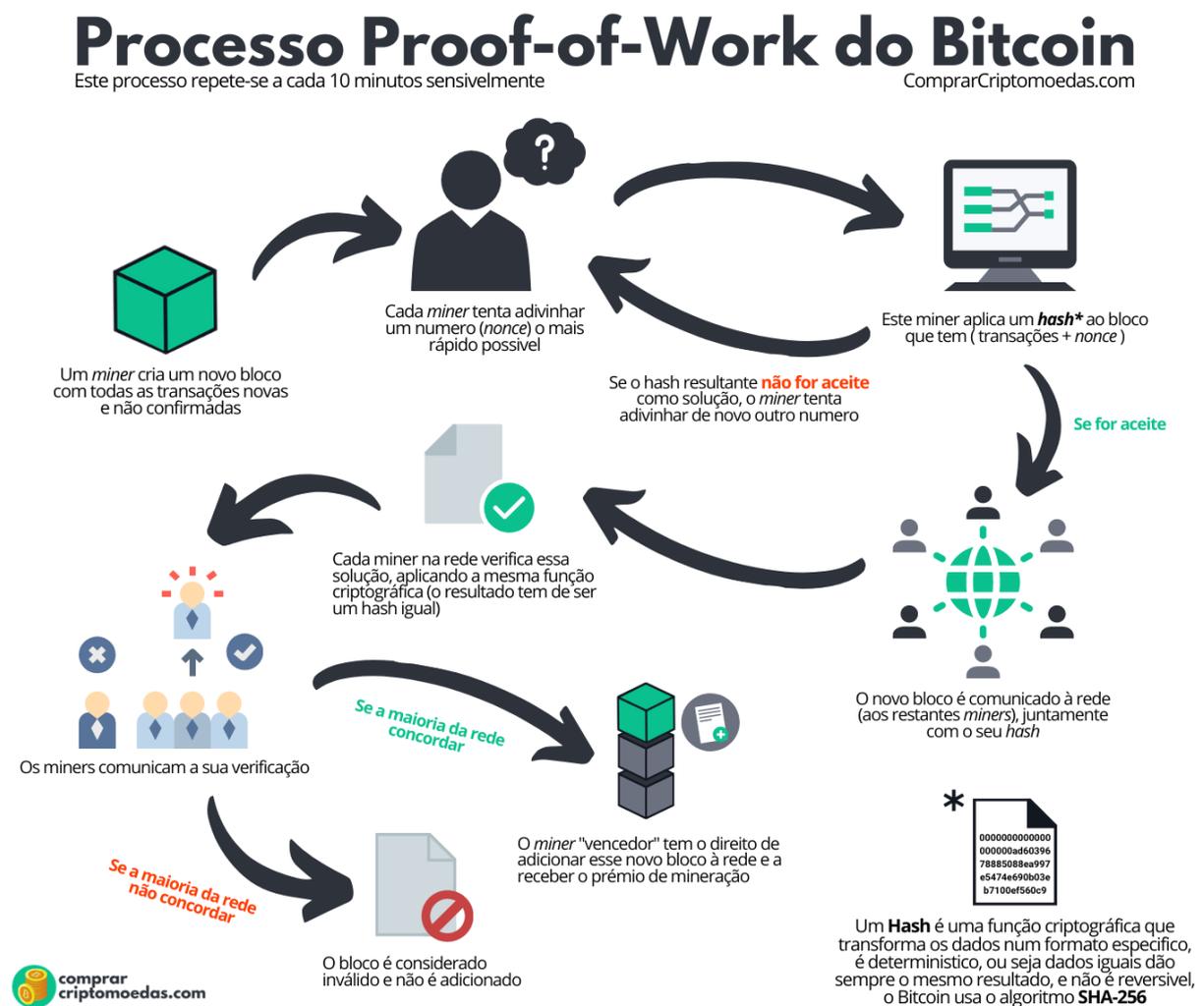
¹⁰ Mais informações no Jornal O Estado de S Paulo (<https://investidor.estadao.com.br/criptoativos/motivos-para-investir-ethereum/>), Exame (<https://exame.com/future-of-money/entenda-como-funciona-a-ethereum-o-segundo-maior-blockchain-do-mundo/>), Infomoney (<https://www.infomoney.com.br/guias/o-que-e-ethereum/>) e Valor Investe (<https://valorinveste.globo.com/mercados/cripto/noticia/2021/05/10/ethereum-a-segunda-maior-criptoativo-do-mundo-bate-us-4000-pela-primeira-vez.ghtml>). Acessos em 12 abr 2022.

¹¹ Disponível em https://bitcoin.org/pt_BR/sobre-nos#owntxt-title. Acessado em 29 set 2021.

¹² Disponível em <https://bitcoincore.org/en/about/>. Acessado em 29 set 2021.

código aberto independente, com a participação de pessoas do mundo inteiro. A autoridade final de publicação pertence aos coproprietários do domínio. O projeto define blockchain como um registro público de transações da moeda em ordem cronológica, compartilhada entre todos os usuários e utilizada para verificar a permanência de transações e impedir duplo gastos. Um *block* é um registro dentro da blockchain que contém e confirma várias transações em espera. A cada 10 minutos, aproximadamente, um novo bloco com transações Bitcoin é anexado à blockchain por meio da mineração, como mostra a Figura 1.

Figura 1 - Esquema de mineração de bitcoin



Fonte: comprarcriptoativos.com

Segundo o site, o nome Bitcoin, com inicial maiúscula, é usado para descrever o conceito ou a própria rede por completo. Já a palavra bitcoin com início em letra minúscula é usada para descrever a unidade de criptoativos na conta, cujas abreviações são BTC ou XBT.

O projeto Bitcoin existe em virtude da utilização de códigos criptografados, o que permite a criação de provas matemáticas que fornecem alto nível de segurança. Isso possibilita que qualquer um gaste fundos da carteira – física, armazenada no computador ou em um dispositivo denominado *cold wallet*, uma espécie de *pen drive*, ou na nuvem de servidores remotos, chamados de *web wallet* – de outro usuário. Para tanto, é fornecida uma senha privada com assinatura criptográfica, uma espécie de dupla checagem do proprietário. A criptografia também evita que alguém tente corromper a blockchain.

O vocabulário do Bitcoin.org¹³ explica, também, como funciona o processo de mineração de bitcoins. Conforme a descrição, esse é o processo de utilização de computadores para realizar cálculos matemáticos que confirmam as transações da rede Bitcoin e aumentam a segurança. Como recompensa por seus serviços, os mineiros Bitcoin podem receber as taxas das transações confirmadas, além de novas moedas criadas em cada bloco. A mineração é um mercado especializado e competitivo em que os benefícios são partilhados de acordo com o número de cálculos processados.

O vocábulo P2P (ponto-a-ponto) é descrito no Bitcoin.org como aos sistemas que trabalham como uma organização coletiva, permitindo que as pessoas interajam diretamente umas com as outras. No caso do Bitcoin, a rede é construída de modo que os utilizadores validem e transmitam as transações uns dos outros. Ao contrário do que ocorre com as moedas tradicionais, como dólar, real ou libra, por exemplo, os bancos não são necessários para intermediar as transações P2P e, portanto, não há regulação governamental.

Se há riscos, há aqueles que considerem que a balança pese mais para a bandeja dos benefícios. O sistema de criptoativos permitiria, segundo seus defensores, a descentralização do poder econômico, antes totalmente mantido pelos atores do sistema financeiro tradicional. Como disse Vitalik Buterin à Revista Wired,

Eu vi tudo relacionado à regulação governamental ou ao controle corporativo como sendo apenas um mal. E eu presumi que as pessoas nessas instituições eram como o Sr. Burns [personagem do desenho Os Simpsons dono da usina nuclear da cidade de Springfield], sentado atrás de sua mesa dizendo: ‘Excelente. Como posso ferrar com mil pessoas desta vez?’¹⁴

Em outra parte da entrevista, ele explica o que pretende com o projeto Ethereum:

Acho que grande parte das consequências será necessariamente descapacitar alguns desses jogadores centrais até certo ponto (...) porque, em última análise, o poder é um jogo de soma-zero. E se você falar sobre empoderar o carinha,

¹³ Disponível em https://bitcoin.org/pt_BR/vocabulario. Acessado em 06 mar 2022.

¹⁴ No original: “I saw everything to do with either government regulation or corporate control as just being plain evil. And I assumed that people in those institutions were kind of like Mr. Burns, sitting behind their desks saying, ‘Excellent. How can I screw a thousand people over this time?’”

por mais que você queira dizer em uma terminologia florida que faça isso parecer fofo e bom, você está necessariamente descapacitando o grandalhão. E, pessoalmente, eu digo para ferrar o grandalhão. Ele já tem dinheiro suficiente¹⁵.

As vantagens alegadas pelos defensores do bitcoin de se fazer parte de um modelo financeiro no qual, para ganhar dinheiro, não é necessário ter um emprego, abrir uma empresa ou ser um investidor de bolsas de valores – e, nos três casos, estar sujeito ao pagamento de impostos – vem atraindo cada vez mais pessoas. A pesquisa *Measuring Global Crypto Users*, realizada pela empresa *Crypto.com* (plataforma onde é possível comprar, vender e manter criptoativos em uma carteira digital, além de outras funcionalidades), apontou que, em janeiro de 2021, mais de 106 milhões de pessoas eram usuárias do sistema. Dessas, 71 milhões são proprietárias de bitcoins e 14 milhões de ether – 25% das pessoas investem nas duas moedas. Os dados revelam, ainda, que houve um incremento de 15,7% no número de investidores em bitcoins em relação a dezembro de 2020. Em março de 2022, a capitalização de mercado global de criptoativos era de R\$ 8,90 trilhões¹⁶. Um ano depois, por conta de sucessivas crises, esse valor caiu para R\$ 5,54 trilhões.

Os eventos prováveis que impulsionaram a adoção de criptoativos, segundo a pesquisa, foram o enorme crescimento do DeFi (finanças descentralizadas – DeFi – é um sistema de aplicativos financeiros construído em redes blockchain sem a presença de um intermediário centralizado), a abertura de serviços cripto pela plataforma de pagamentos online PayPal e o anúncio, por parte de grandes empresas como Tesla, Visa, MasterCard, Microsoft e até mesmo Starbucks, de aceitação de pagamentos com bitcoin (CRYPTO.COM, 2021).

1.1 Ecossistema cripto, um território dos nativos digitais

Uma reportagem do site da Nasdaq¹⁷, segundo maior mercado de ações em capitalização de mercado no mundo, depois da Bolsa de Nova York, listou investidores famosos que estão “no trem” do criptomercado, como Paul Tudor Jones (fundador da Tudor Investment

¹⁵ No original: “I think a large part of the consequence is necessarily going to be disempowering some of these centralized players to some extent,” he says. “Because ultimately power is a zero-sum game. And if you talk about empowering the little guy, as much as you want to couch it in flowery terminology that makes it sound fluffy and good, you are necessarily disempowering the big guy. And personally, I say screw the big guy. They have enough money already.”

¹⁶ Conforme cotação disponível em <https://coinmarketcap.com/pt-br/>. Acessado em 06 mar 2022.

¹⁷ Disponível em: <https://www.nasdaq.com/articles/5-famous-investors-who-are-on-the-crypto-train-2021-06-17>. Acessado em 04 out 2021.

Corporation, que “previu” o crash da Black Monday¹⁸ e fez fortuna a partir de suas análises), Asthon Kutcher (ator, ativista, cofundador de empresas de capital de risco e um dos primeiros investidores da Uber e da Airbnb) e Elon Musk (fundador da Tesla e da SpaceX, empresa que, em setembro de 2021, enviou a primeira tripulação somente de civis para a órbita da Terra). Esses nomes emprestam sua credibilidade ao sistema e figuram ao lado de dezenas de influenciadores digitais que aliam seus expertises nas mídias digitais à propaganda de uma ou outra criptoativo, promoção de *exchanges* (como são chamadas as corretoras de criptoativos) e até de cursos sobre como iniciar esse tipo de investimento ou como fazer *trade* (transação de compra e venda de criptoativos entre usuários anônimos com a negociação de valores entre eles), entre outros.

Elon Musk é um dos principais porta-vozes desse “criptomundo”, em que a regulação não é um problema do ponto de vista financeiro: após ser monitorado e a Tesla punida por conta de tuítes em que Musk supostamente teria manipulado o mercado de ações norte-americano, ele passou a fazer o mesmo, mas em relação às criptoativos. Conforme Ante (2021), as publicações de Musk no Twitter têm um impacto real no mercado cripto. O estudo realizado pelo autor a partir do cruzamento de dados de seis postagens do bilionário em 2021 e o volume de negociações de bitcoin e dogecoin identificou um volume de negociação anormal altamente significativo após cada post, com retornos de até 18,99% para o bitcoin e 17,31% para o dogecoin¹⁹.

O estudo apontou que, quando Musk mudou sua bio²⁰ no Twitter em 29 de janeiro de 2021 para #bitcoin, houve um retorno anormal cumulativo (a diferença entre o retorno real e o esperado pelo investidor) de 6,31% em 30 minutos, que aumentou para 13,19% em uma hora e atingiu 18,99% em um período de sete horas. O tuíte de Musk de 20 de dezembro de 2020 “*One word: Doge*” (Uma palavra: Doge) resultou em um retorno anormal cumulativo de 8,17% em 15 minutos e 17,31% em uma hora. Ante (2021) conclui que os dois eventos ilustram o impacto significativo que a atividade de Elon Musk no Twitter pode ter nos mercados de criptoativos.

¹⁸ Em 19 de outubro de 1987, por conta de fatores que incluem a elevação da inflação nos Estados Unidos, a Guerra do Golfo Pérsico, o crescimento do uso de computadores para operações no sistema financeiro, entre outros, provocaram queda superior a 22% do índice Down Jones (indicador que representa a situação das ações das 30 maiores empresas da Bolsa de Nova Iorque).

¹⁹ Primeira moeda meme, foi criada em 2013 por dois programadores, Billy Markus e Jackson Palmer, com o objetivo de ser diferente do bitcoin. A ideia surgiu após uma brincadeira, já que o nome faz referência a um meme que, mais tarde, foi considerado um dos principais dos anos 2010. Mais detalhes sobre o meme doge em <https://knowyourmeme.com/memes/doge>. Acesso em 05 out 2021.

²⁰ Informação inserida pelo usuário do Twitter logo abaixo do nome e endereço de perfil, comumente utilizada para indicar características descritivas do responsável pela conta.

Para o autor, embora a mudança na bio do Twitter possa ter sido um sério sinal de apoio ao bitcoin, o tuíte sobre o dogecoin foi uma brincadeira e, considerando que uma piada feita pela pessoa mais rica do mundo causou uma reação tão significativa do mercado, isso ilustra o impacto dos discursos de pessoas ou empresas influentes nos mercados de criptoativos. O estudo aponta que, embora esse exemplo seja extremo, existe um grande número de outros atores influentes que comunicam suas opiniões sobre criptoativos pelas mídias sociais e pode haver uma conexão entre suas falas e a manipulação artificial de preços. Se um único tuíte pode potencialmente levar a um aumento de US\$ 111 bilhões na capitalização de mercado do bitcoin, a mesma estratégia poderia eliminar um valor semelhante (ANTE, 2021).

Em virtude da premissa de anonimato dos participantes do ecossistema cripto, que este projeto irá compreender como o conjunto composto por usuários, pesquisadores, mineradores, investidores, plataformas, códigos, grupos de discussão etc. de projetos como os do Bitcoin e Ethereum, por exemplo, as pesquisas acadêmicas recentes apenas conseguem detectar quem são os investidores em criptoativos cadastrados em empresas que atuam no sistema financeiro tradicional. A Visa Inc., autointitulada empresa líder em pagamentos digitais, realizou estudo em oito países, inclusive no Brasil, com nove grupos focais, 10 entrevistas em profundidade e 6.430 respondentes de pesquisa online entre julho e setembro de 2021 (VISA; LRW MATERIAL COMPANY, 2021). Entre os achados, o estudo concluiu que os fatores para os entrevistados tenham a intenção de possuir e usar criptoativos são “participar da maneira financeira do futuro e construir riqueza” (42% e 41% dos proprietários, respectivamente). Para aqueles que já fazem transações com criptoativos, grande parte é motivada por “evitar taxas de conversão de câmbio” (30%), “ser capaz de transacionar a qualquer momento” (29%) e “baixas taxas de transação” (23%). Do total de participantes, 59% acreditam que “será necessário que as instituições financeiras abracem as criptoativos para que se tornem amplamente aceitas”. O interesse no uso de criptoativos para pagamento de bens e serviços é limitado a 19% do total de respondentes, mas 55% deles tem interesse em cartões de crédito vinculados a criptoativos; 57% sinalizam positivamente que fariam parte do ecossistema a partir do recebimento de recompensas via uso de cartão de crédito.

A pesquisa identificou que 32% dos entrevistados têm criptoativos, 21% têm curiosidade e 11% são céticos. A maior fatia (37%), no entanto, não tem interesse no assunto. Os números mudam, no entanto, quando o cenário é dividido entre mercados desenvolvidos (Estados Unidos, Austrália, Alemanha, Hong Kong e Reino Unido) ou em desenvolvimento (Argentina, Brasil e África do Sul), onde a pesquisa foi realizada. Nos mercados emergentes,

37% detêm criptoativos. O número reduz um pouco no Brasil: 34% são proprietários, 29% curiosos e o mesmo percentual, desinteressados.

Uma visão mais aprofundada no mercado brasileiro foi realizada pela Fundação Getúlio Vargas junto ao University Blockchain Research Initiative (UBRI) e em parceria com a Hashdex, empresa brasileira que oferece fundos de investimento em criptoativos. A pesquisa (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS; UNIVERSITY BLOCKCHAIN RESEARCH; HASHDEX, 2021a) teve o objetivo de mapear o perfil e os fatores que atraem e repelem investidores brasileiros do ecossistema de criptoativos. O estudo foi feito junto a investidores de criptoativos e os que nunca se engajaram nesse mercado. O convite para participação na pesquisa se deu através de envio de e-mails para a base de clientes de cinco escritórios de agentes autônomos que foram parceiros do estudo. Foram 576 respondentes, 77% deles do gênero masculino. Os com idade entre 30 e 39 anos representam 27%, os com 60 anos ou mais, 24%, os que têm entre 40 e 49 anos somam 22% e os com idade entre 50 e 59 são 19%. Apenas 6% dos respondentes têm menos de 29 anos. Cabe ressaltar que essa pesquisa foi realizada junto aos que utilizam os serviços da empresa Hashdex, não podendo ser estendida a todo o universo de interessados e/ou proprietários de criptoativos.

A primeira parte das conclusões da pesquisa é que quanto mais jovem o grupo de pesquisados, maior a tolerância a riscos; que o conhecimento em criptoativos se mostrou maior entre os investidores com menos de 29 anos, de perfil de risco agressivo ou com curso superior relacionado a finanças. Ainda, que a propensão a investir uma renda adicional em criptoativos é maior entre aqueles com mais conhecimento sobre elas e entre os que estão pessimistas com relação à economia brasileira (os mais otimistas são os com idade entre 50 e 59 anos, que pretendem investir em ações).

À pergunta de múltipla escolha “Supondo que esse mês você tenha uma renda adicional, em qual dos investimentos você preferiria alocar essa renda?”, houve 415 respostas para ações, 233 para títulos privados de renda fixa, 160 para criptoativos, 109 para tesouro direto, 106 para commodities, 76 para câmbio e 10 para poupança. Ou seja: as criptoativos foram a terceira opção mais indicada.

A segunda fase de análise da pesquisa olhou especificamente para os respondentes que já investiram em criptoativos. Eles são mais jovens (a maioria entre 20 e 39 anos), mais tolerantes a riscos e mais pessimistas em relação à economia brasileira. Metade começou a investir em criptoativos entre 2020 e 2021. Entre os investidores cripto, 14,6% são mulheres (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS; UNIVERSITY BLOCKCHAIN RESEARCH; HASHDEX, 2021b).

Identificar o perfil dos investidores em criptoativos como um todo é um desafio, pois o ecossistema cripto é, por essência, irrastrável. No entanto, pode-se inferir, a partir da amostra da pesquisa acima descrita, que o público que detém maior conhecimento sobre as criptoativos é nativo digital (PRENSKY, 2001). Na mesma linha, estudo realizado pela *exchange* australiana BTC Markets (2021) aponta que seus clientes – a empresa oferece carteiras digitais e troca de criptoativos por dinheiro – são, majoritariamente, pessoas com idade entre 25 e 44 anos (69%). Aqueles que têm entre 18 e 24 anos representam 8% dos usuários, mas a pesquisa faz uma ressalva: muitos investidores de criptoativos, particularmente nessa faixa etária, usam múltiplas plataformas para a conversão em dinheiro, bem como cold wallets para o armazenamento das moedas virtuais, o que reduz a quantidade de usuários desse segmento. Mesmo assim, a empresa obteve aumento de 24% do número desses clientes em 2021 em comparação com o ano anterior. Do total de investidores, 77% são homens.

O estudo incluiu uma *survey* com 1.800 respondentes. À pergunta sobre qual o principal fator considerado para decidir em qual criptoativo investir, 57% informaram que fazem pesquisas por conta própria sobre o *whitepaper* do projeto, o que diz sua comunidade e engajamento (aqui, entendido pelos volumes movimentados e quantidade de transações realizadas diariamente). Já 12% afirmaram que investem a partir de informações sobre o desempenho prévio do ativo, e 10% apontaram os discursos de influenciadores digitais e pares nas redes sociais (como Twitter, Facebook, Reddit, YouTube, TikTok, entre outros) como os maiores indicadores para suas escolhas. Para 9% dos participantes, a performance do bitcoin, por si só, é suficiente para determinar o investimento em criptoativos, enquanto 8% são influenciados por dicas de familiares, colegas e amigos. Apenas 2% são guiados por assessores de investimentos; o mesmo percentual investe a partir da exposição a criptoativos de forma indireta, como a utilização de meios de pagamento que operem com esse tipo de ativo – PayPal, por exemplo –, fundos negociados em bolsa de valores, adoção por empresas e até mesmo governos, entre outros.

O indicativo de que os discursos presentes nas redes sociais são o terceiro principal fator apontado para as eleições de investimento dos respondentes à pesquisa aponta a importância do que dizem os influenciadores digitais e as celebridades do ecossistema cripto aos seguidores em seus perfis nas eleições de como aplicar seu dinheiro. Essa perspectiva é corroborada, por exemplo, por pesquisas como as de Freitas (2021), sobre o impacto dos influenciadores digitais na intenção de compra – em âmbito geral –, e de Bento (2021), cuja análise foi realizada no corte da geração Z, ambas sem direcionamento para algum mercado específico. A partir de um questionário junto a 252 pessoas moradoras de Portugal, Freitas identificou que 56% delas

seguem influenciadores digitais, sendo a maioria jovens de 15 a 20 anos (43%). Inversamente proporcional na pirâmide etária é o índice dos que não seguem: o maior percentual é de pessoas acima de 45 anos (33%).

Dos que seguem influenciadores digitais, 81% consideram que a existência desse tipo de profissional contribui para sua maior participação nas redes sociais. Sobre as razões que lhes levam a interagir com os influenciadores, 30% das respostas (a questão permitia a escolha de duas opções) apontaram as dicas de compras, de viagens e de receitas como causa principal, e 29% indicaram que eles proporcionam inspirações e novas ideias. O estudo concluiu, também, que a intenção de compra dos participantes da pesquisa vai de média à alta quando sugestionados por influenciadores digitais.

De outra banda, a pesquisa de Bento teve o intuito de verificar o impacto dos microinfluenciadores digitais na intenção de compra da geração Z, que compreende os nascidos depois de 1997. Dos 159 respondentes ao questionário online (a maioria de nacionalidade portuguesa e britânica), 53% tinham entre 16 e 20 anos, 44% de 21 a 24 anos, e os demais (3%) com menos de 16. A maioria (63%) disse que têm muito em comum com os microinfluenciadores que segue; 60% usam os mesmos produtos e têm o mesmo estilo que eles, e mais da metade têm os mesmos hobbies. Ainda, 57% entendem o microinfluenciador como alguém especialista no seu domínio e 49% consideram comprar produtos que sejam recomendados por eles no futuro.

No ecossistema cripto, os influenciadores digitais vão desde celebridades de outras áreas, como Elon Musk, o rapper Snoop Dog, o pugilista brasileiro Vitor Belfort e a cantora Anitta, até pessoas que ficaram famosas por acertarem alguns investimentos e divulgarem a estratégia para suas façanhas. Um deles é o investidor Lark Davis. Com 1 milhão de seguidores no Twitter em fevereiro de 2023, ele distribui semanalmente um relatório com tutoriais sobre finanças descentralizadas, informações sobre criptoativos alternativas, as chamadas altcoins, melhores vendas, entre outros. Já o trader anônimo CrediBULL Crypto, com 898 mil seguidores no Twitter, divulga previsões sobre o mercado, análises das variações diárias e divulgação de vendas de novos tokens, por exemplo. Ambos têm canais no YouTube, onde divulgam vídeos com tutoriais sobre utilização de plataformas e transações P2P, por exemplo, ou análises de como anda o mercado das mais diversas criptoativos – CrediBULL Crypto tem 41 mil inscritos, enquanto Davis supera a marca de 1 milhão.

1.2 Bem-estar comum e regulamentação

Mas não é só de interesses individuais que sobrevive o ecossistema. A cidade de Niterói (Rio de Janeiro) pretende criar uma criptomoeda própria, com foco na preservação ambiental²¹. A ideia da moeda chamada nite, desenvolvida pela prefeitura da cidade em parceria com a Universidade Federal Fluminense e com a Fundação Euclides da Cunha, é premiar ações individuais de cidadãos que gerem benefícios coletivos. O protótipo da nite já foi concluído e o projeto tem expectativa de início das operações em 2023. Também no estado do Rio de Janeiro, o reitor do santuário do Cristo Redentor informou²², no aniversário de 90 anos do monumento, que o fundo de investimento da instituição, mantido pela Igreja Católica, o Cristo, será convertido em criptomoedas para projetos de amparo aos mais pobres. O fundo tem, atualmente, R\$ 30 milhões. Em março de 2022, o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, anunciou a intenção de aceitar pagamento de impostos municipais em bitcoin²³.

Outra iniciativa é a da empresa de NFT Bookblocks.io, que lançou no início de outubro de 2021 um NFT cujos lucros serão destinados à uma instituição para fornecer acesso à educação para mulheres afegãs²⁴. Também há a startup Colossal, patrocinada por dois criptobilionários, que tem o objetivo de trazer de volta da extinção os mamutes peludos como um esforço para combater as mudanças climáticas²⁵.

No âmbito governamental, El Salvador, na América Central, foi o primeiro país a adotar, em junho de 2021, o bitcoin como ativo legalizado²⁶, seguido da República Centro-Africana²⁷

Os presidentes de Panamá e Venezuela também já acenaram na mesma direção. A Ucrânia aprovou legislação que legaliza e regula o bitcoin, e planeja abrir o criptomercado para empresas e investidores, mas a intenção não é, ao contrário de El Salvador, colocar as criptomoedas em pé de igualdade com a moeda nacional.

Com a guerra entre Rússia e Ucrânia, iniciada em fevereiro de 2022 pelo presidente russo Vladimir Putin por conta da intenção ucraniana de entrar para a Organização do Tratado

²¹ Disponível em <https://coingecko.com.br/news/niteroi-will-create-its-own-cryptocurrency-with-a-focus-on-preserving-the-environment>. Acessado em 17 out 2021.

²² Disponível em <https://istoe.com.br/aos-90-anos-o-cristo-redentor-se-tornara-criptoativo-para-ajudar-os-pobres/>. Acessado em 18 out 2021.

²³ Disponível em <https://exame.com/future-of-money/rio-de-janeiro-confirma-que-vai-incorporar-bitcoin-ao-tesouro-da-cidade/>. Acesso em 12 abr 2022.

²⁴ Disponível em <https://coingecko.com.br/news/nft-project-partners-with-afghanistan-organization-to-help-women-get-access-to-education>. Acessado em 17 out 2021.

²⁵ Disponível em <https://coingecko.com.br/news/bitcoin-billionaires-back-moonshot-to-resurrect-woolly-mammoths-and-save-the-planet>. Acessado em 17 out 2021.

²⁶ Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/business/el-salvador-se-torna-o-primeiro-pais-a-adotar-bitcoins-como-moeda-oficial/>. Acessado em 18 out 2021.

²⁷ Disponível em [Bitcoin é adotado como moeda oficial em mais um país | Criptoativos | Valor Investe \(globo.com\)](https://globo.com/criptoativos/bitcoin-adoado-como-moeda-oficial-em-mais-um-pais). Acessado em 28 fev 2023.

do Atlântico Norte (Otan) e expor a fronteira russa ao poderio militar da Otan, os criptoativos ganharam protagonismo. Isso porque a Ucrânia recebeu doações de criptoativos para ajudar o país, tanto para a solução da crise humanitária quanto para a compra de armas, munições e mantimentos para o exército. Além disso, as transações em criptoativos se tornaram uma forma de burlar as sanções econômicas aplicadas por diversos países à Rússia, que incluem desde bloqueios às contas de Putin e seus aliados no Ocidente à suspensão das operações de cartões de crédito como Visa, Mastercard e American Express²⁸ naquele país.

Na Europa, Portugal vem autorizando o ingresso de *exchanges* em seu território, enquanto a Alemanha regulamentou a possibilidade de que fundos de investimento institucionais aloquem até 20% dos seus patrimônios em bitcoin ou ether. Na África, há projetos de parceria entre o projeto Cardano e o governo da Etiópia para criação de um sistema de blockchain para levar internet e tecnologia da informação para escolas públicas, e as administrações de Quênia e Tanzânia pretendem seguir o exemplo da República Centro-Africana e de El Salvador.

No Brasil, desde 2018, fundos brasileiros já podem fazer investimentos indiretos em criptoativos no exterior – comprando derivativos ou cotas de outros fundos, por exemplo. Também, há diversas *exchanges* em funcionamento – a Binance, principal empresa do setor no mundo, opera em reais, tem CNPJ²⁹ e alega estar se preparando para as adequações exigidas pela Receita Federal. O intuito divulgado pela empresa, com essa predisposição em proporcionar uma transparência não regulamentada no país, vai no sentido de melhorar a imagem da criptoeconomia, que frequentemente é tema de reportagens na imprensa por conta de fraudes – como os esquemas de pirâmide financeira. Um dos casos que dominou os noticiários é o do chamado Faraó do Bitcoin, preso em julho de 2021 por suposto envolvimento em um esquema de pirâmide que levou ao bloqueio judicial de R\$ 38 bilhões – as investigações da Polícia Federal apontam que os investidores depositavam cerca de R\$ 2 bilhões por hora nas contas do suspeito³⁰. Situação semelhante, mas de menor monta, é a do conhecido como Rei do Bitcoin, preso pela Polícia Federal um mês antes. As investigações apontam que ele teria chefiado uma organização criminosa que desviou R\$ 1,5 bilhão de 7 mil pessoas, que

²⁸ Conforme notícia publicada pela CNN Brasil, disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/business/criptoativos-ganham-protagonismo-na-guerra-entre-ucrania-e-russia>. Acesso em 10 mar 2022.

²⁹ Disponível em <https://criptonizando.com/binance-comecara-a-reportar-a-receita-federal-seguindo-criacao-de-cnpj-no-brasil/>. Acessado em 18 out 2021.

³⁰ Disponível em <https://www.tecmundo.com.br/mercado/225850-bitcoins-arrecadava-r-2-bilhoes-hora-aponta-gravacao.htm>. Acessado em 18 out 2021.

acreditavam estar investindo dinheiro em bitcoins por meio da empresa chefiada pelo suspeito³¹.

Esse tipo de fraude é, em certa medida, favorecido pela falta de regulação do criptomercado – apesar de ocorrerem crimes no mercado tradicional mesmo com legislação consolidada desde 1976. No Brasil, o PL 2303/15³², que prevê a regulamentação da prestação de serviços de ativos virtuais por um órgão do governo federal, foi aprovado pela Câmara dos Deputados no dia 8 de dezembro de 2022. No entanto, ele ainda precisa ser votado pelo Senado para se tornar lei. Nos Estados Unidos, há 18 projetos de lei em discussão no Congresso³³, segundo a revista Forbes. Em sentido oposto, a China banuiu qualquer atividade de transação e mineração – cidadãos chineses que moram fora do país não estão isentos da medida, já que o governo daquele país anunciou que também irá fiscalizá-los³⁴.

Esta tese irá se debruçar sobre os discursos que permearam o Twitter entre os dias 06 e 17 de maio de 2022, os primeiros dez dias da crise de confiança que o ecossistema cripto sofreu por conta do colapso do criptoativo luna, que perdeu 99,98% do seu valor em uma semana – de R\$ 423 em 05 de maio para R\$ 0,076 em 12 de maio³⁵. O criptoativo luna era pareado com a *stablecoin* terra, cuja estabilidade de preços era, em tese, garantida por um algoritmo que determinava a contração ou expansão da oferta monetária. Só que o algoritmo falhou e a luna arrastou para o fundo do poço o bitcoin – da cotação de R\$ 184 mil em 06 de maio para R\$ 156 mil no dia 17, uma queda de 18%³⁶.

O ecossistema cripto é, por sua constituição, volátil e em constante movimento, ora mais vantajoso para os investidores, ora menos. Nos momentos de alta, ele se torna atraente para a ideologia capitalística e os períodos de crise se tornam interessantes para sua cooptação, como veremos nesta tese. Para compreender a conjuntura global que levou à sua emergência e as estratégias comunicacionais que o capitalismo utiliza para se adaptar e se manter como principal sistema econômico e social no mundo, esta tese irá navegar pelos conceitos teóricos que explicam seu sucesso ao longo dos séculos, os movimentos revolucionários pelos quais passou

³¹ Disponível em <https://istoe.com.br/rei-do-bitcoin-e-presos-pela-pf-suspeito-de-desviar-r-15-bilhao-em-golpe/>. Acessado em 18 out 2021.

³² Disponível em https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/especiais/56a-legislatura/banco-central-regular-moedas-virtuais/atribuicoes/copy_of_criacao-e-constituicao. Acessado em 18 out 2021.

³³ Disponível em <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/08/congresso-dos-eua-discute-18-projetos-de-lei-para-regulamentacao-das-criptoativos-e-blockchain/>. Acessado em 18 out 2021.

³⁴ Disponível em <https://olhardigital.com.br/2021/09/24/pro/bitcoin-banido-china-criptoativos/>. Acessado em 18 out 2021.

³⁵ Segundo informações divulgadas pela imprensa, disponíveis em [Criptoativo luna perde 99,98% de seu valor em sete dias após falha em algoritmo \(cnnbrasil.com.br\)](https://cnnbrasil.com.br/criptoativo-luna-perde-99-98-de-seu-valor-em-sete-dias-apos-falha-em-algoritmo). Acessado em 02 mar 2023.

³⁶ Disponível em <https://br.investing.com/crypto/bitcoin/btc-brl-historical-data>. Acessado em 02 mar 2023.

e se adequou, até a contemporaneidade. Hoje, o paradigma da digitalidade, do qual as redes sociais se destacam por agregar ao cotidiano da sociedade e representar um *locus* de embate discursivo, mereceu atenção especial desta pesquisa.

A importante participação das redes sociais na incorporação, manutenção e dissipação de ideologias precisa de uma contextualização para além do campo da Comunicação e, por isso, em sua construção teórica, esta tese viajará, no capítulo 3, para o início das discussões sobre ideologia, trazendo conceitos aristotélicos, galileanos, baconianos e cartesianos que conversam com a contemporaneidade de Thompson, passando por De Tracy, Comte, Marx e Engels, Lukacs e Mannhein. A compreensão da evolução do capitalismo até o ultracapitalismo passa pelos caminhos pavimentados por Weber, Boltanski e Chiapello, Dowbor, Cloke e Golumbia. Como essa via se constrói por e pela subjetivação capitalística, foram realizadas aproximações entre as proposições teóricas de Thompson, Latour, Dodd, Hayes, Morin, Guattari e Rolnik, Rose, Byung-Chul Han, Foucault e Deleuze. Esse movimento, que gera um novo modo de existência a partir da relação direta entre criptoativos e redes sociais, é analisado sob as perspectivas de Honneth, Hardt e Negri, Antoun, Dufour, Gallo, Maesse e Nicoletta. Thompson também é o autor que inspirou a construção da análise do objeto empírico desta tese.

1.3 Tema de pesquisa

Após uma reativagem proporcionada pela construção da pesquisa depois da qualificação do projeto de tese, o tema desta pesquisa é o embate discursivo no Twitter sobre os criptoativos como estratégia de cooptação pela ideologia capitalística.

1.4 Pergunta de pesquisa

Assumindo a premissa teórica de Thompson de que uma ideologia pode cooptar outra, como as manifestações sobre a criptoideologia são pressionadas pelas forças capitalísticas no processo de subjetivação dos usuários do Twitter?

1.5 Objetivos geral e específicos

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender como se manifestam e interagem entre si os discursos sobre a ideologia capitalística e o ecossistema cripto no Twitter.

Os objetivos específicos foram:

- a) Identificar os gradientes de positividade e negatividade dos discursos sobre o ecossistema cripto e sobre a ideologia capitalística no Twitter.
- b) Detectar quais forças de pressão do poder capitalístico sobre a subjetivação dos usuários estão presentes nesses discursos.
- c) Compreender como se deu a relação entre os discursos no Twitter para o reforço ou a repulsão à criptoideologia.

2 JUSTIFICATIVA

As palavras criptoativo, criptomoeda e blockchain tornaram-se chavões na mídia e nas redes sociais e, como aponta Hayes (2019), vem atraindo crescente interesse acadêmico, principalmente das Ciências da Computação e da Economia. No entanto, ele argumenta que o assunto também necessita de tratamento de outros campos, como das Ciências Sociais. Partindo do princípio de que a área da Comunicação e Informação fazia parte das Ciências Sociais Aplicadas I no quadro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) até 2019, e que o documento de Área de 2019 aponta que ela diz respeito a fenômenos centrais da sociedade contemporânea, bem como que a rede, as mídias, os fluxos e os processos informacionais edificam uma nova sociedade e constituem problemáticas e objetos de estudo instigantes e inovadores, compreende-se que o tema é afeito aos estudos de Comunicação. Além disso, o relatório aponta que “A Era Digital e as transformações tecnológicas vivenciadas induzem novos campos do saber e impõem novos temas aos pesquisadores da área” (EDUCAÇÃO, 2019, p. 3).

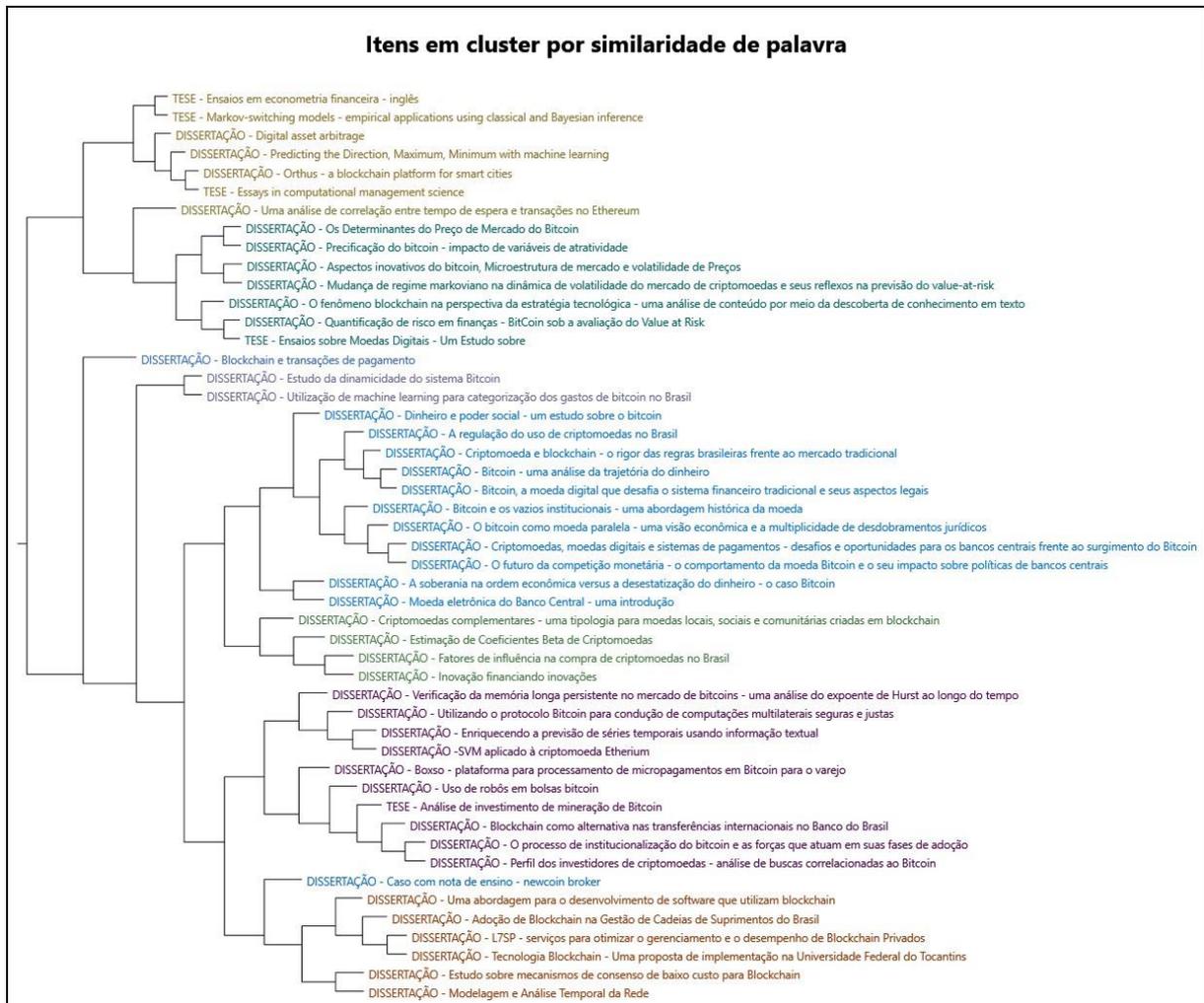
Hayes (2019) defende que os criptoativos carregam uma ideologia em torno de tópicos como privacidade online e direitos individuais e constituem novos e importantes objetos de inquérito social que devem ser entendidos para além do contexto econômico. Uma das abordagens possíveis, partindo dessa lógica, é o estudo sobre a relação entre o tema, os agentes envolvidos e o universo digital no qual estão inseridos, o que inclui as redes sociais.

O objeto é pouco pesquisado no Brasil. Em consulta à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) sobre os assuntos bitcoin, criptoativos, blockchain e ethereum (a busca indexou os assuntos aprendizado de máquina, inovação, previsão de séries temporais, regulação e aprendizado em fluxo de dados como diretamente relacionados), foram localizadas 52 dissertações e cinco teses. As pesquisas concentram-se nas áreas de conhecimento de Ciências da Computação, Administração, Economia e Direito, sendo que não há nenhuma inserida na área da Comunicação e Informação. Uma análise de cluster – em que as conexões mais fortes também são mais recíprocas e tendem a constituir agrupamentos (RECUERO, 2017) – realizada com o software NVivo aponta a relação textual entre as pesquisas, conforme a Figura 2.

De cima para baixo, pode-se distinguir as separações a partir de temas como modelos estatísticos preditivos com aprendizagem de máquina para atuação no mercado cripto, precificação de criptoativos, regulação do mercado e programação computacional para

melhoria do sistema blockchain. Além de não haver pesquisa na área da Comunicação, também não existe nenhuma relacionada à problematização social do tema.

Figura 2 - Agrupamento de teses e dissertações a partir da similaridade de conteúdo



Fonte: Autora

A partir dos dados apresentados, em âmbito nacional, a pesquisa proposta neste projeto pode contribuir com os estudos no campo da Comunicação sobre a contemporaneidade e o espírito do tempo.

Em relação às pesquisas internacionais, em pesquisa no Google Acadêmico a partir da busca avançada pelas palavras em inglês “*cryptocurrency*”, “*social media*” e “*communication*”, em que os três termos devem estar presentes no texto, com classificação por relevância a qualquer momento e em qualquer idioma, os dez primeiros estudos apresentados dizem respeito, principalmente, sobre possibilidades de prever movimentos de preços dos criptoativos por meio da análise de tópicos discutidos em redes sociais como o Twitter.

Com base nessas considerações a respeito das pesquisas já publicadas, acredita-se que o estudo aqui proposto possui relevância acadêmica. Isso porque este trabalho tem o objetivo de contribuir para a compreensão do cenário socioeconômico atual, especialmente no que se refere às imbricações entre os discursos presentes em arenas públicas digitais como o Twitter, o mercado financeiro e o ecossistema cripto. As constantes alterações decorrentes das relações de poder travadas na digitalidade sobre as quais esta pesquisa se debruça atingem contornos que o campo da Comunicação precisa estar atento.

Esta tese aborda as práticas discursivas no Twitter, empresa que foi comprada por Elon Musk em 27 de outubro de 2022 por US\$ 44 bilhões³⁷. À imprensa, Musk disse, na época, que “Liberdade de expressão é o seio de qualquer democracia funcional, e o Twitter é a praça digital em que tudo que importa para a humanidade é debatido”. O relatório anual do Hootsuite aponta que a plataforma tinha 436 milhões de usuários ativos em 2022, muito abaixo do Facebook, que atingiu 2,9 bilhões. No entanto, ela é apontada por pesquisadores como a principal plataforma utilizada por políticos, veículos de comunicação, acadêmicos e ativistas para o debate público de ideias³⁸. Por outro lado, é também um ambiente em que a circulação de desinformação representa uma ameaça constante à democracia e, inclusive, foi alvo de investigação junto a outras redes sociais pelo Ministério Público Federal durante o pleito eleitoral de 2022 no Brasil³⁹. Diversas iniciativas surgiram por parte das plataformas⁴⁰, mas que não evitaram a propagação de notícias falsas no primeiro e segundo turnos. Nesse sentido, este trabalho segue o caminho de diversos estudos acadêmicos preocupados, em todo o mundo, com o percurso das práticas ideológicas no ambiente digital.

Uma pesquisa, no entanto, não se constrói apenas por necessidades acadêmicas. E, aqui, entra a pesquisadora Marjuliê. Minha tese começou a ser gestada na dissertação de Mestrado, defendida em 2018. Naquele trabalho, investiguei os processos de subjetivação capitalística sobre o feminismo por meio da análise de discurso em entrevistas semiestruturadas junto a modelos de pornografia soft. Academicamente, a pesquisa concluiu que as garotas acabavam sendo convencidas pela ideologia capitalística que valia a pena vender suas imagens nuas por um valor irrisório em troca de uma chancela para entrar no mercado de trabalho de

³⁷ Disponível em [Elon Musk fecha a compra do Twitter por US\\$ 44 bilhões - 25/04/2022 - UOL Economia](#). Acessado em 04 mar 2023.

³⁸ Disponível em [Pesquisa mostra qual rede social é a preferida dos brasileiros para acompanhar a política | Pulso | O Globo](#). Acessado em 04 mar 2023.

³⁹ Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/eleicoes-2022-mpf-abre-investigacao-sobre-como-redes-sociais-enfrentam-fake-news/>. Acessado em 04 mar 2023.

⁴⁰ Disponível em <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/09/16/iniciativas-redes-sociais-para-combater-fake-news-eleicoes-2022.htm>. Acessado em 04 mar 2023.

influenciadores digitais. Pessoalmente, a conclusão foi de que o capitalismo destrói convicções em troca da simples oferta de sonhos, muitas vezes intangíveis. Daí surgiu a intenção de aprofundar a pesquisa sobre o tema, desta vez com um olhar voltado ao macro, para refletir sobre como ideologias revolucionárias podem ser cooptadas pela promessa capitalista do El Dorado – uma riqueza que só chega para aqueles que sabem que esse paraíso não existe.

3 DO ESPÍRITO DO CAPITALISMO AO ECOSISTEMA CRIPTO

Para a compreensão do cenário econômico em que se inserem as criptoativos, é preciso voltar no tempo. Em 1905, Max Weber, em seu seminal *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, analisou os padrões morais que regiam a economia industrial na Alemanha pós-revolução industrial. Segundo ele, existia uma relação intrínseca entre conceitos religiosos e o sucesso ou fracasso do capitalismo do final do século XIX e início do século XX. Para Weber, as instituições políticas, jurídicas e comerciais alemãs da época, com suas formas de gestão empresarial levavam ao entendimento de que o “espírito” do capitalismo era “puro produto de uma adaptação” (WEBER, 2008, p. 64) de normas morais para possibilitar a acumulação de riquezas. Esse conceito precisará passar por atualizações, a partir dos novos ventos trazidos por duas guerras mundiais e novos arranjos políticos, sociais e econômicos. Neste capítulo, será apresentada a maneira como o capitalismo chegou, através dos séculos, ao atual estágio, em que forças não tradicionais procuram alternativas frente às novas configurações econômicas que surgiram no século XXI.

3.1 O capitalismo se desloca

Fazendo uma espécie de linha do tempo sobre a compreensão teológica da possibilidade de mobilidade e ascensão profissional, que está na base do capitalismo industrial, Weber inicia seu ponto de vista a partir do pensamento de Tomás de Aquino (que viveu no século XIII no Reino da Sicília, atual região do Lácio, na Itália), que entendia a divisão do trabalho e a articulação profissional da sociedade como uma emanção direta do plano de Deus para o mundo. Posteriormente, Martinho Lutero (que viveu no século XVI na Alemanha e liderou a Reforma Protestante, responsável pela criação de diversas igrejas descoladas do poder papal, incluindo a Igreja Luterana), adicionou a esse pensamento a ideia de que seria uma obrigação religiosa *permanecer* na posição social e nos limites em que Deus o confinou.

Seguindo em uma espécie de “linha evolutiva” que vai da rigidez à mobilidade na hierarquia socioeconômica, Weber aponta a crescente importância do pensamento dos puritanos Richard Baxter (líder desse movimento religioso na Inglaterra durante o século XVII) e Adam Smith (filósofo escocês que viveu no século XVIII e é considerado o principal teórico do liberalismo econômico) para a visão da especialização das profissões como ferramenta para a construção do bem comum. Para Weber (2008), o puritanismo (que defende a pureza das pessoas e instituições como forma de obedecer a Deus) prega que a especialização das

profissões produz um incremento quantitativo e qualitativo do rendimento do trabalho para a melhoria das condições de vida do maior número possível de pessoas. Baxter, segundo Weber, indicaria inclusive que as pessoas sem profissão fixa gastavam mais tempo “vadiando” do que trabalhando e, dessa forma, não teriam utilidade para a sociedade e conseqüentemente não agradariam a Deus.

Nessa linha, Weber aponta que, segundo o puritanismo, o trabalho profissional racional atende uma demanda divina e, ao contrário do que Lutero afirmava, o trabalhador não deveria se resignar à sorte que Deus lhe deu. O cristianismo puritano, segundo Weber (2008), pregava que uma pessoa poderia atender e combinar diversos “chamamentos” vocacionais se isso favorecesse o bem comum (ou pessoal), se não fosse nocivo a ninguém e se não levasse a pessoa a se tornar desleal. A mudança de profissão também era possível, desde que fosse para abraçar uma tarefa mais agradável a Deus, ou, segundo o princípio geral, mais útil.

Assim, a profissão agradaria a Deus se atentasse aos critérios morais, ao bem da coletividade, e à capacidade de dar lucro econômico privado, pois, conforme Weber, se esse Deus que o puritano vê operando em todas as circunstâncias da vida indica a um dos seus fiéis uma oportunidade de lucro, é porque há uma intenção divina para tanto. “Logo, o cristão de fé tem que seguir esse chamado e aproveitar a oportunidade” (WEBER, 2008, p. 148). Isso modifica a concepção proveniente da parábola “Jesus e o jovem rico” (Lc 18, 24-25), em que Jesus diz: “Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! Pois mais fácil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus”. Isso porque, para os puritanos, desde que não seja para satisfação dos “pecados da carne”, Deus permite sim que uma pessoa trabalhe para ficar rico.

Assim como o aguçamento da significação ascética da profissão estável transfigura eticamente o moderno *tipo de homem especializado*, assim também a interpretação providencialista das oportunidades de lucro transfigura o homem *de negócios*. A posada lassidão do grão-senhor e a ostentação rastaquera do novo-rico são igualmente execráveis para a ascese. Em compensação, verdadeiro clarão de aprovação ética envolve o sóbrio *selfmade man burguês*. *God blesseth his trade* (Deus abençoa o seu trabalho) era expressão usual quando alguém se referia àqueles santos que haviam seguido com sucesso os desígnios divinos (WEBER, 2008, p. 148-149, grifos do autor).

Nesse sentido, Weber atentava para o fato de que a “permissão” divina ao lucro edifica o cosmos da ordem econômica moderna ligada aos pressupostos da produção pela máquina, que determinou o estilo de vida de todos “que nascem dentro dessa engrenagem – não só dos economicamente ativos – e talvez continue a determinar até que cesse de queimar a última porção de combustível fóssil” (WEBER, 2008, p. 165, grifos do autor). Para definir, então, o

espírito do capitalismo, Weber o classifica como um *ethos* – estilo de vida regido por normas e folheado à ética.

Décadas antes de *A ideologia alemã*, em 1867, Karl Marx publica o primeiro livro (único editado em vida) de *O Capital*, centrado no processo de produção do capital. Na obra, ele define que, quando o processo de troca de dinheiro por mercadorias para posterior venda por um preço mais caro – que ele articula na fórmula D(inheiro)-M(mercadoria)-D(dinheiro) – dispensa a mercadoria, o dinheiro se torna capital.

Ele sai da circulação, volta a entrar nela, conserva-se e multiplica-se em seu percurso, sai da circulação aumentado e começa o mesmo ciclo novamente. D-D, dinheiro que cria dinheiro – *money which begets money* – é a descrição do capital na boca de seus primeiros intérpretes, os mercantilistas (MARX, 2011, p. 299).

Essa é a tendência latente do capitalismo, que perpassará incólume por todas as suas adaptações às mudanças sociais do século passado e da contemporaneidade. O capitalismo financeiro-rentista, aliado à revolução da tecnologia da informação e comunicação, produziu um aumento extraordinário da quantidade de informação disponível, mas o conhecimento político e organizacional permaneceu restrito à tecnoburocracia formada por altos executivos e financistas, e por intelectuais dos mais variados tipos. Nesse sentido, a ascensão de enormes empresas que produzem bens informacionais, como Microsoft, Google e Facebook, é resultado dessa transformação. Bresser-Pereira aponta que essas empresas, que logo se tornaram quase-monopolistas, foram criadas apenas por meio da acumulação de conhecimento, e não de capital, e provaram ser extraordinariamente lucrativas. Surge, então, uma necessidade de atualizar a tese weberiana do espírito do capitalismo. Boltanski e Chiapello (2009) apontam que a desregulamentação dos mercados financeiros, sua descompartimentação, a falta de intermediação e a criação de novos produtos financeiros multiplicaram as possibilidades de lucros puramente especulativos, por meio dos quais o capital cresce sem passar por um investimento em atividades produtivas. Para eles, os chamados “anos críticos” (as décadas de 1980 e 1990) são marcados pelo fato de que a rentabilidade do capital é melhor nas aplicações financeiras do que em aplicações na indústria.

Boltanski e Chiapello compreendem que a reestruturação do capitalismo a partir da última década do século XX ocorreu em torno dos mercados financeiros e dos movimentos de fusão e aquisição das multinacionais, com favorecimentos governamentais nos âmbitos fiscais, sociais e salariais, com incentivo ao aumento da flexibilização do trabalho. Em todo o mundo, a precarização dos contratos – com contratações temporárias, uso de mão de obra substituta (incluindo regimes de semiescravidão, não apenas em países subdesenvolvidos), flexibilização

de horários e redução dos custos de demissão – reduziu a importância dos sindicatos e os dispositivos legais de proteção dos trabalhadores. “Paralelamente, as novas tecnologias de comunicação, encabeçadas pela telemática, possibilitaram gerar encomendas em tempo real em nível planetário, conferindo meios para uma reatividade mundial até então desconhecida” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 22).

Além do enfraquecimento das garantias trabalhistas, a família, enquanto instituição, tornou-se muito mais móvel e frágil, carregando consigo uma precariedade e sentimento de insegurança suplementares aos do emprego (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009). Para os autores, essa condição entra em harmonia com a procura de flexibilidade máxima pelas empresas – um trabalhador que não esteja atado a laços familiares e geográficos rígidos se adapta melhor à lógica de globalização das multinacionais. Assim, sugerem, a instituição familiar é, cada vez menos, um escudo de proteção para garantir que os filhos tenham posições equivalentes ou melhores no mercado de trabalho às de seus pais. O diploma superior não é mais garantia contra o desemprego – pesquisa realizada pelo Núcleo Brasileiro de Estágios apontou que metade dos recém-formados estava desempregada em 2021 e, desse percentual, apenas 20% realizavam atividades de acordo com sua formação profissional.

O cenário de incerteza que se desenvolve com o enfraquecimento dos mecanismos do capitalismo industrial – sindicatos, convenções coletivas, planos de carreira – a partir da década de 1970 dá espaço a novos instrumentos e pré-requisitos que o trabalhador precisa atender, como adaptabilidade a diferentes e consecutivos projetos, mobilidade e polivalência decorrentes da lógica que Boltanski e Chiapello chamam de “conexionista”. Nesse mundo connexionista, a realização do lucro passa por atividades em rede e a noção de exclusão é consequência de novas formas de exploração, marcadas notadamente pelo egoísmo. “A exploração de certos atores, mesmo não intencional, supõe que outros atores (ou os mesmos, mas em outros momentos) se esquivem às exigências que têm em mira um bem comum, passando a considerar apenas os seus interesses particulares” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 363). Adam Smith (1996) compreendia que, quando as pessoas agem pelo próprio interesse, são levadas por uma “mão invisível” a promover o bem-estar da sociedade, mesmo que isso não fosse sua intenção.

O mundo connexionista, sugerem os autores, pode ser dividido em duas categorias de seres humanos: os móveis e os imóveis. A capacidade de deslocar-se com autonomia, não só no espaço geográfico, mas também entre as pessoas ou ideias, é uma qualidade essencial dos grandes (que aqui pode-se compreender como os detentores de lucro ou rendimentos), de tal modo que os pequenos (aqueles com menor poder de gerenciamento de si) se caracterizam

primordialmente por sua imobilidade. Nesse sentido, concluem Boltanski e Chiapello (2009), o pequeno precisa permanecer no nó da rede onde está, para permitir que o grande se desloque sem a perda de elos durante seus deslocamentos. O medo do grande é ser desconectado dessa rede e, por isso, a fixação de raízes em cidades, famílias e empregos – ou seja, sua imobilidade – constitui, paradoxalmente, um fator de precariedade.

Diferentemente do caráter mutável dessa condição humana, países são, por excelência, imóveis. Os autores explicam que mercados financeiros (que são móveis) podem explorar países, comprando divisas, dando empréstimos a estados, participando em empresas locais, e podem se retirar a qualquer momento – possibilidade exigida como condição para investimentos, inclusive. Quando há uma retirada repentina, instauram-se crises econômicas, políticas e sociais. As moedas, no mundo conexista, refletem a confiança depositada nos países pelos mercados e, em uma situação recursiva, quando capitais são retirados, as taxas de juros sobem para que os investidores concordem em não se retirar de vez. Assim, “os contribuintes que não podem escapar à taxação, como os habitantes endividados, veem-se sufocados sob o fardo da dívida, o peso dos custos financeiros” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 375). Como diz Pirola (2020), a noção de empreendedor de si (BYUNG-CHUL, 2015; ROSE, 2001) é a figura subjetiva própria da razão neoliberal e vem acoplada ao sujeito endividado, que são “duas faces de um mesmo processo de subjetivação” (PIROLA, 2020, p. 677) que, recursivamente, se culpabilizam um ao outro. Para fazer de si seu próprio produto de sucesso, é preciso investimentos e, para tanto, é preciso contrair dívidas (empréstimos educacionais e imobiliários, compras parceladas de roupas, móveis, carros, cheque especial etc.). Para pagar a dívida, é preciso trabalhar; para trabalhar, é preciso endividar-se. E, assim, vive-se, atualmente, um período de endividamento em massa, a financeirização da vida cotidiana (PIROLA, 2020).

De maneira semelhante, ocorre com as indústrias. Os mercados atuam para reduzir os lucros industriais ao modificarem taxas de câmbio ou de juros, forçando que as empresas comprem produtos financeiros dos próprios mercados para sua proteção (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009). Em outras palavras, criam o problema para vender a solução.

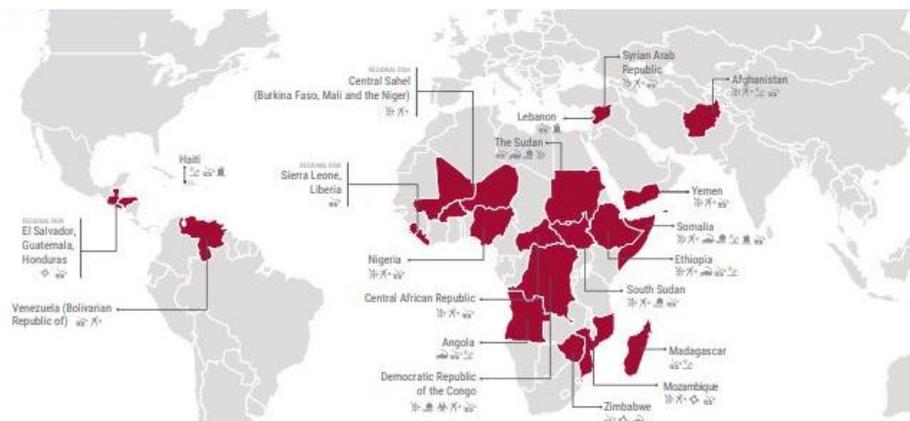
Assim como as qualidades principais dos trabalhadores residem na mobilidade e flexibilidade, as empresas precisam ser “leves” para poderem se deslocar mais facilmente, de acordo com propostas de incentivos recebidas por diferentes governos. Desenvolvem-se, então, subcontratações, terceirização de serviços e pessoal, franquias, comércio digital, contratações temporárias ou por empreitada. Conforme Boltanski e Chiapello (2009), em todos os níveis, o mais móvel extorque mais-valia do menos móvel. As empresas pagam menos e/ou precarizam

os funcionários em troca da suspensão temporária da ameaça de demissão ou transferência. Os investidores exigem remuneração mais elevada em troca de compromissos de longo prazo por conta de uma suposta exposição a riscos maiores se não puderem se retirar. Os países subvencionam multinacionais para que concordem em se associar a determinado território por algum tempo. “Assim, o diferencial de mobilidade é hoje uma nova mercadoria muito apreciada. Seu preço está subindo com rapidez e é pago exclusivamente pelos ‘lentos’, que assim conseguem que os ‘rápidos’ combinem seu ritmo e desacelerem um pouco” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 382).

Os mercados exploram os países, as indústrias, as pessoas. As multinacionais exploram os países, as indústrias menores e as pessoas. As indústrias menores exploram as pessoas. As pessoas com maior rendimento exploram as pessoas com menor gerenciamento de si mesmas. Os bancos exploram a tudo e a todos. As *big techs* (Apple, Google, Microsoft, Meta, Tesla, Amazon) exploram os bancos. Como explica Dowbor (2020), na era feudal, o principal fator de produção era a terra, que foi substituída pela máquina no capitalismo industrial. Hoje é o conhecimento, que, enquanto fator de produção, demanda instituições diferentes (DOWBOR, 2020). Para o autor, as relações sociais de produção e trabalho mudaram – do senhor feudal com o servo e do capitalista industrial com o operário. No capitalismo financeiro, o sistema de exploração se ampliou e se sofisticou; os avanços de produtividade provocados por uma ampla revolução científica e tecnológica no planeta poderiam ter resultado na generalização da prosperidade. No entanto, grande parte da população mundial é privada do acesso aos bens públicos de consumo coletivo, como saúde, educação, segurança, alimento, água potável. Segundo relatório do Programa Mundial de Alimentos da ONU realizado no primeiro semestre de 2021⁴¹, 34 milhões de pessoas se encontravam em situação de emergência alimentar aguda, conforme demonstra a Figura 3.

⁴¹ Relatório completo disponível em <https://docs.wfp.org/api/documents/WFP-0000125170/download/>. Acesso em 10 mar 2022.

Figura 3 - Mapa da insegurança alimentar aguda no mundo



Fonte: Programa Mundial de Alimentos da ONU

Esse contexto não só enfraquece a democracia “como tende a evoluir para formas de controle e coerção social cada vez mais violentas e invasivas para se manter” (DOWBOR, 2020, p. 68). As transformações do mundo do trabalho, segundo o autor, ajudam a entender a erosão da capacidade de resistência da sociedade. Em outras palavras, a multidão de famintos, sem educação e amedrontados, não teria, conforme Dowbor, forças para resistir à exploração do capitalismo financeiro.

Assim, para ele, passamos de um suposto mundo de livre concorrência a gigantescas pirâmides de poder financeiro, que assumiram a lacuna provocada pela falta de um sistema de governança política global. A partir da constituição de sua própria rede de poder pelo sistema econômico mundial, a política mudou de lugar.

3.2 Um novo animal

Segundo a abordagem de Braudel (1987), capitalismo e economia de mercado são coisas distintas. Na economia de mercado, conforme o autor, existem dois tipos de trocas: a simples, que poderia ser pareada com a equação marxista D-M-D, e a complexa, em que o dinheiro se multiplica por ele próprio, ou D-D. “Não são os mesmos mecanismos nem os mesmos agentes que regem esses dois tipos de atividade, e não é no primeiro, mas no segundo, que se situa a esfera do capitalismo” (BRAUDEL, 1987, p. 42). Esse fenômeno cria e é criado pela financeirização, no qual as trocas são intermediadas por instrumentos financeiros – a compra de algo por dinheiro –, o que racionaliza ativos e fluxos de renda.

A financeirização é, na análise de Hudson (2003), um projeto de governos e não a falta deles. A abordagem é exemplificada com o histórico econômico dos Estados Unidos, que

alcançaram sua posição global por políticas que não foram previstas pelas análises de economistas prévias à Primeira Guerra Mundial – ou mesmo antes da década de 1970 (HUDSON, 2003). De acordo com o autor, a experiência norte-americana é que a diplomacia nacional, incorporada no Consenso de Washington (atual política oficial do Fundo Monetário Internacional), não é simplesmente uma extensão das iniciativas empresariais, mas a união entre preocupações prioritárias em manter o poderio mundial e a vantagem econômica percebida pelos estrategistas americanos, independentemente dos motivos de lucro dos investidores privados.

Hudson (2003) aponta que, embora as raízes do imperialismo e suas rivalidades diplomáticas sempre tenham sido de caráter econômico, suas táticas não são as mesmas para todas as nações em todos os períodos. Ele destaca que a ascensão dos Estados Unidos ao status de credor mundial após a Primeira Guerra Mundial foi fruto dos termos sem precedentes em que seu governo concedeu armamentos e empréstimos para a reconstrução dos países aliados, que fracassaram em perceber as obrigações de política financeira e comercial inerentes ao novo status econômico dos Estados Unidos. Os créditos de guerra daqueles países se tornaram impagáveis. Com a Segunda Guerra Mundial, estava claro que os Estados Unidos não poderiam impor dívidas de guerra semelhantes, pois isso incapacitaria os países ao pagamento das exportações norte-americanas. Como explica Hudson (2003), os objetivos dos exportadores e investidores internacionais dos EUA eram sinônimos dos do governo na busca de maximizar o poder mundial norte-americano, e isso foi alcançado desencorajando o planejamento governamental e o estatismo econômico no exterior. Com isso, as nações industrializadas da Europa abriram suas portas e permitiram que os investidores norte-americanos comprassem as indústrias extrativas de suas ex-colônias, especialmente o petróleo do Oriente Próximo.

No começo da década de 1980, Alvarenga (2020) aponta que os Estados Unidos estiveram presentes naquela região para conter instabilidades que ameaçassem o fornecimento e os fluxos internacionais de petróleo. Ele lista os acordos militares de fornecimento de material bélico, proteção logística e transferência de tecnologia com a Arábia Saudita e as intervenções militares e sanções econômicas ao Irã e ao Iraque. Foram criadas, como lembra o autor, forças navais operacionais norte-americanas no Golfo Pérsico, no Mar Cáspio, na África e no Atlântico Sul nesse sentido. “Destaca-se também a projeção de multinacionais norte-americanas, atuando muitas vezes em conjunto com as forças armadas e outras instituições dos EUA em algumas ex-repúblicas soviéticas, como Geórgia, Azerbaijão e Cazaquistão, e em países da África e América Latina, como Sudão, Nigéria, Colômbia e Brasil” (ALVARENGA, 2020, p. 4). E, cada vez mais, a financeirização das empresas, ou seja, a rentabilização de

recursos a partir deles próprios, fez com que o crescimento não estivesse necessariamente atrelado à produção e venda de produtos. Por outro lado, a alocação cada vez maior de recursos em sistemas financeiro-rentistas deixa as corporações mais suscetíveis a perdas com as oscilações de ações em bolsas de valores, por exemplo.

As crises do capitalismo no começo do século XXI – o estouro da bolha ponto-com em 2000 (BRUNNERMEIER; NAGEL, 2004; CHEN; CHOU; LU, 2018; GAMA; SEGURA; FILHO, 2017), a crise das hipotecas, ocorrida entre 2007 e 2008 (MARCHI, 2021) – têm, conforme Cloke (2017), uma característica em comum: independente de uma vaga compreensão de que eles seriam de alguma forma inevitáveis, antes da sua ocorrência, existiam poucas informações preditivas que permitissem a preparação para qualquer emergência. Isso porque, de acordo com Cloke, a crescente volatilidade dos mercados globais de ações ocasionada pelo rápido desenvolvimento da transação mediada por softwares significa, por exemplo, que uma forte tendência em qualquer direção pode ser tanto uma crise em desenvolvimento como apenas uma mudança na posição de negociação por um grupo de elite dos serviços financeiros.

Essas crises podem ser lidas como espasmos sistêmicos inevitáveis no capitalismo, que exigem uma gestão cuidadosa para permitir uma continuação transitória para o próximo ciclo ou intensas evocações da inevitável autodestruição do capitalismo (CLOKE, 2017), exigindo esforços crescentes por parte das elites globais para evitar desastres em cada uma das ocorrências. O autor sustenta que a revolução da comunicação e consequente desenvolvimento do ciberespaço deu espaço à formação de um novo tipo de capitalismo: o ultracapitalismo, que não é apenas a globalização dos mercados, mas a viabilização de atividades e processos que alteraram a própria natureza do capitalismo.

Para Cloke (2017), o ultracapital é uma ferramenta analítica destinada a trazer espaço e conectividade ao capitalismo, com agência própria para a concentração setorial e domínio do capitalismo globalizador. Segundo ele, programas de negociação algorítmica baseados em movimentos de ações e derivativos acabam por criar mudanças fundamentais nas redes sociopolíticas e político-financeiras, mas estreitam e interconectam ainda mais as interrelações entre órgãos reguladores, prestadores de serviços financeiros, estados, academia e mecanismos globais de serviços cibernéticos. Nesse sentido, o impulso para criar novas formas de capital imaginário, cada vez mais desvinculadas dos processos de produtividade, imensuráveis, não regulamentadas, mas, em última instância, legais, continua em ritmo acelerado.

O estouro da bolha das ponto-com remodelou, mas não acabou, com a concentração da prestação de serviços e produção de novos espaços nas mãos de alguns grandes provedores

corporativos. No mesmo sentido, segundo o autor, por conta da iniciativa do governo norte-americano chamada TBTF (*too big to fail* ou, em português, grande demais para fracassar) para socorrer as instituições financeiras atingidas pela crise de 2007/2008, muitas empresas gigantes só aumentaram de tamanho e poder desde então.

Dowbor (2020) aponta um estudo do Instituto Federal Suíço de Pesquisa Tecnológica de Zurique que mostra que atualmente, 737 grupos controlam 80% do universo corporativo do mundo e que, desse universo, 147 grupos detém 40%, sendo três quartos deles bancos. Nesse sentido, ele compreende que a lógica sistêmica mudou radicalmente, já que o interesse maior desses grupos está na rentabilidade financeira final, sem que o consumidor seja levado em conta. “O espaço de decisão empresarial, tradicionalmente tomado do ponto de vista de um produtor concreto de um bem ou serviço determinado – que, portanto, estaria interessado inclusive em prestar um bom serviço ao cliente – desloca-se” (DOWBOR, 2020, p. 51). Com isso, segundo ele, instalou-se um caos financeiro planetário, especialmente porque se ganha muito mais dinheiro com aplicações financeiras, basicamente especulação, do que com investimentos na cadeia de produção industrial. Esse caos é intimamente ligado ao desajuste radical entre o mundo financeiro e as instâncias reguladoras tradicionais. “Não há um ‘plano’ global, mas haverá, sem dúvida, uma resultante sistêmica que emergirá da convergência dos atuais processos caóticos de transformação. Está nascendo um novo animal” (DOWBOR, 2020, p. 22).

Esse novo animal poderia ser, como em *Frankenstein*⁴², um monstro costurado com a linha da especulação, que teria o tamanho de uma baleia, a mobilidade de um cardume de sardinhas, as garras de um urso, a ferocidade e tenacidade de um touro. Esses animais todos formam a fauna metafórica que forma o mercado financeiro (de ações, de criptoativos ou híbrido)⁴³. O monstro de *Frankenstein*, clara alusão aos dilemas relacionados ao domínio da natureza pela revolução tecnológica do início do capitalismo industrial, agora é imaterial, feito de puro conhecimento e especulação, que demanda tarefas remuneradas e outras colaborativas. “À medida que o conhecimento se torna o fator de produção mais importante do planeta, a dimensão não diretamente remunerada se amplia. São os novos equilíbrios em construção” (DOWBOR, 2020, p. 40). Para além do que Graeber (2018) chama de *bullshit jobs* (em adaptação ao português, trabalhos de merda), empregos considerados inúteis pelos próprios

⁴² Frankenstein ou o Prometeu Moderno, de autoria da britânica Marye Shelley, foi publicado em 1818 e é considerado o primeiro romance de ficção científica. Ele conta a história do estudante Victor Frankenstein, que constrói um monstro em seu laboratório a partir de partes de cadáveres.

⁴³ Em seguida, este projeto apresenta um dicionário de expressões utilizadas no ecossistema cripto.

trabalhadores contratados para tais, existe o já citado problema da falta de garantias do diploma de ensino superior para o ingresso e manutenção no mercado de trabalho.

Então, há as diversas insatisfações: a crise de 2008 revela que o governo norte-americano se preocupou mais em salvar os grandes conglomerados financeiros do que manter as famílias em suas casas hipotecadas, os estudos não garantem realização profissional, o desemprego é uma ameaça constante, a precarização das relações trabalhistas e familiares amplia a exclusão, a corrupção nos governos inviabiliza a prestação de serviços públicos adequados para o contribuinte, os impostos não revertem em benefícios à população à altura dos valores pagos, não há mais garantia de aposentadoria – tanto por meio de institutos públicos quanto via fundos de pensão. Esse caldeirão de péssimos ingredientes leva jovens ao movimento Occupy Wall Street (GRAEBER, 2018) que, em setembro de 2011, ocuparam uma praça privada no coração financeiro de Nova York. Sob o slogan “nós somos os 99%”, afirmavam que 99% da população sofria enquanto o governo empreendia esforços para salvar 1%, os mais ricos do país. Milhares se revezaram no local por aproximadamente dois meses, até serem dispersos pela polícia. Ocupações semelhantes ocorreram em diversas cidades do mundo e inspiraram outros movimentos, como as chamadas Jornadas de Junho ocorridas em 2013 no Brasil (MACHADO; MISKOLCI, 2019).

A pauta de reivindicações iniciou contra o aumento de 20% no transporte público de São Paulo – como houve violência policial, manifestações em outras cidades ocorreram nos dias subsequentes, levando a novos embates e atos de vandalismo. Os representantes dos movimentos a favor do passe livre nos ônibus, progressistas, retiraram-se dos protestos quando os atos começaram a sugerir um golpe militar (AMORIM; ANGONESE, 2013). Mas as manifestações foram mantidas por grupos de centro e direita, com eventos marcados via Facebook em que as pessoas iam vestidas de verde e amarelo, levando em cartazes e camisetas suas próprias reivindicações (o site Grafias de Junho⁴⁴ mapeou temas que foram desde críticas à realização da Copa do Mundo de 2014 e o fim da corrupção até manifestações difusas como “Tô tão puto, q até escrevi esse cartaz!”, como mostra a Figura 4).

⁴⁴ Disponível em: <https://www.grafiasdejunho.org/principal>. Acesso em 18 jan 2022.

Figura 4 - Registro durante manifestação ocorrida em 26/06/2013 em São Paulo



Fonte: Lívia Machado/G1⁴⁵

No Vale do Silício, o inconformismo a partir da crise das hipotecas levou a outro tipo de luta antissistema. Ainda em 2008, um desenvolvedor (ou um grupo de desenvolvedores) sob o pseudônimo de Satoshi Nakamoto publica um *whitepaper* denominado *Bitcoin: um sistema de dinheiro eletrônico peer-to-peer*, cujo resumo é o seguinte:

Uma versão puramente *peer-to-peer* de dinheiro eletrônico permitiria que pagamentos on-line fossem enviados diretamente de uma parte para outra, sem passar por uma instituição financeira. As assinaturas digitais fornecem parte da solução, mas os principais benefícios são perdidos se um terceiro confiável ainda é necessário para evitar o gasto duplo. Nós propomos uma solução para o problema de gasto duplo usando uma rede *peer-to-peer*. A rede insere data e hora nas transações através de um *hash* em uma cadeia contínua de prova-de-trabalho à base de *hash*, formando um registro que não pode ser alterado sem refazer a prova-de-trabalho. A cadeia mais longa não só serve como prova da sequência de eventos testemunhados, mas prova de que ela veio do maior pool de CPUs. Enquanto a maioria do poder das CPUs é controlado por nós que não estão cooperando para atacar a rede, eles irão gerar a cadeia mais longa e superar os atacantes. A própria rede requer estrutura mínima. As mensagens são espalhadas em regime de melhor esforço, e nós podem sair e regressar para a rede à vontade, aceitando a cadeia mais longa de prova-de-trabalho como prova do que aconteceu enquanto eles estavam fora (NAKAMOTO, 2008, p. 1).

Para Marchi (2021), o Bitcoin é produto de um pensamento *cyberpunk*, que defende a resistência à vigilância do estado por meio do uso de criptografia, mas cujas raízes, conforme explica Golumbia (2016) foram plantadas e estão consolidadas em solo de extrema direita.

⁴⁵ Disponível em <https://www.grafiasdejunho.org/principal/?cidade=S%C3%A3o%20Paulo>. Acessado em 17 abril 2023.

3.3 Um mundo paralelo livre de impostos

A principal premissa dos criadores das criptoativos é a constituição de sistemas de troca que funcionem alheios às normas determinadas pelas autoridades nacionais e, conseqüentemente, das legislações que regulamentam o mercado e determinam os impostos a serem pagos em virtude da movimentação de dinheiro por meio de transações bancárias. Golumbia (2016) aponta essa como uma das conseqüências práticas almeçadas pelo ciberlibertarianismo, crença que, segundo ele, consiste na ideia de que os governos existem apenas para reduzir a liberdade proporcionada pela internet. O ciberlibertarianismo tem suas bases alicerçadas no ideal de que a internet possibilitaria o compartilhamento de conhecimentos e a unificação de esforços para a construção do bem-estar comum. No entanto, a ideia de um sistema financeiro que escape a qualquer atividade regulatória também pode gerar ainda mais desigualdade social, ao possibilitar a concentração de fortunas a partir tanto da conversão das moedas digitais em dinheiro como da troca direta por bens materiais. A acumulação de riquezas e, por conseqüência, a pobreza, continua sendo uma possibilidade, independente de qual seja o sistema utilizado. Com o alijamento da atividade regulatória estatal, o estado deixa de arrecadar impostos, que são o insumo para a garantia dos direitos humanos e da dignidade, especialmente aos mais pobres.

A estabilidade financeira global em virtude do ecossistema cripto é tema do capítulo 2 do relatório do Fundo Monetário Internacional (FMI) divulgado em outubro de 2021. Segundo o texto (DIABY *et al.*, 2021), o movimento denominado pelo FMI de criptoização continua seu rápido crescimento, apresentando oportunidades e desafios de estabilidade financeira, com foco especial em mercados emergentes e economias em desenvolvimento. Conforme os autores do relatório, os criptoativos evoluíram para atender às diferentes necessidades de investimento especulativo, armazenamento de valor, conversão de moeda e pagamento, e as finanças descentralizadas (DeFi) estão ganhando força por oferecerem novos serviços aos usuários. De acordo com a análise, os riscos à estabilidade financeira ainda não são sistêmicos, mas devem ser monitorados de perto pelas instituições, por conta dos quadros operacionais e regulatórios inadequados na maioria das jurisdições.

Entre os desafios, o FMI destaca os riscos operacionais e de integridade financeira dos provedores de criptoativos, além da necessidade de proteção a investidores do novo ecossistema. Sobre mercados emergentes, os problemas apontados se referem à possibilidade de desestabilização de fluxos de capital. Por fim, o conselho do Fundo é que os formuladores de políticas implementem padrões globais para ativos cripto e melhorem sua capacidade de

monitorar esse ecossistema, abordando lacunas de dados. À medida que cresce o papel das stablecoins (criptoativos estáveis, pareados ao valor de um ativo físico, como dólar, ouro, petróleo e até obras de arte), a recomendação é que a regulação acompanhe os riscos que elas representam e as funções econômicas que desempenham. Ainda, a sugestão é que economias emergentes fortaleçam as políticas macroeconômicas e considerem os benefícios da emissão de moedas digitais pelos Bancos Centrais.

Isso vai de encontro a algumas bases ideológicas do ecossistema cripto, que incluem teorias conspiratórias. Conforme Golumbia (2016), os valores que o constituem estão alicerçados na ideia de que o sistema monetário mundial está à beira de um colapso iminente por conta das políticas dos Bancos Centrais, especialmente o Federal Reserve (Fed) dos Estados Unidos, que a inflação é, na verdade, um complô para roubar dinheiro das massas e entregá-lo a uma elite que opera nos bastidores e que controla os líderes políticos e corporativos do mundo. Segundo o autor, a literatura do Bitcoin assegura que o Fed é, na verdade, um banco privado secretamente administrado por judeus, famílias bancárias inglesas e membros de grupos Illuminati.

Para o autor, essas ideias não são simplesmente heterodoxas ou controversas: são peças de uma visão de mundo holística que foi deliberadamente desenvolvida e promulgada por ideólogos de extrema direita dos Estados Unidos e da Europa. Elas confluem com as do ciberlibertarianismo, que, em resumo, tem o princípio básico de que os governos não devem regular a internet. Essa é a peça central da “Declaração da Independência do Ciberespaço” escrita por John Perry Barlow, ativista libertário, letrista da banda Grateful Dead e fundador da Electronic Frontier Foundation. Trechos da declaração, publicada em 1996, dizem o seguinte:

Governos do Mundo Industrial, gigantes cansados de carne e aço, venho do Ciberespaço, o novo lar da Mente. Em nome do futuro, peço ao passado que nos deixem em paz. Vocês não são bem-vindos entre nós. Vocês não têm soberania onde nos reunimos. (...) O ciberespaço não está dentro de suas fronteiras. Não pensem que vocês podem construí-lo, como se fosse um projeto de construção pública. Vocês não podem. (...) Devemos declarar nossos eus virtuais imunes à sua soberania, mesmo que continuemos consentindo com seu domínio sobre nossos corpos. Vamos nos espalhar pelo Planeta para que ninguém possa prender nossos pensamentos. Criaremos uma civilização da Mente no Ciberespaço. Que seja mais humano e justo do que o mundo que seus governos fizeram antes⁴⁶.

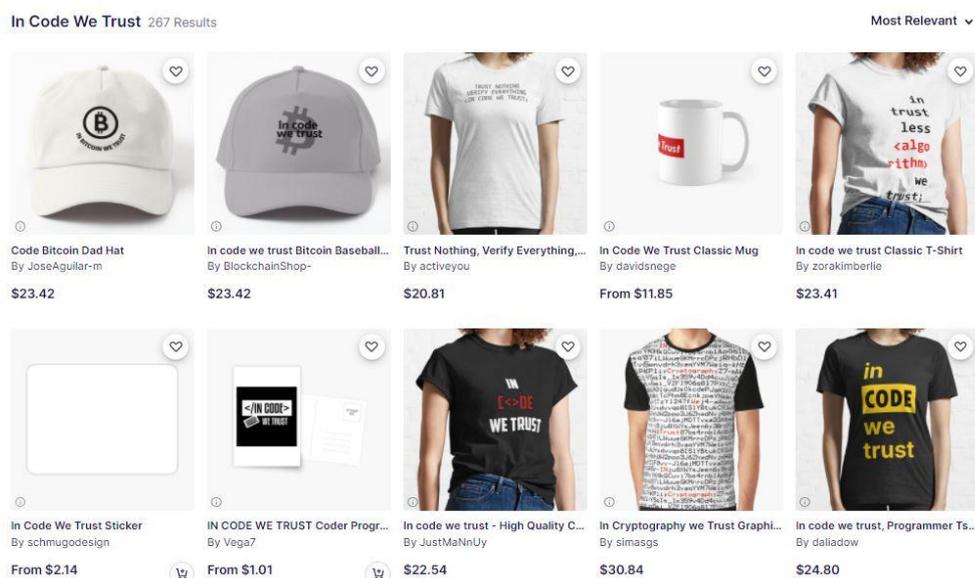
Em sua análise, Golumbia (2016) entende que o conjunto de slogans e crenças associados à disseminação da tecnologia digital incorporam partes críticas de uma visão de

⁴⁶ O texto completo está disponível em: <https://www.eff.org/cyberspace-independence>. Acesso em 19 jan 2022.

mundo de extrema direita, mesmo que manifestem um compromisso retórico superficial com valores que não parecem vir imediatamente desse campo político. Um exemplo é a ideia de que todos os governos existem apenas para reduzir a liberdade (ser livre, nessa acepção, é simplesmente ser “livre” do governo), que o conceito de governo é equivalente ao de poder, e poder é sinônimo de tirania. A internet, para os ciberlibertários, seria exatamente o oposto a isso. E, segundo Golumbia, a extrema direita usa essas palavras para ativar a energia populista contra as estruturas e programas democraticamente eleitos justamente para reduzir o abuso tirânico da liberdade individual pelo poder economicamente concentrado. Em outras palavras, o objetivo dessa concepção é trocar a “tirania” do governo pela liberdade individual irrestrita. Com isso, o autor entende que o efeito é tornar as concentrações de poder – especialmente o econômico – ainda mais possíveis, menos sujeitas à supervisão.

Essa direção é liderada, acredita Golumbia, pelo projeto Bitcoin, que, com a ajuda do sistema de crenças conspiratórias, pinta o mundo como se fosse uma tirania governamental sem freios e, ironicamente, ajuda a abrir caminho para que tais tiranias emerjam. Mas não pode ser uma afirmação categórica a de que os adeptos das criptoativos não confiam em nenhuma instituição: eles confiam no código computacional, no blockchain. Não por acaso, a expressão *In code we trust* (No código nós confiamos), em analogia à inscrição nas notas de dólares americanos *In God we trust* (Em Deus nós confiamos), é uma espécie de lema dos proprietários de criptoativos e está presente, inclusive, em souvenirs, como mostra a Figura 5.

Figura 5 - Exemplos de colecionáveis à venda na internet



Fonte: redbubble.com

A confiança no código como ferramenta de organização, normatização e unificação do mundo é compreendida por alguns autores como mais do que a crença em um sistema perito (GIDDENS, 1991), mas como uma ideologia alicerçada em uma instituição. Para uma melhor análise do tema, é necessário resgatar a construção do conceito de ideologia, que será discutido no próximo capítulo.

4 UMA NOVA IDEOLOGIA, UMA NOVA INSTITUIÇÃO

Para observar a mobilização de discursos a respeito do mercado financeiro tradicional e do mercado cripto a partir de uma observação analítica que inclua estruturas de pensamento que vão além do posicionamento puramente técnico sobre a economia capitalística, foi necessário a esta tese procurar os pilares da construção conceitual sobre ideologia, que mudou ao longo dos séculos, assim como o capitalismo. Seguindo a linha de raciocínio de que não existe necessariamente uma evolução, mas uma adaptação às situações contemporâneas a cada um dos teóricos – tanto da ideologia quanto do capitalismo –, é preciso “começar pelo começo”.

Definir o que é ideologia é uma tarefa à qual muitos se dedicaram desde quando o conceito foi cunhado por Destutt De Tracy, no começo do século XIX, movido pelo cenário francês pós-queda da Bastilha. A linha de pensamento que o fez postular, nos quatro volumes de *Eléments D'Idiologie* (DE TRACY, 1801), a fundação da Ciência das Ideias para dar conta do tema nos campos da Filosofia, Política e Economia, começa com as discussões de Aristóteles sobre as quatro causas (material, formal, motriz e finalitária). Segundo a metafísica aristotélica, a causa finalitária das coisas – ou seja, a sua finalidade – é o que rege tudo, seja o universo, a existência da humanidade, as relações sociais e as realizações humanas, enquanto as demais são suas subordinadas. A existência de Deus é verdadeira e impassível de questionamento, pois, para o filósofo, sua causa final é movimentar o universo, que existe desde sempre, ou seja, não foi criado. Deus, inclusive, não conhece o universo e não criou nada, pois isso consistiria na atualização (materialização) de uma potência e, portanto, imperfeição – já que tudo o que é material é imperfeito. Assim, Deus é um pensamento autocontemplativo, que somente conhece a si próprio, pois pensar em outra coisa seria um ato de criação. Isso posto, o objetivo primordial da investigação ética seria descobrir qual a causa finalitária verdadeira da existência humana (ARISTÓTELES, 1996).

Nesse caminho, Aristóteles analisa também a causa finalitária da riqueza, que ele entende como instrumento para que o homem possa atingir a nobilidade. Mas essa nobreza, para ele, só existe pelo exercício da moderação. As pessoas liberais são aquelas que sabem dar e obter riquezas – que o filósofo compreende por todas as coisas cujo valor é mensurável pelo dinheiro (ARISTÓTELES, 1996). Ele reforça que a riqueza é algo útil e “os bens são melhor utilizados por pessoas dotadas da forma de excelência moral relacionada com a riqueza, e estas são pessoas liberais” (ARISTÓTELES, 1996, p. 173). Aristóteles entende que a excelência moral dos liberais é, resumidamente, saber a quem, quanto e quando dividir sua riqueza, sem

que isso lhe seja penoso, já que dela surgem possibilidades de se atingir o bem-estar social, algo que deve ser anseio de todo o cidadão preocupado com a sociedade.

Mais de 1.300 anos depois dele, no século XVII, diversos pensadores ocidentais discutem, individual e coletivamente, quais as melhores práticas para estudar o universo, a natureza, o homem e o sobrenatural. Galileu Galilei, Francis Bacon e Descartes, principalmente, reduziram as quatro causas apenas a duas: a motriz e a final, passando a dar à palavra “causa” o sentido que hoje lhe damos, isto é, de operação ou ação (CHAUÍ, 2008).

Em 1610, Galileu Galilei publica *Sidereus Nuncius – mensageiro das estrelas*. O livro é considerado uma das mais importantes obras em toda a história do pensamento científico, pois suas descobertas a partir do telescópio – sobre a superfície lunar, a constituição da Via Láctea e os satélites de Júpiter – iniciam a defesa de Galileu ao heliocentrismo copernicano, algo que ele tornará mais explícito em outra publicação, três anos mais tarde (GALILEI, 2010). Conforme estudiosos da obra de Galileu, ele apresentava desconfiança e até mesmo aversão pelos filósofos e estudos filosóficos – especialmente por defender a observação como única fonte de respostas às questões filosóficas (GALILEI, 2010, p. 91). A apresentação que Galileu redige ao *Sidereus Nuncius* em texto quase que jornalístico e tratando a si mesmo em terceira pessoa, dirige o texto especialmente aos filósofos e astrônomos:

MENSAGEIRO DAS ESTRELAS, que desvela espetáculos, GRANDES E IMENSAMENTE ADMIRÁVEIS, propondo a cada um, mas sobretudo AOS FILÓSOFOS E ASTRÔNOMOS, contemplar o que GALILEU GALILEI, NOBRE FLORENTINO, professor de matemática da Universidade de Pádua, observou com o auxílio de uma LUNETTA por ele recentemente concebida, NA FACE DA LUA, AS INUMERÁVEIS ESTRELAS FIXAS, A VIA LÁCTEA, NEBULOSAS e, sobretudo, QUATRO PLANETAS revolvendo em torno de JÚPITER, a distâncias e com períodos diferentes, com espantosa rapidez, os quais ninguém até hoje divisara, e agora pela primeira vez foram vistos pelo Autor E POR ELE DESIGNADOS DE ESTRELAS MEDICEIAS (GALILEI, 2010, p.143, destaques do autor).

A defesa do heliocentrismo afronta o aristotelismo da Igreja – e por consequência, a escolástica, que prevê a harmonização entre a fé e a razão no ensino escolar. Defender que a Terra não é o centro do sistema solar, mas sim o Sol, seria afirmar que as escrituras bíblicas estariam erradas. A ideia de que a Terra é imóvel e que o Sol e as estrelas giram em torno dela é uma interpretação literal de alguns trechos como “E nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar, de onde nasceu” (ECLESIÁSTES, 1:15), ou “O norte se estende sobre o vazio; suspende a terra sobre o nada” (LIVRO DE JÓ, 26:7). Partindo desse princípio, a Inquisição condenou

Galileu à prisão por heresia em 1633 e o obrigou a renegar suas ideias. Até o final da sua vida, em 1642, ele permaneceu em prisão domiciliar.

Os estudos de Galileu, no entanto, foram importantes impulsionadores das obras de Renè Descartes e Francis Bacon, por exemplo. Em *Novum Organum*, Bacon apresentou o método experimental para interpretação de dados, que se baseia, primeiro, na exclusão de erros como o subjetivismo e a imperfeição da linguagem, para que depois sejam aplicadas regras para observação da natureza e da sociedade a partir de tabelas de presença, ausência e graus de fenômeno (BACON, 1973). Segundo ele, “resta-nos um único e simples método, para alcançar nossos intentos: levar os homens aos próprios fatos particulares e às suas séries e ordens, a fim de que eles, por si mesmos, se sintam obrigados a renunciar às suas noções e comecem a habituar-se ao trato direto das coisas” (BACON, 1973, p. 26). O pré-iluminista, considerado o pai do empirismo, critica o consenso, especialmente nas questões intelectuais, pois seria “o pior auspício” (BACON, 1973, p. 51), para se opor ao aristotelismo vigente. Bacon defendia que a ciência e a filosofia tinham como causa finalitária dar ao homem o domínio da realidade.

Contemporâneo de Bacon, Descartes tomou para si a tarefa de aprimorar o método da dúvida e construir uma forma universal para encontrar a verdade. Em *Discurso do método – para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências*, Descartes propõe um modelo quase matemático para a condução do pensamento do homem, já que a matemática traz consigo a falta de dúvida (DESCARTES, 1996). Uma das questões importantes a este projeto é a ideia cartesiana é o que alguns autores apontam como “ideologia cartesiana” (DESCARTES, 1996, p. 55), que consiste na introdução, em seu método científico, da laicização do saber, para sua universalização independente da religião do cientista a aplicá-lo. Também faz parte dessa ideologia o princípio da causalidade, posto que “do nada nada se faz” (DESCARTES, 1996, p. 354), ou, em outras palavras, é preciso uma causa para que algo aconteça – com exceção de Deus, cuja existência Descartes compreende como verdade lógica.

As proposições de método científico de Bacon e Descartes são a base do período conhecido como Iluminismo, que dominou o pensamento europeu no século XVIII e culminou nos ideais que levaram à Revolução Francesa (1789) e que foram replicados na Declaração da Independência dos Estados Unidos (1776). O Iluminismo tinha como princípio fundamental a razão e a libertação dos seres humanos do peso da tradição e do mito (THOMPSON, 2011) e, nessa esteira, De Tracy se incumbiu da tarefa de desenvolver o projeto de uma nova ciência, interessada na análise sistemática das ideias e sensações – como ocorrem sua geração, combinação e consequências. Conforme Thompson (2011), os quatro volumes de *Elementos da Ideologia* examinaram as faculdades do pensamento, do sentimento, da memória e do

juízo e as características do habitat, do movimento e da vontade. Thompson analisa que De Tracy, ao compreender os seres humanos como uma espécie muito complexa de animal cuja análise de suas faculdades é a maneira para compreendê-los melhor, pretende reforçar um total naturalismo à Ciência das Ideias. “Mas, quando esses escritos apareceram, o termo ‘ideologia’ já tinha adquirido um sentido novo e bastante diferente, um sentido que iria de imediato eclipsar os objetivos grandiloquentes de seu inventor” (THOMPSON, 2011, p. 46).

Na esteira do Iluminismo, Auguste Comte declara como vazias de sentido as buscas às causas, sejam elas primeiras ou finais. Ele desenvolve a filosofia positivista, com o entendimento de que a humanidade passa por três estágios diferentes, de acordo com seu desenvolvimento intelectual: o primeiro é o teológico ou fictício, o intermediário é o metafísico ou abstrato, e o mais avançado é o científico ou positivo (COMTE, 2009). Entre os anos de 1830 e 1842, publicou o *Curso de Filosofia Positiva*, no qual descreve esses três estados e o cerne do positivismo, que é a busca pela ordem e ciência para o progresso social. Comte comunga do conceito de De Tracy de que a ideologia é uma atividade científica que estuda a formação das ideias a partir da observação do homem em seu ambiente. Para Comte, o verdadeiro espírito positivista consiste em ver para prever, em estudar o que é, para decidir o que será, segundo o dogma geral da invariabilidade das leis naturais (COMTE, 2009). Com isso, ele quer ressaltar que as ciências práticas (ou positivas) são a verdadeira fonte de conhecimento e defende a necessidade de uma ciência que estude a sociedade, que ele chama de Sociologia.

Por outro lado, como explica Chauí (2008) ideologia passa a significar também o conjunto de ideias de uma época, tanto como “opinião geral” quanto no sentido de elaboração teórica dos pensadores dessa época. Entre 1845 e 1846, Karl Marx e Friedrich Engels redigem o manuscrito da obra *A Ideologia Alemã* e avançam no conceito de De Tracy de que a ideologia é o tema sobre o qual a Ciência das Ideias deveria se debruçar. Eles definem que ideologia é o compêndio das ilusões através das quais os homens pensam sua própria realidade de maneira enviesada, deformada, fantasmagórica (MARX; ENGELS, 2001). Para eles, a primeira e máxima ilusão, própria de toda ideologia, consistiria justamente em lhe atribuir a criação da história dos homens. A ideologia pertence ao âmbito do que Marx chamou depois de superestrutura. Nesse sentido, a ideologia é concebida como uma consciência falsa, equivocada, da realidade, mas necessária aos homens em sua convivência e atividade social. Na introdução da edição brasileira da obra publicada em 2001 pela Editora Martins Fontes, Jacob Gorender assinala que essa consciência falsa “não resulta de manipulação calculista, de propagandismo

deliberado, mas da necessidade de pensar a realidade sob o enfoque de determinada classe social, no quadro das condições de sua posição e funções” (MARX; ENGELS, 2001, p. XXII).

Em *A Ideologia Alemã*, os pensadores criticam as tendências ideológicas burguesas, especificamente contra a ideia de uma ilusão histórica de que cada época da vida social resulta não de determinados interesses materiais de uma classe, mas de conceitos abstratos como honra e lealdade (na sociedade aristocrática) e liberdade e igualdade (na sociedade burguesa). Ainda na Introdução, Jacob Gorender reforça que Marx e Engels nunca chamaram sua teoria de ideologia, e sim de uma reconstrução científica da realidade social e, ao mesmo tempo, expressão dos interesses de classe do proletariado. “Implicitamente, isto significava que o proletariado era a única classe capaz de se libertar da ilusão ideológica em geral e alcançar a visão objetiva correta da história humana e da sociedade existente” (MARX; ENGELS, 2001, p. XXIII).

Thompson afirma que, depois de Marx e Engels, ocorreu um fenômeno que ele chama de “neutralização do conceito de ideologia” (THOMPSON, 2011, p. 62). Segundo a leitura de Thompson, ideologia, para Marx e Engels, é o sintoma de uma doença, e não a característica normal de uma sociedade sadia, muito menos a medicina para a cura social. Já na virada do século XIX para o século XX, Lenin argumentou a favor da elaboração de uma “ideologia socialista” para combater a influência da ideologia burguesa e evitar os perigos do que ele chamou de “consciência sindical espontânea” (THOMPSON, 2011). O interesse de Lenin, nesse sentido, era enfatizar que o proletariado não desenvolveria uma ideologia socialista genuína por conta própria e acabaria preso pela ideologia burguesa, o que o levaria a se preocupar apenas com reformas parciais. Assim, para Lenin, somente teóricos e intelectuais, desligados da luta cotidiana, seriam capazes de ter uma visão ampla das tendências do desenvolvimento e dos objetivos globais (THOMPSON, 2011). O socialismo, então, seria uma ideologia do proletariado por expressar e promover os interesses dos trabalhadores no contexto da luta de classes.

Thompson (2011) refere que, em 1920, Lukacs enfatizou a importância da “ideologia do proletariado” para determinar os destinos da revolução Russa. Na época, não havia dúvida de que “o proletariado desempenharia uma missão histórica universal; a única questão que está em discussão é quanto ele terá de sofrer antes de conseguir maturidade ideológica, antes de adquirir uma clara compreensão de sua situação de classe e uma verdadeira consciência de classe” (THOMPSON, 2011, p. 63).

Tanto Marx e Engels quanto Lukacs, para Thompson (2011), neutralizam o conceito de ideologia, ao generalizarem a concepção a tal ponto que “ideologia” passa a se referir às ideias

que expressam e promovem os respectivos interesses das principais classes engajadas no conflito. No final da década de 1920, Karl Mannheim, segundo Thompson, parece refletir os objetivos dos programas de De Tracy de uma Ciência das Ideias, já a partir de um prisma que perpassa o trabalho de Marx e o contexto do pensamento do início do século XX. Mannheim, então, fala em duas concepções de ideologia: uma particular e outra total. A ideologia particular é, então, a que permanece no nível de disfarces mais ou menos conscientes, enganos e mentiras, quando, por exemplo, uma pessoa encara com ceticismo as ideias e pontos de vista do adversário e as vê como uma falsa representação da realidade. A concepção total de ideologia, por sua vez, é a que diz respeito à estrutura mental global de uma época ou de um grupo sócio-histórico, como de uma classe, por exemplo. Uma ideologia total é a compreensão dos conceitos e modos de pensamento e experiência, ou cosmovisão, de uma época ou grupo, e sua interpretação como “resultado de uma situação de vida coletiva” (THOMPSON, 2011, p. 66).

De acordo com Thompson, a análise ideológica deixa de ser a arma intelectual de um partido e passa a ser um método de pesquisa na história social e intelectual, ou o que Mannheim descreve como “a sociologia do conhecimento”. O objetivo, dessa forma, é analisar todos os fatores sociais que influenciam o pensamento, incluindo o do próprio pesquisador, e com isso garantir uma nova visão de todo o processo histórico. Assim, Mannheim aponta que, nesse novo programa, ideologia é um sistema de pensamentos e ideias que são situados socialmente e coletivamente partilhados, e a análise ideológica é o estudo das maneiras como esses sistemas de pensamentos e ideias estão influenciados pelas circunstâncias sociais e históricas em que estão situados.

Em 1989, Thompson (2011) atualiza o debate sobre o conceito frente ao impacto dos meios de comunicação na sociedade moderna. Ele explica que, para desenvolver essa formulação alternativa do conceito de ideologia, apoia-se em algumas das contribuições anteriores, mas sem tentar reabilitar qualquer concepção particular do termo. Para ele, então, ideologia é, de maneira ampla, o “sentido a serviço do poder” (2011, p. 16). O estudo da ideologia, na leitura de Thompson, exige a investigação das maneiras de como o sentido é construído e usado pelas formas simbólicas desde as falas cotidianas até as imagens e textos complexos, a análise dos contextos sociais em que as formas simbólicas são articuladas e de como o sentido é mobilizado para estabelecer e sustentar relações de poder sistematicamente assimétricas.

Assumindo o conceito de Thompson de que ideologia é o sentido a serviço do poder, e levando em conta que as relações de poder não estão restritas apenas àquelas institucionalizadas

no estado moderno (THOMPSON, 2011), é possível admitir que está em formação um novo tipo de ideologia proveniente dos projetos de criptoativos possibilitados pela blockchain.

Thompson lembra que “para a maioria das pessoas, as relações de poder e dominação que as atingem mais diretamente são as caracterizadas pelos contextos sociais dentro dos quais elas vivem suas vidas cotidianas” (THOMPSON, 2011, p. 18). Também, que esses contextos implicam desigualdades e assimetrias de poder e recursos.

Ao estudar a ideologia, estamos interessados tanto nos contextos da vida cotidiana como naquele conjunto específico de instituições que compreende a esfera da política no sentido estrito. É evidente que isso não quer dizer que a esfera da política, no seu sentido mais estrito, seja irrelevante, nem significa que devemos focar exclusivamente os mínimos detalhes da vida cotidiana, ignorando características e pressões estruturais mais amplas. Significa apenas que não devemos esquecer as maneiras como as formas simbólicas são empregadas, articuladas e as maneiras como elas se entrecruzam com relações de poder nos contextos sociais estruturados em que muitos de nós vivemos a maior parte do nosso tempo (THOMPSON, 2011, p. 18).

Em outros termos, Thompson acredita que a ideologia não pode ser confinada apenas ao sistema político (as forças conectadas às questões governamentais), pois é envolta também por um regime de crenças que vai além do espectro partidário. Nesse sentido, essa nova ideologia poderia ser considerada como o resultado de construções de sentido relacionadas a um modo de existência (LATOUR, 2013-) que rejeita a condição de trabalhar em troca de um salário, que busca sua subsistência a partir do investimento em criptoativos, que refuta a necessidade de regulação do ecossistema cripto por compreender que a corrupção e inércia são inerentes aos governos, que deposita sua confiança no sistema blockchain. Essas construções de sentido se dão a partir de interações on-line, características da contemporaneidade.

Thompson (2011) corrobora com essa ideia, indicando que formas críticas a uma ideologia podem ser, também, a promulgação de novas ideologias. Nesse sentido, a adoção de criptoativos iniciou por conta da vontade de alguns grupos de iniciar um sistema diferente de capitalismo – mas que continua reproduzindo as assimetrias promovidas pelo capitalismo, apenas mudando o poder econômico de mãos. Quanto mais pessoas aderirem ao ecossistema cripto, maior é a possibilidade de lucro, e para que isso ocorra, o engajamento se dá a partir de interações e produção de conteúdo on-line, como não poderia deixar de ser em uma comunidade cujo nascimento e finalidade são computacionais. A noção de que a computação é mais confiável que qualquer ser humano para a realização de tarefas (como a criação de dinheiro, por exemplo) de forma justa, sem corrupção ou erros, compõe o ideário daqueles que Dodd (2018) chama de “bitcoiners” – aqueles que defendem a adoção do ecossistema cripto não apenas em seus módulo financeiro, mas como um pilar da construção de uma nova sociedade.

Dood (2018) discorda das análises de Golumbia de que todos os bitcoiners seriam, de forma homogênea, adeptos a ideias de extrema-direita. Dodd (2018) entende que, embora a análise de Golumbia (2016) sobre o bitcoin e seus derivados como uma manifestação de “extremismo de direita” capture a política de alguns de seus defensores, essa seria uma visão desnecessariamente unilateral. Ele pontua que, no ecossistema cripto, existem também *goldbugs* (investidores otimistas em relação ao ouro), hippies, anarquistas, cyberpunks, criptografadores, especialistas em sistemas de pagamento, ativistas de moedas, comerciantes de *commodities* e curiosos. Dodd defende que esse é um movimento social – apesar de difuso e mal definido – tanto quanto é uma moeda. Qualquer que seja a direção política dos *bitcoiners*, o que os une é a ânsia por protestar contra os governos.

Ambos, no entanto, concordam que as criptoativos são produtoras e produto de uma nova ideologia. Para Golumbia (2016), o projeto Bitcoin, enquanto ideologia, deve atingir momentos ainda mais extremos, podendo ou não manifestar seus objetivos políticos evidentes e, independente da concretização dessas intenções, sua principal função social seria espalhar seu ideário e dar a ele mais legitimidade. O autor enfatiza que o poder dessa ideologia (e das outras ideologias que ela incorpora) representa um risco para a democracia.

Por outro lado, Dodd (2018) argumenta que, se as criptoativos tiverem sucesso enquanto sistema financeiro, falharão enquanto ideologia, pois seus defensores pregam, justamente, o fim do dinheiro. Ao entender as criptoativos também como um fenômeno cultural, Golumbia (2016) aponta que seus proponentes não concordam entre si sobre o que seria esse sucesso do projeto, porque, se elas substituíssem o dinheiro, esse sucesso significaria sua adoção generalizada. Se todas as pessoas adotarem as criptoativos, isso incluiria os próprios banqueiros, financiadores, políticos e suas respectivas estratégias de dominação, ou seja, uma corrupção do ideal do ecossistema cripto.

Ao contrário de moedas como o dólar, o euro ou o real, há um forte senso de comunidade em torno das criptoativos, com discussões sistemáticas em grupos e fóruns na internet, associações a elas vinculadas e, como aponta Dodd (2018), uma noção de identidade coletiva e horizontal, ou seja, sem lideranças ou porta-vozes legitimados.

Hayes (2019), por sua vez, propõe que, se o ecossistema cripto consiste em uma ideologia em si mesmo, a blockchain é uma instituição, pois estabelece as regras que moldam comportamentos e expectativas dessa ideologia. Para Hayes (2019), são normas inquebráveis cuja política é estruturada pelos projetos cripto (seja Bitcoin, Ethereum ou Cardano, por exemplo), que também moldam as interações dos atores que participam de cada um desses projetos. Nesse sentido, o autor pontua que a blockchain seria um novo tipo de instituição

econômica, pois atende aos critérios elencados por North (1990, 1993) para tanto: ela determina regras formais para a sua execução e normas de comportamento de seus usuários que complementam essas regras. O argumento de North é que uma instituição permite compromissos críveis que impõem direito de propriedade e vão além de um rígido conjunto de regras para incluir dispositivos sociais informais.

Importante destacar que este projeto compreende dispositivo a partir do conceito foucaultiano como estando sempre inscrito em um jogo de poder e ligado a configurações de saber que dele nascem, mas também o condicionam. O dispositivo é, então, um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (FOUCAULT, 1989). Em suma, ele é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. Por outro lado, Foucault afirma que a relação entre esses elementos heterogêneos, discursivos ou não, promovem um tipo de jogo em que há mudanças de posição e modificações de funções.

Nesse sentido, Hayes (2019) compreende que, enquanto dispositivos socioeconômicos que coordenam e aplicam direitos de propriedade, as blockchains cumprem a definição de instituição de North. Hayes lembra, também, que, como as instruções particulares (ou regras do jogo) de um sistema baseado em blockchain são prefiguradas, elas também se encaixam na definição de Hodgson (2006) de que as instituições são sistemas de regras estabelecidas e prevalentes que estruturam interações e expectativas sociais – que tanto restringem como permitem determinado comportamento.

Tem-se, portanto, uma nova instituição, a blockchain, e uma nova ideologia, com crenças, regras e definições que mantém e reforça o ecossistema cripto. Esse sistema instituição + ideologia é uma emergência (MORIN, 2012) que pode caracterizar o espírito do tempo do começo do século XXI. Segundo Morin (2013), um sistema possui algo mais do que seus componentes considerados de maneira isolada ou justaposta. Na definição do autor, uma emergência consiste nas “qualidades ou propriedades de um sistema que apresentam um caráter de novidade com relação às qualidades ou propriedades de componentes considerados isolados ou dispostos diferentemente em um outro tipo de sistema” (MORIN, 2013, p. 137).

Nesse sentido, a interação entre as mudanças paradigmáticas na economia ocorridas no início do século XXI e a revolução tecnológica provocada pelo robustecimento da internet (não apenas como ferramenta, mas como *ethos*) poderia ser considerada como a faísca necessária para a criação desse sistema composto pela instituição blockchain e pela ideologia proveniente

do ecossistema cripto. Esse caldo de crenças, regras, modos de ser e de consumir afeta diretamente os processos de subjetivação e singularização das pessoas.

4.1 Uma nova subjetivação

A subjetivação é uma ferramenta do poder capitalístico (GUATTARI; ROLNIK, 1996). Para Guattari, o capitalismo moderno modela as pessoas no que diz respeito aos comportamentos, à sensibilidade, à percepção, à memória, às relações sociais etc. A expressão “capitalístico” é um termo que Guattari utiliza para designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas toda a sociedade que mantenha codependência do capitalismo, como a China, por exemplo, cujo regime político é, atualmente, comunista, mas rivaliza em termos de potência econômica com os Estados Unidos. Para Guattari, essas sociedades em nada se diferenciam sob o ponto de vista do modo de produção de subjetividade.

A subjetivação, portanto, é um processo eminentemente coletivo, econômico e político. Ela acontece, como explica Deleuze (2005) a partir do pensamento de Foucault, por pressões que as estruturas de poder, ideologias e instituições exercem sobre as pessoas por meio de normas, leis, regras, identidade de gênero pré-concebida, poder e convenções sociais. No entanto, assim como são pressionadas, as pessoas também pressionam e modificam as estruturas, em uma relação recursiva. A tensão formada entre a liberdade e a sujeição é, assim, forjada na zona de subjetivação e, também, onde se iniciam movimentos individuais de resistência. Ou, como pontua Deleuze, “a relação consigo é, inclusive, uma das origens desses pontos de resistência” (2005, p. 112). Ela, portanto, seria a busca do ser humano por aquilo que cada indivíduo compreende por liberdade, em gradientes maiores ou menores de tolerância à sujeição e avaliação de consequências e riscos.

Para Guattari, a subjetivação é um processo cujo objetivo é bloquear singularizações e instaurar individualizações – a diferença consiste em que, na singularização, o ser humano buscaria o que Foucault (1998) compreende por “prática de si” revolucionária, que escapa à homogeneização promovida pelas forças capitalísticas. “Os homens, reduzidos à condição de suporte de valor, assistem, atônitos, ao desmanchamento de seus modos de vida. Passam, então, a se organizar segundo padrões universais, que os serializam e os individualizam” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 38). Cabe destacar, aqui, a compreensão de indivíduo como alguém indivisível, massificado, identificável por apenas uma característica (muitas vezes, sua profissão ou sua posição hierárquica em alguma estrutura social). O indivíduo é muito mais

facilmente atingível e manipulável pelo poder capitalístico do que o ser humano singularizado e revolucionário: ele atende muito mais facilmente aos chamamentos das estruturas de poder.

Transportando o conceito de subjetivação capitalística do modelo industrial para a atualidade, Rose (1999) sugere que o neoliberalismo, no qual a empresa é o coração da economia, gera o *self empreendedor*. Segundo o autor, a empresa fornece uma lógica para a estruturação da vida de cidadãos individuais, que devem se tornar, por assim dizer, empreendedores de si mesmos, moldando suas próprias vidas por meio das escolhas que eles fazem entre as formas de vida disponíveis para eles. Para Rose, até o final do século XX, o cidadão, tanto no trabalho quanto fora dele, estava envolvido no projeto de moldar sua vida como um indivíduo autônomo impulsionado pela necessidade de autorrealização. Esse cidadão queria ser empreendedor de sucesso, artista famoso, atleta de ponta (ou tudo isso ao mesmo tempo) e, para tanto, precisava desenvolver as habilidades de auto apresentação, autodireção e autogestão. Devia cultivar a imagem do vencedor inclusive nas relações interpessoais. Sucesso econômico, progresso na carreira e desenvolvimento pessoal se cruzavam nesse novo território psicoterapêutico. Surgia o *coach* de carreira, muitas vezes contratado pelas empresas para ampliar os resultados dos seus próprios funcionários. É o que Byung-Chul Han (2015) chama de sociedade do desempenho.

Os imperativos das novas tecnologias, o ritmo das mudanças tecnológicas e a importância crucial do estímulo contínuo do consumo se combinaram para exigir que a produção tivesse como valores centrais a adaptabilidade, inovação, flexibilidade, excelência, sensibilidade às pressões do consumidor e às demandas do mercado (ROSE, 1999). Dessa forma, o neoliberalismo alterou os ideais de vida anteriores a ele, pelos quais o padrão de expectativas do trabalhador era manter-se em um mesmo emprego até a aposentadoria, com um plano de carreira pré-estabelecido e um ciclo previsível de vida que ia linearmente da independência juvenil ao casamento, formação de uma família e morte.

Como diz Byung-Chul Han (2015), a sociedade do desempenho substituiu a sociedade disciplinar (FOUCAULT, 1979) e a sociedade de controle (DELEUZE, 1992). No lugar da proibição, entram a motivação e a iniciativa, a autogestão de seu próprio presente e futuro. O sujeito de desempenho, segundo Byung-Chul Han, é senhor e soberano de si mesmo, é submisso apenas a si mesmo, e o excesso de trabalho agudiza-se numa auto exploração. O explorador é, ao mesmo tempo, o explorado. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal – em 2022, a síndrome de Burnout foi classificada pela Organização Mundial da Saúde como doença de trabalho, cujos sintomas são sensação de esgotamento, cinismo ou sentimentos negativos relacionados ao

trabalho e eficácia profissional reduzida. “A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados” (BYUNG-CHUL HAN, 2015, p. 14).

A sociedade do desempenho também é a do excesso de estímulos, informações e impulsos e, para Byung-Chul Han, modifica radicalmente a estrutura e a economia da atenção. A crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção, o *multitasking* (multitarefa), que, para o autor, não representa nenhum progresso civilizatório, mas sim um retrocesso: na vida selvagem, um animal precisa vigiar a comida, a prole, o parceiro, o abrigo, precisa estar atento para o que está acima e abaixo da sua posição na cadeia alimentar. A economia da atenção, na analogia de Byung-Chul Han, aproxima cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem. “Entrementes, o assédio moral, por exemplo, alcança uma desproporção pandêmica. A preocupação pelo bem viver, à qual faz parte também uma convivência bem-sucedida, cede lugar cada vez mais à preocupação por sobreviver” (BYUNG-CHUL HAN, 2015, p. 18).

A sociedade do desempenho é, em resumo, o que o autor considera como a sociedade do cansaço. Ela vai sendo moldada, aos poucos, por conta das condições econômicas pós-crise imobiliária norte-americana, pela gradativa precarização das relações de trabalho no mundo todo, pelo aumento do desemprego, pela falta de garantias de empregabilidade depois da graduação, pela não realização profissional. O ser humano da sociedade do cansaço trabalha muito, dorme pouco, come mal, faz poucas atividades físicas, é especializado de menos ou demais para a função que almeja, não raramente sofre de adoecimento mental, está endividado e usufrui de poucos momentos entre amigos e familiares.

Isso tudo é exatamente o oposto daquilo que o capitalismo oferece como felicidade: trabalhar o suficiente, dormir bem, comer de forma saudável, fazer atividades físicas regulares, especializar-se por satisfação pessoal e não por obrigação, adotar práticas de saúde mental, ter crédito bancário, apreciar bons momentos com amigos e família. Para cada uma dessas condições, existe uma solução à venda: um aplicativo gerenciador de tarefas, um remédio para dormir, uma assinatura mensal para entrega diária de refeições saudáveis de micro-ondas, um equipamento para fazer ginástica enquanto se está sentado trabalhando, uma terapia mística que promete resultados imediatos, um empréstimo bancário pré-aprovado.

A falta de perspectivas de um futuro próspero alterou as estruturas da subjetivação capitalística. A partir do surgimento de formas diferentes de obter sustento, a ideologia do ecossistema cripto promove um novo tipo de empreendedorismo de si e, portanto, um novo *self*. Diferentemente do *self* empreendedor, ele traz o sistema formado pela instituição blockchain e

pela ideologia cripto como molde para sua subjetividade – uma máquina desejan-te, nos termos de Guattari –, que almeja poder capitalístico, mas em suas próprias condições. Este trabalho tem o objetivo de investigar os imbricamentos entre esse novo *self*, essa nova ideologia e essa nova instituição.

4.2 Subjetivar para ideologizar

Inicialmente, os conceitos de subjetivação e ideologia possuem bases epistemológicas distintas, por conta da recusa de Foucault em operar o conceito de ideologia em função do modo de perspectivar a verdade (BENEVIDES, 2013). Foucault (1979, 1987, 2002) enfatiza que a noção de ideologia é dificilmente utilizável pois estaria sempre em oposição a algo que seria a verdade, intrinsicamente ligada a um sujeito e em posição secundária em relação a outra coisa que deve funcionar para ela como infraestrutura ou determinação econômica e material. Benevides (2013) resume os três inconvenientes citados por Foucault para rejeitar o conceito: a noção de representação, posto que a ideologia não é uma realidade, mas representa uma realidade; a oposição transcendente entre verdadeiro e falso – ela seria uma representação falsa; e a abstração da singularidade dos contextos de dominação, já que ela é uma reprodução de estruturas prévias de dominação.

Ainda, Foucault aponta que “a ideologia é uma formação secundária, derivada e superestrutural da realidade (o que é algo semelhante a dizer que ela ‘vem depois’ ou que é uma representação)” (BENEVIDES, 2013, p. 96). O autor indica, então, que, em vez de uma crítica à ideologia, Foucault inaugura a anarqueologia, em que o sujeito percebe estar involuntariamente ligado à verdade na tentativa de desvencilhar-se do poder. “No registro da crítica da ideologia, pergunta-se: ‘eu quero a verdade, como posso me livrar do poder?’. No contexto da anarqueologia, antecipa-se: ‘recuso o poder, e diante disso, o que é a verdade? O que faço com a verdade?’” (BENEVIDES, 2013, p. 98)

De outro lado, Maesse e Nicoletta (2021) introduzem o termo “subjetivação ideológica” para analisar regimes de poder/saber de subjetivação em práticas discursivas. Os pesquisadores, inclusive, delineiam três categorias da subjetivação ideológica: as formas opressiva, normalizadora e resistentes. Para os autores, a ideologia é definida como a articulação do conhecimento ao longo da dimensão político-existencial da subjetividade. Eles defendem que nem toda prática discursiva é, por definição, uma lógica ideológica. “Em nosso entendimento, as ideologias não podem ser ‘verdadeiras’ ou ‘erradas’, ‘boas’ ou ‘más’; uma vez que as práticas ideológicas fornecem modalidades para conectar subjetividades a um tipo particular de

formação de conhecimento⁴⁷” (MAESSE; NICOLETTA, 2021, p. 18, tradução nossa). Os autores pontuam que práticas ideológicas são formadas por meio de processos de subjetivação subordinados, normatizadores e resistentes conduzidos por práticas discursivas – o estudo de caso da pesquisa se deteve em discursos de especialistas econômicos para analisar a transformação ideológica do principal partido de esquerda italiano em relação às práticas discursivas econômicas e como os partidos alemães de centro-esquerda (social-democratas) e de centro-direita (os conservadores) passaram a fazer parte de um jogo de discurso ideológico por meio de diferentes formas de subjetivação desde os anos 1990.

Nesse mesmo sentido, Gallo (2010) trata a ideologia como um processo de subjetivação, de construção social e maquiúica de subjetividades. Conforme ele, é importante pensar sobre a forma de transmissão da ideologia que, segundo Althusser (1985, p. 93) “interpela os indivíduos enquanto sujeitos”, para dar início ao processo de reconhecimento que transforma um indivíduo, alguém perdido na massa sem maiores identificações, em um sujeito, alguém afirmado, reconhecido.

Esse referencial de base para o reconhecimento dos indivíduos evitaria, assim, as singularidades que podem implodir as estruturas sociais e é mantido pelos aparelhos ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1985), como, por exemplo, a escola. Gallo, então, alinha os dois conceitos: o de ideologia com o de subjetivação, depreendendo que a subjetivação pode ser considerada uma ferramenta utilizada pelos aparelhos ideológicos de Estado. Como sistemas econômicos também podem se valer de aparelhos ideológicos, posto que a financeirização é um projeto de governos, esta tese adota as perspectivas de Gallo e de Maesse e Nicoletta que propõem, ambas, a subjetivação como um processo de ideologização.

⁴⁷ No original: “We focus particularly on the explicit and implicit, conscious and unconscious, hidden and obvious dimensions of the political-existential aspects of knowledge production in discourses. In our understanding, ideologies cannot be ‘true’ or ‘wrong’, ‘good’ or ‘bad’; since ideological practices provide modalities for connecting subjectivities to a particular type of knowledge formation”.

5 CRIPTOATIVOS E REDES SOCIAIS

Desde seu nascimento, a internet foi reivindicada como espaço de liberdade de expressão, “o novo lar da Mente”, como diz a Declaração de Independência do Ciberespaço. Nesse sentido, Antoun (2015) questiona se é possível uma internet das subjetivações, paralela ou mesmo contraposta à internet das coisas, onde se possam ancorar as práticas de si (FOUCAULT, 1998), para a exploração da autonomia relativa que pode ser alcançada com as técnicas do eu. “Não se trata de postular uma liberdade natural de um sujeito que esteja além dos processos de normalização social e dos sistemas de alienação identitária presentes na história. (...) Nesta hipótese, o sujeito emergiria no entrecruzamento de uma técnica de dominação e uma técnica de si” (ANTOUN, 2015, p. 3). Em outras palavras, a internet poderia ser um espaço de emancipação do ser humano, consciente das pressões que recebe dos sistemas governamentais e capitalísticos e das suas possibilidades de luta social, seja para obter melhores condições de vida a partir do que já está posto, seja para viver novos modos de existência.

5.1 Um modo de existência

Conforme Latour (2013), quando se fala normalmente do modo de existência de algum grupo ou indivíduo, a referência é a seus costumes, seu modo de ser, sua etologia, seu habitat de alguma forma, seu sentimento por um determinado lugar. A investigação latouriana agrega a essa definição significados mais fortes aos termos “modo” e “existência” que não direcionam a atenção apenas para grupos ou indivíduos humanos, mas para os “seres” sobre os quais os humanos se questionam. Nesse caso, pode-se compreender a palavra “ser” também na sua forma verbal e não apenas enquanto sujeito, como os exemplos que Latour oferece de questionamentos que as pessoas fazem para si mesmas e para outras: “O que é a lei, a religião ou a ciência?”, “O que é importante para você?”.

Dos 15 modos de existência mapeados pelo projeto de Latour, uma possibilidade de compreensão dos seres humanos da internet da subjetivação seria a partir do cruzamento dos modos de existência [MET] – de metamorfose – e [TEC] – tecnologia. Conforme o projeto *An Inquiry into Modes of Existence (AIME)*, capitaneado por Latour, essa é uma travessia crucial, pois dela depende a evolução humana, muito além das noções de sobrevivência, de eficiência e de dimensão simbólica⁴⁸. Enquanto o modo de existência da metamorfose enseja a

⁴⁸ A análise do cruzamento entre os modos de existência [MET] e [TEC] está disponível em <http://modesofexistence.org/crossings/#/en/met-tec>. Acesso em 28 jan 2022.

transformação de seres (como verbos e como objetos) para garantir a subsistência, o modo da tecnologia significa os desvios inesperados pelos quais os existentes têm de passar para continuarem existindo. O cruzamento [MET-TEC] representa, conforme o projeto AIME, é a maneira de vida cujo objetivo é formar e redistribuir resistências para explorar diferenças. A tecnologia e a metamorfose provocam uma à outra ao mesmo tempo em que promovem capacidades desconhecidas nos seres. Latour frisa, em AIME, que o adjetivo “tecnológico” não designa um objeto, um resultado, mas um movimento para “congelar”, por assim dizer, um dos momentos da metamorfose. Por meio da tecnologia, o ser, no processo de suas práticas de si, aprende que ainda pode ser alterado infinitamente mais do que pensava ser possível até então.

Como afirma Antoun (2015, p. 3), “Pensar os aspectos pedagógicos que as práticas de si nascidas com o uso destes serviços [as redes sociais digitais e, portanto, tecnológicas] geraram para os movimentos sociais é um grande desafio”. Para o autor, é preciso ir além da compreensão do ser humano como apenas um produto passivo das técnicas de dominação. Segundo ele, as redes sociais são o meio de produzir a integração dos seres ao consumismo, mas também podem produzir a resistência contestadora dos movimentos de minorias ou contraculturais. A partir desse debate, Antoun aponta que uma das vertentes de análise sobre o lugar e o papel da comunicação na formação individual e social diz respeito aos processos em rede, que permitem que novos modos de existência (LATOURE, 2013) sejam experimentados e experienciados, para além da repetição dos modelos fornecidos pelos sistemas capitalísticos. Mas o autor pondera que a questão da autonomia é um problema biopolítico (FOUCAULT, 1979) para a multidão (HARDT; NEGRI, 2016), que teria apenas duas alternativas: render-se às forças de subjetivação capitalística e ao consumismo fugaz e desenfreado ou utilizar as características da rede para reverter os processos de homogeneização dos seres humanos.

Ou os coletivos podem produzir sua própria subjetivação e normalização através das redes interativas de comunicação distribuída – perspectiva multitudinária emancipatória – ou as populações estão submetidas aos processos massivos irradiativos de produção de pequenos fanatismos que deságuam no consumo de alta rotação e ilimitada variação superficial (ANTOUN, 2015, p. 8).

Um dos produtos da uniformização das pessoas nas redes sociais são as chamadas câmaras de eco, definidas por Choi et al. (2020) como sendo um sistema fechado ou grupo de usuários que compartilham interesses semelhantes e divulgam ativamente informações para outras pessoas. Para os autores, a câmara de eco é identificada com base na semelhança de traços pessoais como, por exemplo, pontos de vista políticos. O estudo conduzido por eles, que investigou a formação de câmaras de eco de rumores, detectou que as informações se tornaram

mais virais e se propagaram com mais rapidez quando divulgadas por membros dessas redes. Também apontou que existem câmaras diferentes, porém conectadas entre si em *hubs*, que dão amplitude às vozes compartilhadas. Nesse sentido, a compreensão de Cinelli et al. (2021) complementa o entendimento das câmaras de eco ao apresentar dois elementos importantes sobre elas: uma estrutura precisa ter interações homofílicas, ou seja, com o mesmo ponto de vista, e deve estar em um espectro oposto a outra câmara de eco para que sua existência faça sentido e tenha importância na rede. A polarização é o objetivo dos membros de uma câmara de eco e, nesse caso, a diversidade de opiniões não contribui para sua formação e importância na rede da qual faz parte.

Como sugerem Tokita et al. (2021), a polarização é impulsionada, em grande parte, quando integrantes de uma rede deixam de seguir fontes de informação com as quais não concordam, o que pode produzir redes homogêneas, que reduzem a exposição a notícias e opiniões desafiadoras e incentivam a hostilidade para com grupos externos. Eles afirmam que, como a estrutura do ecossistema de informação pode moldar a sociedade à sua imagem, a polarização institucional pode se propagar para o nível de massa, fornecendo uma ligação entre os padrões de polarização nos níveis micro e macro. Dessa forma, as redes sociais podem ser compreendidas como dispositivos de poder e subjetivação capitalística, pois têm a possibilidade de mudar estruturas socioeconômicas a partir do cerceamento dos processos de singularidade e resistência.

5.2 Cooptação

A polarização nas redes sociais pode ser fruto do que Honneth (2018) compreende por tipificação reificadora, quando sistemas de convicção delineiam a objetificação de outros grupos com base em uma ideologia. Ele utiliza como exemplo extremo, para o entendimento do leitor, a reificação de grupos minoritários como negros, mulheres, judeus, homossexuais. A reificação do outro ocorreria, segundo Honneth, a partir do momento em que uma pessoa aceita determinada ideologia e nega o reconhecimento prévio das qualidades daquelas que pertencem aos grupos dos quais a ideologia trata, transformando-as em objetos.

Mas, para que essa reificação do outro possa ser levada a cabo com êxito, também é preciso uma autorreificação – isso porque as redes sociais consistem em uma prática institucionalizada de apresentação de si. Como explica Honneth (2018, p. 95), “[...] todos os arranjos institucionais que coagem de forma latente os indivíduos a meramente dissimular ou fixar conclusivamente determinados sentimentos estimulam a disposição para a formação de

comportamentos autorreificadores”. Em outros termos, quando somos obrigados a dizer como somos e quais nossas principais características, ou quando nossos discursos precisam demarcar sob qual guarda-chuva ideológico nos abrigamos, estamos encenando um modo de ser e manipulando nossos próprios desejos e intenções.

Diferentemente da internet das subjetivações pensada por Antoun (2015), onde a prática de si (FOUCAULT, 1998) proporcionaria um *self* revolucionário, Honneth (2018) aponta que as redes sociais instam as pessoas a registrarem suas características em categorias previstas e ranqueadas – ele lembra o caso de sites de busca de parceiros que, na década de 1990, quando o livro foi escrito, as qualidades de um usuário eram sobrepostas às de outras escolhidas previamente e os candidatos a um relacionamento amoroso eram informados via e-mail de seus “sentimentos” recíprocos. “Não é preciso muita fantasia para imaginar que tipo de autorrelação é requerida para que os próprios desejos e sentimentos não sejam mais articulados à luz de encontros pessoais, mas tenham simplesmente de ser apreendidos e, por assim dizer, mercantilizados conforme o emprego acelerado de informação” (HONNETH, 2018, p. 96). Com a sofisticação do emprego de algoritmos e a abundância de dados pessoais disponíveis na internet, as redes, cada vez mais, sugerem quais características devemos atribuir a nossos perfis para que sejamos notados – por recrutadores de emprego, por parceiros, por seguidores. Dessa forma, em vez de um processo de singularização, os seres humanos são atingidos pela subjetivação capitalística, mesmo que disfarçada de “empoderamento”.

Esse fenômeno é descrito por Boltanski e Chiapello (2009) como “alças de cooptação”, quando o capitalismo atrai atores que percebem terem sido até então oprimidos, oferecendo-lhes certa forma de libertação que dissimula novos tipos de opressão. O capitalismo coopta, pela instauração de novas modalidades de controle, a autonomia. Um exemplo seria o movimento feminista que, de ideologia combatida pelo capitalismo patriarcal, passou a ser mercantilizado tanto em produtos físicos (camisetas com o rosto de Simone de Beauvoir, fantasias infantis da fase feminista da Mulher Maravilha, canecas com inscrições como Girl Power ou Girls Just Wanna Have FunDAMENTAL RIGHTS) como em filosofias empresariais, cujas propagandas vendem a maquiagem como empoderamento feminino e autoestima – o batom vermelho, signo da sexualização da mulher, transforma-se em sinônimo de autonomia, e o ato de passar base no rosto para “corrigir” sinais considerados como falhas vira uma prática de autoestima.

Em suma: fazer-se bonita (já que, pelos padrões de beleza ocidentais, nunca se está bonita o suficiente e sempre é preciso retocar alguma característica considerada como falha) é empoderar-se para conquistar autonomia e, para atingir esse objetivo, é preciso comprar roupas,

maquiagens, acessórios. O conceito de autonomia feminina é cooptado pela indústria da moda e beleza, reificando a mulher. Processos semelhantes podem ser vistos em relação ao movimento negro e ao movimento de valorização dos povos originários, por exemplo. “Neste momento da história das reivindicações de libertação e de sua cooptação pelo capitalismo, será possível mostrar de novo que as promessas não foram cumpridas, e que surgiram novas formas de opressão?” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 429). Este projeto pretende analisar o processo de cooptação que também se desenvolveu em torno da ideologia relacionada ao ecossistema cripto.

5.3 Resistência

Como já exposto anteriormente, os desenvolvedores do projeto Bitcoin foram movidos pelo desejo de criar uma instituição monetária diferente do mercado financeiro tradicional, desatrelada aos governos e órgãos reguladores, fiscalizações e identificações de movimentação. Se, por um lado, como diz Golumbia (2016), suas bases ideológicas tem uma aproximação com os pressupostos da extrema-direita, por outro, ele traz em si o discurso utópico da Declaração de Independência do Ciberespaço, que reivindica a internet como um mundo sem coação, sem conflitos, sem privilégios, sem preconceitos, sem censura, sem coerção física, sem neocolonialismo. A raiz da ideologia derivada do ecossistema cripto é, nesse sentido, a resistência ao modelo capitalista – mas não à acumulação de capital. De certa forma, ela é amparada pela busca do bem-estar comum, ou, ao menos, pelo combate às forças que, segundo seus fundamentos ideológicos, impedem isso.

Um dos pressupostos de Hardt e Negri (2016) é o de que a biopolítica é o poder da vida de resistir e determinar uma produção alternativa de subjetividade. Nesse sentido, pode-se tomar o desenvolvimento do projeto Bitcoin e seus sucedâneos como um acontecimento biopolítico. Para os autores, um acontecimento biopolítico é algo que postula a produção de vida como um ato de resistência, inovação e liberdade e nos conduz de volta à figura da multidão como estratégia política. O refinamento do conceito feito pelos autores após a crítica acadêmica define que a multidão “não é um sujeito político espontâneo, mas um projeto de organização política, desse modo se deslocando o debate do *ser* a multidão para o *fazer* a multidão” (2016, p. 194, grifo do autor). A multidão, no sentido dado por Hardt e Negri, é um tipo peculiar de fazer, na medida que não existe por trás do processo alguém que faz. “Através da produção de subjetividade, a própria multidão é autora do seu perpétuo tornar-se outro, num processo ininterrupto de autotransformação coletiva” (HARDT; NEGRI, 2016, p. 197).

O amor (enquanto elemento de unificação) assumiria, então, o papel de combater o mal ao se manifestar por meio da associação, da rebelião, da constituição do bem comum e do combate à corrupção nas instituições. Segundo os autores, a prática do amor é o fazer a multidão para a construção do comum a partir da interação entre singularidades em processo de solidariedade social. Esse é um exercício, de acordo com eles, orientado pela liberdade das singularidades e pela horizontalidade, mas com a finalidade de destruição. “[...] a relação entre amor e força é legitimada no consenso de singularidades e na autonomia de cada um, numa relação de reciprocidade e autogoverno coletivo” (HARDT; NEGRI, 2016, p. 221).

Analisando o movimento iniciado em 2009 pelos desenvolvedores do Bitcoin até a contemporaneidade, pode-se vislumbrar essas características do fazer a multidão. E, para Hardt e Negri, a liberdade do comum, um dos principais pilares da ideologia relacionada ao ecossistema cripto, é essencial à produção no terreno da economia da informação e da produção de conhecimento. O acesso ao comum em um ambiente de rede, em que há “conhecimentos comuns, códigos comuns, circuitos comuns de comunicação” (HARDT; NEGRI, 2016, p. 311), é essencial para a criatividade e o conhecimento. Eles sugerem que a privatização desses bens por meio da propriedade intelectual comprometeria a inovação e destruiria a liberdade do comum – nisso, os projetos de NFT, por exemplo, andariam no rumo contrário, pois são, efetivamente, a compra de direitos de posse de obras de arte digital transformadas em *tokens*, que garantem a autoria das obras via blockchain.

Para Hardt e Negri, a narrativa tecnológica empossa o ciberespaço como o comum e o novo lugar da liberdade e da inovação – livre acesso, livre uso, livre expressão, livre interação. Esse novo comum se posiciona contra o controle *privado* (grifo do autor), ou seja, contra o domínio exercido pela propriedade privada, suas estruturas jurídicas e suas forças de mercado. “Nesse contexto, a liberdade só pode ser a liberdade do comum” (HARDT; NEGRI, 2016, p. 312). Essa visão é diametralmente oposta à narrativa padrão do neoliberalismo econômico, que indica a propriedade privada como o lugar da liberdade, da eficiência, da disciplina e da inovação. Como apresentado anteriormente, foi justamente contra os resultados dessa lógica do capitalismo (e da proteção dada pelos governos para evitar a falência das grandes estruturas capitalistas) que se levantaram movimentos como o *Occupy Wall Street* e as Jornadas de Junho no Brasil, por exemplo.

Dufour (2005), por outro lado, não é tão otimista quanto às revoltas da juventude (do final do século XX e início do século XXI). A violência juvenil (como a vista tanto na época quando na atualidade) a partir das ações de gangues, seitas e grupos terroristas, de massacres em escolas seria, em parte, fruto da exclusão da atividade social por conta do capitalismo. “Mas

essa violência não é uma revolta contra a exploração (sem emprego, sem mais-valia), não visa nenhuma emancipação (nenhuma ideologia da salvação está operando), ela adere sem reserva ao consumo e aos valores do mercado, não denuncia nenhuma alienação” (DUFOUR, 2005, p. 203). Para o autor, esses crimes juvenis não têm, politicamente, sentido – são, na verdade, causados precisamente pelo fim do sentido provocado pelo neoliberalismo, cuja novidade é a redução das “cabeças”.

A ideia, segundo Dufour (2005), é que a força do capitalismo nos moldes em que ele se encontra atualmente reside na fraqueza dos governos e no máximo rendimento econômico e na formação de um novo sujeito, mais trivial, niilista. Dá-se, para o autor, uma espécie de darwinismo social, no qual os mais adaptados – ou os grandes, como dizem Boltanski e Chiapello (2009) – podem legitimamente tirar proveito de todas as situações, enquanto os “menos adaptados” (os pequenos) são simplesmente abandonados.

Os jovens delinquentes queimam, saqueiam, agredem com a mesma raiva impotente, por não poderem atingir os responsáveis por sua rejeição. Estamos diante de um círculo vicioso do niilismo: a anomia como condição de possibilidade do neocapitalismo faz cair no niilismo tanto os que dele se aproveitam quanto os que dele padecem (DUFOUR, 2005, p. 205).

Assim, se considerarmos que parte dos defensores dos projetos de criptoativos estão engajados em fazer a multidão para uma revolução que possibilite formas de existência diferentes das proporcionadas pelo capitalismo, podemos compreender uma nova etapa dos movimentos juvenis. Desta vez, eles não são formados apenas por adolescentes e jovens adultos, mas por pessoas que enxergam no ecossistema cripto uma forma distinta de subsistência – ou que, simplesmente, apostam em lucrar mais do que com as maneiras disponibilizadas pelo neoliberalismo. No lugar de violência, o movimento apresenta uma tentativa de transformar os criptoativos em *mainstream*. O capitalismo, no entanto, revida e cria estratégias para cooptar a ideologia que permeia esse novo universo.

5.4 Dispositivo ideológico

Conforme Maesse e Nicoletta (2021), embora a prática ideológica não se relacione com todo discurso, toda prática discursiva pode ser ideológica. Partindo do princípio de que qualquer tipo de conhecimento é ideologia (MANNHEIM, 1972), se faz possível uma abordagem foucaultiana de dispositivo. Um dispositivo pode ser definido como um conjunto heterogêneo de relações institucionais, posições de sujeito, hierarquias econômicas, formas de poder, hábitos culturais, conhecimentos científicos, políticos ou religiosos, formas de prática, elementos

tecnológicos e outros aspectos reunidos em discursos sob condições históricas e circunstâncias situacionais (FOUCAULT, 1980). Como argumentam Maesse e Nicoletta, se a teoria dos dispositivos é utilizada pela sociologia do conhecimento, pelas pesquisas sobre a relação entre poder, campo e discurso e pela filosofia cultural para discutir o impacto social da tecnologia e no papel da dominação e da resistência, é possível realizar uma abordagem dispositivo-analítica para apreender aspectos políticos particulares na produção do conhecimento, quando as pessoas se tornam sujeitos de uma determinada ideologia.

Os autores sugerem, nesse sentido, que a teoria dos dispositivos ajuda a atingir uma compreensão complexo do contexto para identificar as aparências, formas e estratégias de subjetivação (MAESSE; NICOLETTA, 2021). Isso porque, de acordo com eles, a noção de dispositivo permite analisar o discurso como um objeto empírico específico de produção de ideologia e é útil para apreender a especificidade dos jogos de posicionamento ideológico. Além disso, “um dispositivo não pode ser compreendido sem a produção de diferentes formas de subjetividade” (MAESSE; NICOLETTA, 2021, p. 5, tradução nossa)⁴⁹.

Os autores ainda argumentam a importância de analisar os discursos utilizados no processo de subjetivação.

Como cientistas sociais e humanos, acreditamos no papel fundamental dos sujeitos e da subjetividade para a construção de pertencimentos ideológicos porque as ideologias não podem ser desvinculadas de uma certa “ilusão humanista” refletida por vários elementos afetivos que estão sempre em ação nos discursos (como emoções, narcisismo, paranoia, ethos e assim por diante) (MAESSE; NICOLETTA, 2021, p. 5, tradução nossa)⁵⁰.

Se o meio é a mensagem, como define McLuhan no cânone *Os meios de comunicação como extensões do homem* (1969), podemos atualizar e aplicar o conceito para a contemporaneidade. O autor diz:

para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem. Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos (MCLUHAN, 1969, p.9).

Não podemos dissociar o cotidiano em “mundo real” e “mundo da internet”, posto que nossos perfis nas redes sociais não são uma parte em separado de nossa subjetividade. O

⁴⁹ No original: “a dispositif cannot be understood without the production of different forms of subjectivity”.

⁵⁰ No original: “As social and human scientists, we believe in the fundamental role of subjects and subjectivity for the construction of ideological belongings because ideologies cannot be detached from a certain ‘humanistic illusion’ reflected by several affective elements which are always at work in discourses (such as emotions, narcissism, paranoia, ethos and so forth)”.

Twitter, plataforma objeto desta pesquisa, é mais do que o lugar onde nossos discursos ficam depositados, ele é o discurso e a prática discursiva em si. Quando alguém escreve algo no Twitter, essa ação tem um nome específico dado pelos próprios usuários da plataforma: tuitar (que, em inglês e em espanhol, significa piar). Eles se autodefinem como “tuiteiros” e os textos são chamados de tuítes. Os tuítes têm limite de 280 caracteres com espaços e, por isso, são escritos de forma sintética e contundente. Essas características acabaram transformando o vocábulo em sinônimo para uma informação curta e de impacto. Levando em consideração essas particularidades, esta tese compreende que o Twitter, enquanto discurso e prática discursiva, é um dispositivo ideológico.

6 CRIPTOIDEOLOGIA

O esforço teórico realizado até aqui leva a uma conclusão: é possível a existência do que será denominado por esta tese como a criptoideologia, ou seja, um sistema de crenças, regras e definições adotadas por um grupo que defende a manutenção e ampliação do chamado ecossistema cripto. Esse ecossistema, conforme o já exposto, é o conjunto composto por usuários, pesquisadores, mineradores, investidores, códigos e grupos de discussão que constroem tudo o que diz respeito aos projetos cripto (Bitcoin, Ethereum, Dodge e tantos outros), às criptomoedas, às *exchanges*, fundos de investimento e plataformas de pagamento etc. O sistema formado pelo ecossistema cripto + criptoideologia existem por e pela instituição blockchain, que, em analogia a uma ideologia religiosa, seria o Deus a quem é atribuída a segurança de que tudo está nas mãos dele, de que ele e somente ele tudo sabe, de que os segredos a ele confiados serão sempre guardados, e de que a humanidade será melhor se seguir seus comandos. Ainda sob essa analogia um tanto atrevida, a blockchain seria o caminho, a verdade e a vida para a existência de um sistema econômico mais justo.

Na ética *hacker* (HIMANEN, 2001), acredita-se que o compartilhamento é um bem poderoso e positivo, e é um dever compartilhar experiências para a elaboração de softwares gratuitos para facilitar o acesso a informações e recursos computacionais. A autora compreende que a ética *hacker* surge em contraposição à ética protestante do capitalismo (WEBER, 2008), pois consiste em uma nova ética de trabalho que ultrapassa o *hackerismo* de computador, já que se defronta com forças e estruturas sociais.

Esta pesquisa compreende que a criptoideologia nasce com suas bases apoiadas na ética *hacker*, que, conforme Himanen (2001), obedece a Lei de Linus. Essa Lei, cunhada por Linus Torvalds – criador do sistema operacional Linux – afirma que o *hackerismo* tem motivações classificadas em três categorias fundamentais: sobrevivência, vida social e diversão. Nesse sentido, “a Lei de Linus por si só não se preocupa com o fato de que essas são as três coisas que motivam as pessoas, mas que a evolução depende da passagem da fase da sobrevivência para a vida social, e desta para a diversão” (HIMANEN, 2001, p. 15). Em outras palavras, o que motiva um *hacker* é mais do que ganhar dinheiro construindo softwares, mas também a solução de questões sociais (como a transparência de dados públicos, por exemplo) e o prazer em resolver problemas computacionais (como a mineração de bitcoins ou a participação na

construção de *tokens* e algoritmos de segurança de rede)⁵¹. É na sociedade em rede (CASTELLS, 2011) em que a criptoideologia se desenvolve. Para cumprir os objetivos propostos por esta pesquisa para a realização da tese doutoral, foi realizada uma aproximação ao objeto empírico, qual seja, as redes sociais, cujos dados serão apresentados a seguir.

6.1 Aproximação ao objeto empírico

Se a criptoideologia é característica do ambiente digital, é nas redes sociais que se pode apreender os discursos a ela vinculados. Nesse sentido, a aproximação ao objeto do estudo verificou as principais redes sociais utilizadas atualmente para discussões sobre o tema. As considerações a seguir fizeram com que fosse escolhido o Twitter⁵².

Uma das informações levadas em consideração para a escolha é o relatório Digital Trends 2022 Hootsuite⁵³, cujo ranking de mídias sociais por número de usuários ativos no mundo indica que, entre as 17 plataformas elencadas, quatro são voltadas principalmente ao debate: Facebook (o primeiro da lista total, com 2,9 bilhões de usuários), Twitter (436 milhões), Reddit (430 milhões) e Quora (300 milhões). Os demais são mensageiros (WhatsApp, Facebook Messenger e Telegram), plataformas cujo produto principal são imagens (YouTube, Instagram, TikTok, Snapchat e Pinterest) e as de uso primordialmente na China por conta do bloqueio governamental ao acesso de aplicativos ocidentais (Wechat, Douyin, QQ, Sina Weibo e Kuaishou).

Com as mudanças em virtude da criação da Meta no final de 2021 (conglomerado que abrange as empresas Facebook, Instagram, WhatsApp e Oculus), a ferramenta de captura de dados NCapture, que será utilizada por esta pesquisa para a extração de informações das plataformas, ainda não foi atualizada para a coleta no Facebook. Isso decorre em virtude das mudanças na própria engenharia da plataforma Facebook, o que exclui essa rede social do estudo.

A plataforma Quora foi excluída por ter menos usuários ativos e por se tratar, por definição, de uma rede em que perguntas são respondidas por especialistas – semelhante ao

⁵¹ Pela ética hacker, quem viola a segurança de um sistema (tanto para o vazamento de dados sigilosos quanto para a criação e disseminação de vírus computacionais, sequestro de sites e demais atos criminosos) é denominado cracker.

⁵² O Reddit também havia sido planejado como objeto de estudo, no entanto, o aplicativo colaborativo de pesquisa Pushshift, que faz a mineração de dados da plataforma, foi desativado logo após a qualificação do projeto desta pesquisa e, com isso, os conteúdos publicados no período selecionado estão inacessíveis.

⁵³ Disponível em <https://www.hootsuite.com/resources/digital-trends>. Acesso em 03 fev 2022.

Yahoo! Respostas, encerrado em maio de 2021. Dessa forma, o Twitter surge como a plataforma mais apropriada para responder à pergunta desta pesquisa.

6.2 Twitter

O Twitter, além de ser uma rede social onde são travados debates, tem forte conexão com o ecossistema cripto e suas movimentações. Como exemplo, estão o crescimento de 18,99% no valor do bitcoin em sete horas após Elon Musk mudar sua bio no Twitter para #bitcoin, ou quando ele tuitou “One word: Doge” e isso provocou o aumento de 17,31% na criptomoeda em uma hora (ANTE, 2021). A rede social possibilita que NFTs sejam utilizadas nos perfis dos usuários e passou a aceitar bitcoin para pagamento a criadores de conteúdo, doações e arrecadação de fundos, entre outros. Em fevereiro de 2021, o perfil @Bitcoin tinha 4,5 milhões de seguidores e o @ethereum 2,1 milhões. O assunto é utilizado por influenciadores digitais para gerar engajamento, como o tuíte da atriz brasileira Maria Boop, publicado em 03 de fevereiro de 2021: “alguém me explica o que é NFT como se eu tivesse 8 anos, por favor?”⁵⁴. A publicação teve, em 24h, mais de 1,4 mil comentários, 1,1 mil retuítes e 15,5 mil curtidas.

Um estudo mostra que há relação entre os sentimentos presentes em postagens de usuários do Twitter e a variação do mercado de criptomoedas (ZHANG, 2020), mas o que mais importa para este estudo é a circulação de discursos sobre a ideologia que envolve o ecossistema cripto. Os exemplos das postagens das Figuras 6, 7, 8 e 9 demonstram isso de forma clara.

Figura 6 - Tuíte relacionado às proibições de mineração de bitcoin



Fonte: Twitter.com

⁵⁴ Disponível em <https://twitter.com/mariabopp/status/1489289372365115393>. Acesso em 04 fev 2022.

Figura 7 - Exemplo de anúncio de cursos sobre investimento em criptomoedas



Fonte: Twitter.com

Figura 8 - Exemplo de tuíte sobre variação do mercado do bitcoin



Fonte: Twitter.com

Figura 9 - Comentários do post da Figura 8



Fonte: Twitter

Durante pesquisa exploratória, em uma busca por tuítes contendo a palavra bitcoin publicados entre 06 e 07 de fevereiro de 2022, sem distinção de idioma, na qual são incluídos tuítes de resposta, compartilhamentos e posts com links, a ferramenta de captura NCapture apresentou 15.897 tuítes. Os principais temas autocodificados a partir da análise pelo software NVivo foram, obviamente, bitcoin (1269 referências), crypto (264), development (269) e truckers (311). O tema *development* esteve entre os quatro principais por conta de uma ação em massa de divulgação da moeda meme Vita Inu, que deve atuar no Metaverso. Por sua vez, o tema *truckers* (caminhoneiros) se refere às notícias de que a greve de 50 mil caminhoneiros do Canadá, contrários à política de restrições por conta da Covid-19 e da obrigatoriedade de vacinação para ingressar em território dos EUA, recebeu doações de 8,8 bitcoins (o equivalente a US \$387 mil na cotação da tarde da coleta).

Nesse sentido, o Twitter se mostra a plataforma propícia para a realização desta pesquisa, especialmente por ser um espaço em que existem mais possibilidades de conversação entre usuários que não estejam engajados no ecossistema cripto e aqueles que aderiram às criptomoedas.

7 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Recapitulando, o objetivo geral desta pesquisa foi compreender como se manifestam e interagem entre si os discursos sobre a ideologia capitalística e o ecossistema cripto no Twitter. Para alcançar esse propósito, fez-se importante identificar os gradientes de positividade e negatividade dos discursos sobre o ecossistema cripto e sobre a ideologia capitalística no Twitter, detectar quais forças de pressão do poder capitalístico sobre a subjetivação dos usuários estão presentes nesses discursos e compreender como se deu a relação entre os discursos no Twitter para o reforço ou a repulsão à criptoideologia.

Para atender a esses objetivos, foi adotada uma estratégia multimetodológica, seguindo as sugestões de Maesse e Nicoletta (2021), inclusive por conta da semelhança do objeto de estudo. Os pesquisadores analisaram a economia enquanto prática discursiva ideológica como diferentes modalidades de subjetivação a partir de uma abordagem inspirada nos estudos do discurso cultural. Essa metodologia se mostra ineficiente para atender aos anseios desta tese por conta de seu delineamento distinto: enquanto o trabalho de Maesse e Nicoletta se debruça em alguns discursos específicos, o presente estudo teve a ambição de compreender mais de 100 mil textos agregados em *hashtags* e, dessa ampla base de dados, extrair informações quantitativas. Este capítulo apresentará as diversas formas de metodologia para análise de sentimentos e, depois desse sobrevoo, indicará quais foram as estratégias que melhor se adaptaram para a compreensão do *corpus*.

No entanto, como apenas essas conclusões não dariam conta de compreender os processos de subjetivação ideológica, foi necessário introduzir técnicas de análise de discurso. A análise de sentimentos se mostrou uma ferramenta adequada, primeiramente, por se tratar de método usual de investigação de discurso no Twitter. No entanto, ela também serviu ao propósito de selecionar e agregar textos para que, depois, pudesse ser aplicada a análise de discursos.

Esta tese se baseia na premissa de Thompson de que ideologia é o sentido a serviço do poder (THOMPSON, 2011) e que as relações de poder e dominação que atingem as pessoas mais diretamente são aquelas que se apoiam nos contextos sociais da vida cotidianas. Nesse sentido, a pesquisa se inspirou na hermenêutica de profundidade proposta por Thompson, utilizando algumas de suas técnicas instrumental e teoricamente.

7.1 Análise de sentimentos para redes sociais

Não existe um consenso sobre qual a forma padrão para medir sentimentos em textos, já que depende do objetivo pelo qual a análise de sentimentos está sendo aplicada. A literatura da Ciência da Computação aponta algumas possibilidades de leitura: polaridade, emoções, valência, excitação, dominância.

Tomando por base a compreensão de Liu (2015) sobre o tema, a positividade ou negatividade de uma palavra pode ter orientações ou polaridades opostas em diferentes domínios de aplicação ou contextos de frases, o que exige a análise de sentenças ou parágrafos levando em conta o ambiente digital em que o texto a ser observado está inserido e o contexto ao qual está conectado no momento da publicação. Essa análise apontará, assim, se a sentença verificada se encontra mais próxima do polo positivo ou do polo negativo, indicando também aquelas que são neutras sobre o tema do estudo.

Outra possibilidade de análise é a proposta por Ekman (2011), que sugere a existência de sete emoções universais: tristeza, raiva, surpresa, medo, aversão, desprezo e felicidade. Cada uma delas corresponde a uma família de emoções afins, que variam de intensidade. Ele sugere a impossibilidade de caracterizar esse conjunto em polos positivo e negativo por conta da mesma ponderação de Liu a respeito da necessidade de avaliar o contexto amplo. Plutchik (1980), na Teoria das Emoções, já previa essas sete emoções, além de outras duas: confiança e expectativa. Por sua vez, Parrot (2001) prevê que as manifestações dos sentimentos podem ser caracterizadas em três níveis: amor/alegria, surpresa/raiva, tristeza/medo.

Por fim, há o modelo de pontuação de sentenças de 0 a 9 a partir dos graus de valência, excitação e dominância. A técnica empregada nesse caso é a do Happiness Index⁵⁵, que utiliza o repertório do relatório Affective Norms for English Words (BRADLEY; LANG, 1999), que contém uma coleção de 1.034 palavras em língua inglesa associadas a essas dimensões afetivas. A valência aponta o quanto é agradável um estímulo, variando de feliz a infeliz. A excitação pontua o grau de intensidade da emoção e a dominância indica o poder de um determinado estímulo, que pode variar de fraco a dominante. O Happiness Index calcula as pontuações com valores entre 1 e 9 nas sentenças, indicando a “quantidade” de felicidade que existe no texto. A partir dos procedimentos de técnicas reunidas e compiladas por Liu (2015), apresentaremos um esquema sistematizado em etapas e fases.

⁵⁵ Disponível em <https://countryeconomy.com/demography/world-happiness-index>. Acesso em 11 fev 2022.

São três as etapas a serem vencidas: a identificação de conteúdo subjetivo, que apresenta sentimentos sobre o assunto pesquisado; a classificação dos sentimentos; e a agregação, que consolida os sentimentos encontrados para determinar o sentimento final do tema.

7.1.1 Identificação

A primeira fase da identificação é a separação do conteúdo subjetivo, que expressa sentimentos sobre algum assunto. Para essa separação e posterior classificação, são necessários dois passos, ambos referentes ao Processamento de Linguagem Natural (PNL), para a manipulação e transformação de textos. A identificação é o pré-processamento dos dados.

O primeiro passo é a *tokenização*, que consiste na identificação dos termos (*tokens*) e consequente remoção de *stop words* (artigos, numerais, preposições, enfim, palavras que não indicam emoções). A *tokenização* se dá no nível morfológico da análise, assim como a identificação dos radicais de cada *token* para sua posterior agregação – as palavras são reduzidas às suas partes indivisíveis, sem prefixos, infixos e sufixos. Para apontar os radicais, as técnicas utilizadas podem ser a de *stemming* ou a de lematização. Enquanto a *stemming* busca radicais independentemente de serem ou não palavras existentes (o radical de amizade, amigo e amigável é “ami”) para seu agrupamento posterior, a lematização pode identificar não apenas os radicais, mas grupos de sinônimos (amizade é sinônimo de parceria).

O segundo passo é a etiquetagem morfosintática, um processo de identificação da classe gramatical à qual pertence um termo com base na definição e contexto em que ele está inserido. São consideradas apenas as classes gramaticais que podem apresentar sentimentos: substantivos, verbos, adjetivos e advérbios.

7.1.2 Classificação

Depois de cumprida a primeira etapa, são atribuídas classificações aos *tokens* já etiquetados – se de acordo com a polaridade ou a emoções relacionadas. Nessa etapa, podem ser empregadas diferentes técnicas de classificação: lexical, por aprendizado de máquina, semântica ou estatística. Os resultados dessa classificação determinam quais sentimentos foram encontrados no texto e sua intensidade.

Na técnica lexical, o algoritmo não necessita de etapa de treinamento porque trabalha com *tokens* já etiquetados e classificados previamente. É utilizado um dicionário de lemas ou radicais, em que os *tokens* são associados a rótulos ou a uma pontuação que denotem sentimentos.

Na técnica de aprendizado de máquina, o algoritmo busca identificar regras gerais em grandes conjuntos de dados, de modo que informações implícitas possam ser extraídas de forma automática a partir da comparação a um modelo. Esse é um método supervisionado, que necessita de dados previamente classificados para treinamento e posterior aplicação. Para tanto, são definidos atributos denominados *alvo*, a classificação do sentimento em si, e *features*, que são os *tokens* exportados de outros textos que apresentam sentimentos. Para a escolha das *features*, é essencial a aplicação das técnicas de lematização, *stemming* e etiquetagem morfosintática. Para facilitar o processo, é comum restringir as *features* a adjetivos e advérbios, além de representações binárias sim e não – se determinado *token* aparece ou não no texto – ou a atribuição de pesos – de 0 a 1, por exemplo –, a consideração de *emojis* (😊 😞), palavras alongadas (muuuuuuito), pontuações repetidas (?????) e *tokens* constituídos por expressões (senta lá, Cláudia). Para testar a aplicação das *features*, formam-se conjuntos diferentes, um para treino e outro para teste, processo chamado de validação cruzada.

As técnicas estatística e semântica são menos populares e não aplicadas pelo software NVivo, que foi utilizado neste estudo e, portanto, não serão aqui abordadas. Elas fazem a análise de sentimentos a partir da proximidade de *tokens* e calculam as chances de que eles tenham a mesma polaridade.

7.1.3 Agregação

A terceira etapa consiste na sumarização dos sentimentos dos textos coletados; é a consolidação do total classificado. A agregação pode, por exemplo, usar a média aritmética para determinar a polaridade final, que pode ser de -1 a +1, em que -1 é muito negativo, 0 é neutro e +1 é muito positivo – quanto mais forte é o sentimento, mais próximo dos extremos. Entende-se aqui a força ou fraqueza de acordo com a quantidade de vezes em que aparece no total de sentenças.

No caso da pesquisa em tela, há uma gradação entre um sentimento muito positivo e um muito negativo em relação à emoção que os textos revelam, individual e coletivamente, sobre o posicionamento dos usuários no que diz respeito aos criptoativos. Ao final, essa análise culminará no sentimento geral do *corpus*. Para uma melhor compreensão do que esse sentimento indica, este estudo a utilizou como uma etapa anterior à análise de discurso.

7.2 Análise de discurso com base na hermenêutica de profundidade

O discurso, segundo Foucault (2014), causa inquietação – e, por conta dela, dá-se a presente investigação – por se tratar de uma atividade cotidiana e cinzenta, que traz em si poderes e perigos, supõe lutas, vitórias, ferimentos, dominações e servidões. Ele questiona: “Onde, afinal, está o perigo?” (2014, p. 08). Esta pesquisa vai na esteira dessa pergunta de Foucault que, ao olhar ingênuo, parece simples como a de uma criança ao atravessar sozinha uma avenida movimentada pela primeira vez. No entanto, uma avenida é um caminho por onde se cruzam não apenas interesses individuais (chegar ao trabalho, em casa, ir a um parque, a um encontro), mas os da sociedade como um todo (dar agilidade aos movimentos da cidade, levar o maior número de pessoas a um mesmo lugar, organizar o fluxo dos cidadãos para fazer “a máquina girar”).

Esta pesquisa pretende adotar a suposição de que, “em toda a sociedade, a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm, por função, conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2014, p. 8-9). Foucault indica que as zonas onde o discurso tem maior peso são as áreas da sexualidade e da política, mas esta pesquisa compreende que o poder capitalístico, de forma recursiva, interage e modifica todos os aspectos da vida social e altera significativamente as pessoas, fazendo com que a produção de singularidades seja uma luta revolucionária e uma ferramenta contracultural. Como reforça o autor, “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2014, p. 10).

Para responder à pergunta de pesquisa “de que forma a ideologia capitalística se manifesta nos discursos no Twitter sobre o ecossistema cripto?”, foi necessária, obviamente, a análise dos discursos presentes. Para tanto, foi preciso, como um passo para a seleção dos discursos, a diferenciação dos discursos positivos, que endossam a ideologia relacionada ao ecossistema cripto, e dos negativos, que reforçam a permanência da ideologia capitalística sem a existência ou com a regulação estatal das criptomoedas. Essa diferenciação se operou, como dissemos, a partir da análise de sentimentos em redes sociais.

Para a análise de discurso ideológico a partir da mídia de massa, Thompson (2011) sugere a metodologia que ele denomina “hermenêutica de profundidade” (HP), referencial que coloca em evidência o fato de que o objeto de análise é uma construção simbólica significativa que exige uma interpretação, que assume papel central. Ele ressalta que as formas simbólicas

estão inseridas em contextos sociais e históricos de diferentes tipos e, sendo construções significativas, estão estruturadas internamente de várias maneiras e, para dar conta dessas diferentes formas de construção simbólica, Thompson prevê a possibilidade de conexão de métodos de análise distintos, com suas potencialidades e limites definidos. Para a realização da HP, são previstas três fases: a análise sócio-histórica, a análise formal ou discursiva e a interpretação/reinterpretação.

6.2.1 Análise sócio-histórica

Conforme Thompson (2011), a análise sócio-histórica tem o objetivo de reconstruir as condições históricas e sociais da produção, circulação e recepção das formas simbólicas. Para tanto, ele sugere quatro possibilidades de mapeamento. A primeira é a identificação e descrição das situações espaço-temporais específicas em que as formações simbólicas são produzidas (faladas, narradas, inscritas) e recebidas (vistas, ouvidas, lidas), quais são as pessoas envolvidas, quando e em quais lugares. A reconstrução desses ambientes, conforme o autor, é uma parte importante da análise sócio-histórica.

A segunda possibilidade é a distinção dos campos de interação enquanto espaços de posições e conjuntos de trajetórias que, quando integradas, determinam algumas das relações entre pessoas e oportunidades acessíveis a elas, o que determinará as formas simbólicas presentes nos discursos (THOMPSON, 2011). Nas trajetórias de interação, as pessoas empregam vários tipos de capital (social, simbólico e até mesmo financeiro, dependendo do tipo de relação) e adotam uma variedade de regras, convenções e esquemas flexíveis. Essas estratégias – implícitas e tácitas – existem na forma de conhecimento prático, inculcado e reproduzido na vida cotidiana.

Uma terceira possibilidade é a distinção e análise das instituições sociais que fazem parte dos campos de interação, bem como das estruturas sociais – desigualdades e forças de revolução em movimento. O último nível da análise sócio-histórica é a indicação de quais meios técnicos são utilizados para a construção e transmissão de mensagens, sendo em interações face a face, mediadas, quase-interações mediadas ou interações mediadas on-line (THOMPSON, 2018).

6.2.2 Análise formal ou discursiva

Os objetos e expressões que circulam nos campos sociais são construções simbólicas que apresentam uma estrutura articulada, o que exige a análise formal ou discursiva. Sendo as

formas simbólicas produtos de ações baseadas em regras e recursos disponíveis ao produtor do discurso, elas têm, como objetivo, dizer alguma coisa sobre algo, o que é um aspecto adicional e irreduzível (THOMPSON, 2011). A intenção da análise discursiva está interessada primariamente na organização interna das formas simbólicas, suas características estruturais, padrões e relações. Thompson sugere diversas possibilidades de análise discursiva, como a semiótica (que ele indica como uma metodologia útil, porém parcial), a de conversação, a de sintaxe do cotidiano, a da estrutura narrativa e a argumentativa.

A análise argumentativa, por se mostrar a que mais adere ao objeto desta pesquisa, é a que será mais detalhada nesta pesquisa. Segundo Thompson (2011), o discurso, enquanto construção linguística supraproposicional, pode abranger cadeias de raciocínio que podem ser reconstruídas de várias maneiras. Essas cadeias de raciocínio, geralmente, não chegam a ser argumentos válidos, no sentido tradicional da lógica formal, mas são construídas como padrões de inferências que conduzem de um tema ou tópico a outro, de maneira que seja mais ou menos convincentes, mais ou menos implícitas. O objetivo da análise argumentativa é reconstruir e tornar explícitos os padrões de inferência que caracterizam o discurso. Essa etapa possibilita ao analista romper o corpo do discurso em conjuntos de afirmativas ou asserções, organizadas em tópicos ou temas, e então mapear as relações entre essas afirmativas e tópicos em termos de determinados operadores como implicação, contradição, pressupostos, exclusão etc.

6.2.3 Interpretação/reinterpretação

Essa é a terceira e última etapa da análise hermenêutica de profundidade teorizada e sistematizada por Thompson (THOMPSON, 2011). Ela implica em um movimento de pensamento que procede por síntese, por construção criativa de possíveis significados e complementa a análise formal ou discursiva, isto é, uma explicação interpretativa do que está sendo representado ou do que é dito.

Para a execução da análise da hermenêutica de profundidade em um discurso ideológico, Thompson sugere que:

- a) a análise sócio-histórica deve apontar as relações de dominação que caracterizam o contexto dentro do qual as formas simbólicas são produzidas e recebidas, as instituições sociais e os campos de interação;
- b) a análise formal ou discursiva deve indicar as características estruturais das formas simbólicas que facilitam a mobilização do significado, bem como as cinco maneiras

gerais elencadas por Thompson de operação da ideologia, que são legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação;

- c) a interpretação da ideologia deve explicitar a conexão entre o sentido mobilizado pelas formas simbólicas e as relações de dominação que este sentido ajuda a estabelecer e sustentar.

Para Thompson (2011), a interpretação da ideologia tem também o papel de síntese, no sentido de unificar os resultados da análise sócio-histórica e da formal ou discursiva, mostrando como o sentido das formas simbólicas serve para estabelecer e sustentar relações de dominação.

7.3 Etapas metodológicas

Para a concretização da tese, o cumprimento dos objetivos e a resposta à pergunta de pesquisa, foram empregados esforços de algumas estratégias acima, agora apresentadas resumidamente nas seguintes etapas:

- 1) Análise de sentimentos de textos no Twitter a partir de aprendizado de máquina:
 - a) composição de amostra de dados para treinamento e teste do algoritmo de análise de sentimentos do software NVivo;
 - b) etapa de identificação dos sentimentos:
 - i) seleção de acontecimentos importantes para o ecossistema cripto e eleição de *tokens* referentes ao tema;
 - ii) coleta de tuítes, a partir da extensão NCapture para Google Chrome (pertencente ao software NVivo) de postagens relacionadas ao ecossistema cripto e aos acontecimentos selecionados;
 - c) classificação:
 - i) codificação automática com identificação de sentimentos, com o comando de codificação de parágrafos das amostras;
 - d) agregação:
 - i) identificação da polaridade dos sentimentos codificados em muito positivos, moderadamente positivos, moderadamente negativos e muito negativos;
 - ii) exibição de nuvem de palavras para cada um dos sentimentos, mostrando as 50 palavras formadas com mais cinco letras que tiveram maior número de menções nos parágrafos;
 - iii) exclusão de *stop words* que não tenham sido removidas pelo algoritmo;

iv) produção da árvore de sentenças da palavra mais citada em cada uma das instâncias que compõem a polaridade.

- 2) Análise de discurso com base na hermenêutica de profundidade:
 - a) análise argumentativa;
 - b) interpretação/reinterpretação, com base em todas as etapas anteriores.

7.4 Categorias de análise

Para a elaboração da análise de discurso, o *corpus* foi agregado em três categorias:

- 1) Tipo de mercado: se o discurso é favorável ao mercado tradicional ou ao mercado cripto.
- 2) Confiança: se o discurso apoia a segurança institucional do mercado tradicional ou a segurança operacional proporcionada pela blockchain.
- 3) Liberdade: se o discurso é favorável à regulação de mercado ou à autonomia proporcionada pelo ecossistema cripto.

7.5 Composição do *corpus*

Os momentos de crise são os que mais fazem emergir questionamentos latentes e que melhor expõem situações para a pesquisa acadêmica. Nesse sentido, para melhor compreender os processos de subjetivação ideológica presentes nos discursos no Twitter, foi eleito o período de dez dias entre o início e o declínio do acontecimento conhecido como colapso do ecossistema Terra, que determinou o fim do criptoativo luna.

Em um breve histórico, em 2018, o programador e empresário Do Kwon fundou o Terraform Labs em Seul, Coreia do Sul e lançou seu primeiro criptoativo em 2019. A plataforma Terra usava um blockchain *proof-of-stake* e possuía uma liquidação muito mais rápida do que o Bitcoin. Em janeiro, ele montou a Luna Foundation Guard (LFG), uma instituição sem fins lucrativos, sediada em Cingapura, da qual era diretor.

No final de março de 2022, a *stablecoin* luna, que usava a plataforma Terra, era o maior *token* financeiro descentralizado por capitalização de mercado, com uma capitalização de mercado teórica de cerca de US\$ 34 bilhões⁵⁶. A Terraform Labs alocou uma parte do dinheiro

⁵⁶ Disponível em <https://observer.com/2022/05/the-crazy-crypto-meltdown-of-terra-and-luna-explained/>. Acessado em 5 mar 2023.

obtido com as vendas para a Luna Foundation Guard para ser usada como reserva para estabilizar os preços. Em 7 de maio, a LFG detinha reservas de 80.394 bitcoins no valor de aproximadamente US\$ 2,4 bilhões. O Bitcoin era a maior parte dos ativos de reserva, embora a LFG também detivesse reservas em várias outras stablecoins e criptoativos.

A Terraform emitia várias *stablecoins* atreladas ao valor de diferentes moedas mundiais. Um dos mais populares era o Terra USD (UST), atrelado ao dólar norte-americano. Ao contrário do bitcoin, que tem um número fixo de moedas que podem existir, a oferta de UST era determinada pela demanda por ele, que teoricamente reforça a relação de um para um que a moeda tinha com o dólar. A relação entre Terra e luna envolvia a cunhagem e queima de moedas para manter o valor em equilíbrio. Da mesma forma, o sistema tinha sido projetado para manter a paridade com o dólar por meio de arbitragem de mercado. Se o valor de mercado do luna caísse para 99 centavos de dólar ou menos, compradores suficientes deveriam entrar no mercado para aumentar o valor e, se o valor fosse para US\$ 1,01 ou mais, detentores suficientes venderiam para diminuir seu valor. Além disso, em março de 2022, a Terraform deu o passo incomum de comprar até US\$ 10 bilhões em Bitcoin para reforçar o valor de suas moedas.

No dia 07 de maio de 2022, um sábado, o preço de negociação da UST foi para cerca de 98 centavos de dólar e permaneceu nesse valor por mais tempo do que a teoria da arbitragem sugeria. Isso é o equivalente à quebra de um fundo do mercado monetário. Bilhões de dólares de UST foram retiradas de vários protocolos, refletindo uma desconfiança coletiva no valor do criptoativo ou, como alguns sugeriram, um ataque coordenado para lucrar com uma grande queda. A UST, então, despencou: a partir do meio-dia de 13 de maio, ele foi negociado a cerca de 15 centavos de dólar. Os investidores em luna tiveram uma surpresa ainda mais drástica: do dia 12 de maio em diante, ele foi negociado abaixo de um centavo e a Terraform Labs foi forçada a reiniciar sua blockchain. Antes do *crash*, luna era um dos dez maiores criptoativos do mercado. O colapso eliminou quase US\$ 45 bilhões de capitalização de mercado ao longo de uma semana e foi comparado com a crise das hipotecas de 2008⁵⁷. Em 17 de maio, a Terraform Labs interrompeu, por duas horas, a criação de blocos na blockchain. Em 25 de maio, foi aprovada uma proposta para reemitir uma nova criptomoeda Luna e desacoplar e abandonar a desvalorizada *stablecoin* UST. O blockchain original agora é chamado de Terra Classic (LUNC), e o token Luna original é chamado de Luna Classic⁵⁸.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.euronews.com/next/2022/05/12/terra-luna-stablecoin-collapse-is-this-the-2008-financial-crash-moment-of-cryptocurrency>. Acessado em 05 mar 2023.

⁵⁸ Disponível em: <https://web.archive.org/web/20220525122801/https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-05-25/do-kwon-wins-backing-for-his-proposal-to-rescue-terra-project>. Acessado em 05 mar 2023.

Traçada a linha do tempo, mostrou-se útil para a pesquisa coletar discursos no Twitter entre os dias 06 e 17 de maio de 2022, dez dias completos entre o início da crise e a primeira interrupção da criação de novos blocos dos criptoativos da Terraform Labs.

A estratégia utilizada foi a seguinte:

- a) Busca avançada na própria plataforma.
 - i) No campo “todas as palavras”, foram inseridas as palavras bitcoin, BTC, luna, cripto e crypto, para a coleta tuítes contendo qualquer uma delas.
 - ii) O idioma pesquisado foi o inglês, para garantir maior abrangência do *corpus*.
 - iii) Os filtros ativados foram para inclusão de “respostas e Tweets originais” e “incluir Tweets com links”.
 - iv) As coletas foram divididas em períodos de 24h, entre os dias 06 e 17 de maio, o que levou ao total de 100.081 tuítes.
- b) Foram capturados os tuítes retornados nas buscas a partir da ferramenta NCapture do NVivo.
- c) Os arquivos foram unificados em um projeto no NVivo contendo todos os textos coletados.
- d) Em seguida, deram-se os processos de identificação, classificação e agregação.

8 ANÁLISE DOS DADOS

Para a apresentação da análise dos dados coletados, esta tese apontará, nas próximas páginas, os caminhos trilhados conforme o percurso metodológico definido para atingir os objetivos da pesquisa.

8.1 Análise de sentimentos

A seguir, serão apresentados os resultados da análise de sentimentos dos tuítes coletados durante o período definido para a estruturação do *corpus* investigado, que será útil para a análise de discurso inspirada na hermenêutica de profundidade.

8.1.1 Visualização dos dados e contextualização econômica

Após a coleta e tratamento de 100.081 tuítes publicados no período analisado, os discursos foram categorizados em quatro sentimentos, que resultaram em diferentes números de referências de codificação. Como as referências de codificação são agregados de parágrafos com *tokens* semelhantes, a somatória (42.353) não é igual ao total de tuítes. O resultado é demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1 - Referências de codificação de sentimentos

	Muito negativo	Moderadamente negativo	Moderadamente positivo	Muito positivo
06 a 07 de maio	1.044	1.337	1.451	1.016
08 a 09 de maio	793	1.173	1.413	904
10 a 11 de maio	903	1.906	2.096	927
12 a 13 de maio	1.010	3.400	1.990	1.308
14 a 15 de maio	991	2.113	1.450	871
16 a 17 de maio	768	1.444	1.495	709

Fonte: a autora

Como indica a tabela, entre os dias 06 e 07 de maio de 2022, havia equilíbrio entre os sentimentos positivo e negativo e seus gradientes, com quantidades praticamente equivalentes. No entanto, naqueles dois dias, o valor do bitcoin girou em torno de US\$ 35 mil, o menor desde janeiro daquele ano⁵⁹, por conta do anúncio do Federal Reserve (FED, o banco central dos Estados Unidos) de elevar a taxa de juros em 0,5 ponto percentual e pelo início da derrocada dos tokens Luna (LUNC) e TerraUSD (UST), que eram nativos da rede Terra, um projeto baseado em blockchain desenvolvido pela Terra Labs na Coreia do Sul.

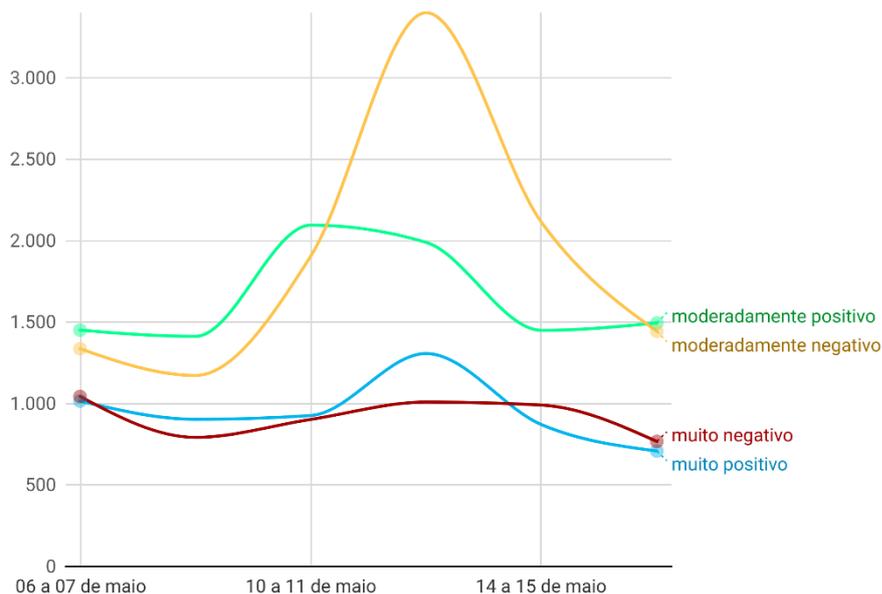
Essa desestabilização do mercado de criptoativos alterou os índices de sentimentos, reduzindo em mais de 300 pontos o polo muito negativo e em cerca de 100 o muito positivo, ampliando a diferença entre o discurso moderado e o de cada um dos extremos. A distância se acirrou ainda mais entre 10 e 11 de maio e chegou ao ápice nos dias 12 e 13, quando o *token* Luna caiu 96% e foi a US\$ 0,10 (um dos principais atrativos da criptomoeda era ser atrelada e pareada ao dólar). Nesses dias, a blockchain da rede Terra foi interrompida (ou seja, os mineradores pararam de produzir novos blocos) por duas vezes, o que levou a *Exchange* Binance a encerrar a negociação da criptomoeda.

O discurso no Twitter seguiu concentrado no eixo moderado entre os dias 14 e 15 de maio, quando o sentimento positivo atingiu o menor patamar no período pesquisado: 871 referências de codificação. Nesse intervalo, as notícias davam conta que a Luna Foundation Guard, organização sem fins lucrativos que havia sido criada para promover o ecossistema Terra e que havia comprado US\$ 1,5 bilhão em bitcoin para manter o pareamento com o dólar, tinha removido todo o fundo de seu sistema próprio para contas nas *exchanges* Gemini e Binance. Entre os dias 16 e 17, o CEO do Terra, Do Kwon (que teve prisão decretada pela Coreia do Sul e entrou na lista de procurados da Interpol sob acusação de fraude no episódio) anunciou que estava migrando o sistema para outro projeto, o Terra Classic.

Os dez dias que marcaram a morte dos *tokens* Luna e Terra foram fortemente refletidos no valor do bitcoin. O BTC desvalorizou, nesse período, 14%, e chegou a US\$ 30 mil. A Figura 10 demonstra a evolução diária dos sentimentos nas publicações no Twitter.

⁵⁹ Conforme reportagem do Valor Investe, disponível em <https://valorinveste.globo.com/mercados/cripto/noticia/2022/05/06/bitcoin-desce-a-minima-desde-janeiro-e-sinaliza-periodo-conturbado-a-frente.ghtml>. Acesso em 22 jan 2023.

Figura 10 - Gráfico da evolução dos sentimentos no período da coleta



Fonte: a autora

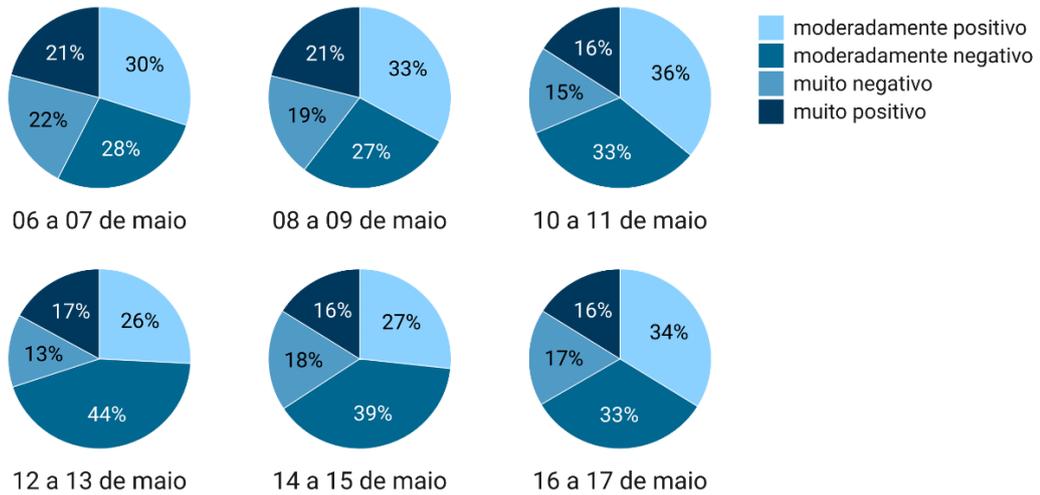
O topo da parábola do sentimento moderadamente negativo é o mais acentuado, com o pico em 13 de maio (uma sexta-feira), quando o valor do bitcoin já acumulava perdas de 16% em sete dias, negociado a US\$ 30 mil, e o ether havia caído 24% no mesmo período, valendo US\$ 2 mil. No fim de semana, quando as bolsas de valores do mercado tradicional não operam, o bitcoin chegou a valorizar US\$ 1 mil, mas caiu novamente na segunda e encerrou o dia a US\$ 29 mil. A curva volta ao estágio inicial na terça-feira, 17. Interessante destacar que o BTC se manteve entre US\$ 28 mil e US\$ 31 mil até 11 de junho de 2022. A parábola do sentimento muito positivo praticamente acompanha o movimento, porém com ápice menos elevado.

A evolução do sentimento moderadamente positivo tem seu pico no dia 10 e se manteve em queda até dia 15, quando apresentou ligeira curva ascendente até o fim da série. A trajetória do sentimento muito negativo é a que se mostra mais horizontal, permanecendo quase que todo o tempo no nível de 1.000 referências de codificação.

Ainda na descrição diária dos sentimentos, disposta na Figura 11, percebe-se que o espectro moderado da análise prepondera nos discursos, evoluindo de 58% a 60%, 69%, 70% e em seguida caindo para 66% e 67% ao final da série. No entanto, o único período em que o sentimento moderadamente negativo foi o maior registrado é verificado entre 12 e 15 de maio. O sentimento muito positivo apresentou queda de 21% para 16% ao longo do tempo. Por sua

vez, o sentimento muito negativo foi o de menor escala: ele inicia a série a 22%, chega a cair até 13% do total de referências codificadas e termina o período a 17%.

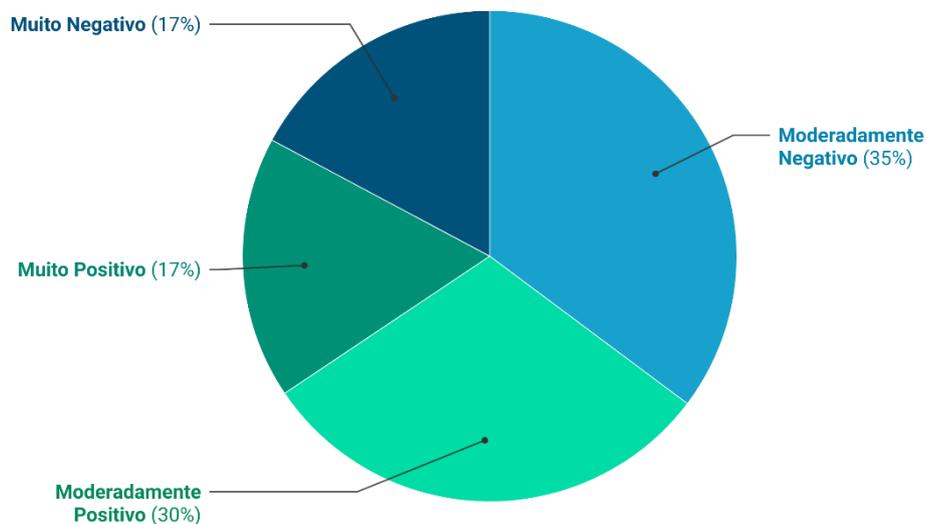
Figura 11 - Evolução de percentual de sentimentos por data



Fonte: a autora

Em se tratando do total de discursos coletados, a Figura 12 demonstra que os sentimentos moderados representam 65%, com vantagem de 5% para os moderadamente negativos. Os polos extremos apresentaram exatamente o mesmo percentual: 17%.

Figura 12 - Percentual dos sentimentos no total do período



Fonte: a autora

perdas. Outra menção de destaque é a palavra *giveaway* (em inglês, doação, presente), retuitada, por exemplo, em textos sobre promoções de criadores de NFTs “Vou vender um dos meus NFT's da coleção Moments in Time @opensea por 0,01 ETH para quem se aproximar do valor do Bitcoin daqui a 1 mês. 43775 USD no momento. Quem chegar mais perto ganha :) Vamos!”⁶⁰.

Outro termo interessante é “salvador”, que se refere ao país El Salvador, onde uma reunião com 44 representantes de países abordou as possibilidades de adoção de criptoativos como moedas. Um dos textos retuitados diz: “El Salvador sedia amanhã uma reunião com 44 países. Todos interessados em adotar o #bitcoin!!!!”⁶¹. Outra publicação fala que “El Salvador acabou de comprar bitcoin na baixa”⁶².

Uma palavra que chama atenção entre as 50 mais citadas é “*chance*”. Além de ser utilizada em promoções de trocas de criptoativos por valores mais baixos, ela reforça a empolgação com a queda dos valores provocada pela crise do período. Exemplos desses textos são: “Os [valores] baixos têm uma boa chance de ocorrer agora. Vemos uma chance de uma perna final mais baixa [curva do gráfico de preços] na próxima semana, mas a recompensa do risco favorece o lado positivo aqui. Magnus [criptomoeda que não existe mais] tem 100% de moedas alternativas longas que receberam sinais de compra”⁶³.

8.1.3 Sentimento muito positivo

Antes de seguir na abordagem de cada um dos espectros de sentimentos, cabe aqui apontar que houve uma escolha metodológica para elencar apenas as dez palavras mais citadas, para evitar uma análise muito longa, já que, na etapa da análise de discurso, serão apresentadas e discutidas formações textuais completas e suas possibilidades de contextualização teórica.

Passado à análise quantitativa do sentimento muito positivo, as dez palavras mais citadas são as relacionadas na Figura 14. É interessante ressaltar que um dos termos utilizados na busca para a captura dos tuítes, “Luna”, não aparece nesta codificação.

⁶⁰ No original: *Will sell one of my NFT's from Moments in Time collection @opensea for 0.01 ETH for who gets closer to the value of Bitcoin in 1 month from today. 43775 USD at the moment. Whoever comes closer wins :) Let's go ! #BTCUSDT #Bitcoin #Crypto #NFTGiveaway #opensea*

⁶¹ No original: *El Salvador hosting a meeting with 44 countries tomorrow. All of whom are interested in adopting #bitcoin!!!!*

⁶² No original: *El Salvador just bought the dip!*

⁶³ No original: *Lows have a good chance of being in now. We do see a chance of a final leg lower within the next week, but risk reward favours upside here. Magnus is 100% long alt coins that have had buy signals these...*

Figura 14 - Nuvem de palavras do sentimento muito positivo



Fonte: a autora

A palavra “*lucky*”, inglês para “afortunado, sortudo, bem-sucedido”, é utilizada também para promoções. No entanto, há textos interessantes que demonstram o contexto de alta positividade, como no tuíte “@TheCryptoLark Apenas fique calado e continue comprando, você é tão sortudo, você tem tanto dinheiro, você pode continuar comprando até que volte a \$17 por bitcoin”⁶⁴. Nesse caso, o usuário do Twitter responde ao seguinte tuíte: “Eu realmente não me importo com o que o preço de #bitcoin está fazendo, eu continuo comprando!!!”⁶⁵.

Em relação à palavra “*reach*”, “alcançar” em português, uma pessoa enaltece a *altcoin* \$PAW: “@PAW_digital \$PAW parece tão inovador e impactante, feliz por participar de um projeto tão grande. Vocês são muito esforçados e tenho certeza que chegarão à lua muito em breve”⁶⁶. “Chegar à lua” significa apresentar altos rendimentos.

A codificação do termo “*playing*” trouxe como resultado muitos retuítes de uma promoção de um NFT de jogo *play to earn* (jogue para ganhar). Mas é interessante, também, a utilização da palavra como “desempenho”, como no exemplo: “Eu vejo o Bitcoin como uma moeda de reserva para os bancos, desempenhando o mesmo papel que o ouro desempenhou nos primeiros dias do sistema bancário. Os bancos poderiam emitir dinheiro digital com maior anonimato e transações mais leves e eficientes”⁶⁷.

A maioria das codificações para a palavra “*found*” é de tuítes promocionais. Uma mensagem – também um anúncio – é importante para esta pesquisa: “Encontramos alguns

⁶⁴ No original: @TheCryptoLark Just keep shut and keep buying, you are so lucky, you have so much money, you can keep ok buying till it goes back to \$17 per bitcoin

⁶⁵ No original: I don't really care what the price of #bitcoin is doing, I just keep buying!!!

⁶⁶ No original: @PAW_digital \$PAW looks so innovative and impactful, happy to take participate in such huge project. You guys are very hard working and I am pretty sure you will reach to the moon very soon

⁶⁷ No original: I see Bitcoin as ultimately becoming a reserve currency for banks, playing much the same role as gold did in the early days of banking. Banks could issue digital cash with greater anonymity and lighter weight, more efficient transactions. <https://t.co/3swkwuJfSc>

gráficos malucos que atualmente revelam que as baleias estão comprando massivamente! Mas você é? Confira o vídeo de atualização mais recente no canal agora!”⁶⁸. Outro traz o seguinte texto: “Cada vez mais o grande V (a trajetória em um gráfico de preços que representa uma queda vertiginosa seguida de uma alta rápida e expressiva ao mesmo patamar de saída) encontrou o valor das *aircoins* e a listou na lista de recomendações, e a *aircoin* tornou-se cada vez mais popular. Isso é inseparável da forte tecnologia e do alto consenso da comunidade. Continue a vir!”⁶⁹.

Cabe destacar também alguns tuítes não conectados às palavras mais citadas, como o que segue: “Porque nenhum mercado está em alta [*bull*, ou de touros], o BTC caiu 62% em relação ao seu recorde histórico e as alts [*altcoins*] 80-90%. O mercado em níveis baixos [*bear*, ou de ursos] está quase acabando, mas está claro que a criptomoeda e o bitcoin estão em um mercado de baixas há algum tempo, não estamos começando agora, está perto de acabar, também as ações de grandes nomes caíram 60-80%”⁷⁰.

8.1.4 Sentimento moderadamente positivo

No campo do sentimento moderadamente positivo, as palavras mais citadas estão na nuvem apresentada na Figura 15. Um detalhe importante observado é que, ao contrário da nuvem anterior, apenas o termo principal é uma *hashtag*. Novamente, o termo “luna” não aparece entre os dez mais citados.

⁶⁸ No original: *We found some crazy charts that currently reveal whales are buying in massively! But are you? Check the newest update video on the channel now!*

⁶⁹ No original: *More and more big V found the value of aircoin and listed it in the recommendation list, and aircoin became more and more popular. This is inseparable from the strong technology and high consensus of the community. Continue to come on! <https://t.co/qsynbVL08n>*

⁷⁰ No original: *Because no bull market BTC goes down 62% from its all time high. & alts 80-90%. The bear market is almost over but it's clear crypto and bitcoin been in a bear market for a while now, we're not just now starting it, it's close to ending it, also big name equities went down 60-80%*

Figura 15 - Nuvem de palavras do sentimento moderadamente positivo



Fonte: a autora

O termo “*great*”, “ótimo” em inglês, é um dos que mais aparece nas codificações do sentimento em tela. Exemplo é o tuíte: “Para mim, tenho sentimentos mistos. Acho que os comerciantes independentes eram ótimos. Proprietários de empresas empurrando #crypto para a frente. Amo isso!”⁷¹. Outro diz: “\$DXY [Índice do Dólar Americano, utilizado na comparação com outras moedas] caindo seria um ótimo momento para um rali [período em que são realizadas transações de maior risco] #Bitcoin”⁷².

Ainda na mesma codificação, destaque para o tuíte: “As pessoas que não têm Bitcoin terão uma grande oportunidade de compra aqui em breve. Uma oportunidade única na vida, na minha opinião. Implorando a meu amigo agora para entrar”⁷³. Outro texto interessante é: “#FitEvo [outro jogo *play to earn*] é um ótimo substituto para #Bitcoin em termos de grandes lucros”⁷⁴. Outra publicação de relevo é “O sinal está realmente se espalhando. Este é o #GreatReset [algo como recomeçar do zero]”⁷⁵.

Aponte também para “Bitcoin é uma grande conquista criptográfica e a capacidade de criar algo que não pode ser duplicado no mundo digital tem um valor enorme – Eric Schmidt”⁷⁶. E para “Sou engenheiro de software e acho que o Bitcoin ativado por blockchain é uma das

⁷¹ No original: *For me, I have mixed feelings. I think the independent merchants were great. Business owners pushing #crypto forward. Love that!*

⁷² No original: *\$DXY going down would be great timing for a #Bitcoin rally*

⁷³ No original: *Folks who don't have Bitcoin will have a great buying opportunity here soon. Once in a lifetime opportunity in my opinion. Begging my buddy right now to get in*

⁷⁴ No original: *#FitEvo is a great substitute for #Bitcoin in terms of making huge profit*

⁷⁵ No original: *The signal is really spreading. This is the #GreatReset*

⁷⁶ No original: *Bitcoin is a great cryptographic achievement and the ability to create something that cannot be duplicated in the digital world, has enormous value - Eric Schmidt*

maiores inovações desde a internet. Não porque a tecnologia seja revolucionária, mas porque permite transações de valor descentralizadas”⁷⁷.

Na codificação da palavra “*crash*”, aqui com significado de “colapso”, atinge relevância o tuíte “Mude oficialmente a configuração para, pelo menos, fazer uma mínima mais alta acima de US\$ 34,3 mil. \$ 32,9 mil agora é uma área de interesse. Segurá-lo [o bitcoin] pelo menos estancaria o sangramento e daria uma oportunidade para os Bulls conseguirem uma recuperação decente. Se perdermos nossas mínimas do verão de 2021, o Bitcoin quebra”⁷⁸.

Outro tuíte que chama atenção é o seguinte: “É incrível ver como esses pontos de entrada para o #Bitcoin seriam bons se você esperasse pela tendência do #Stockmarketcrash. A história nem sempre se repete, mas é interessante ver os dados para isso. Gráfico postado por @asciriaco”⁷⁹. Ainda na mesma linha, segue este texto: “Disseram-me em termos inequívocos e em tom condescendente que o \$ BTC seria imune a uma crise de liquidez e que é a única coisa que não quebraria”⁸⁰.

Em relação ao termo “*bottom*”, aqui com o significado de “fundo, inferior, mais baixo”, um dos tuítes de relevância é o que segue: “O que tenho certeza é que não posso me dar ao luxo de ficar longe do mercado à medida que ele se aproxima cada vez mais do fundo geracional [valor mais baixo possível]”⁸¹. Outro texto vai no mesmo sentido: “A boa notícia é que você não precisa chegar ao fundo do poço para fazer um investimento bem-sucedido em \$ETH ou \$BTC”⁸².

Na mesma linha vai o seguinte tuíte: “Mais rápido para o fundo, mais rápido para o topo!!! #bitcoin”⁸³. Ainda, “Pegar o fundo do poço do #BTC nesta correção de rota seria um ótimo negócio que você aproveitaria nos próximos meses”⁸⁴. Outro texto a pontuar é “O fundo do #bitcoin pode estar quase chegando, mas honestamente não me surpreenderia se tocarmos a

⁷⁷ No original: *I'm a software engineer and think Bitcoin enabled by blockchain is one of the greatest innovations since the internet. Not because the tech is revolutionary, but because it allows for decentralized value transactions*

⁷⁸ No original: *Officially change the clean set up of at least making a higher low above \$34.3K. \$32.9K is now an area of interest. Holding it would at least stem the bleeding , and give an opportunity for Bulls to get a decent rally. Losing our 2021 summer lows and Bitcoin crashes*

⁷⁹ No original: *It's amazing to see how good of entry points for #Bitcoin these would have been if you waited for #Stockmarketcrash to trend. History doesn't always repeat itself but it's interesting to see the data for this. Chart posted by @asciriaco <https://t.co/Dg5qzRNXIf> <https://t.co/gibc9VIHTJ>*

⁸⁰ No original: *I was told in no uncertain terms, and in a condescending tone, that \$BTC would be immune to a liquidity crisis and that it's the one thing that wouldn't crash*

⁸¹ No original: *What I'm certain about is that I cannot afford to be away from the market as it inches closer and closer towards its generational bottom”*

⁸² No original: *Good news is that you don't have to catch the absolute bottom to make a successful investment in \$ETH or \$BTC*

⁸³ No original: *Faster to the bottom the faster to the top!!! #bitcoin*

⁸⁴ No original: *Catching the absolute #BTC bottom on this retrace would be a terrific deal that you'd enjoy for months to come*

linha azul no RSI mensal [Índice de Força Relativa, ou RSI, é um indicador que mede a velocidade e a mudança do movimento dos preços] como aconteceu nos ciclos de alta anteriores. isso corresponderia a 25-28K no preço <https://t.co/AAJtFdTUvd>”⁸⁵.

8.1.5 Sentimento moderadamente negativo

Já no polo moderadamente negativo, as palavras mais citadas estão indicadas na Figura 16. Pela primeira vez, o termo “luna” aparece entre os dez mais frequentes.

Figura 16 - Nuvem de palavras do sentimento moderadamente negativo



Fonte: a autora

Na decodificação do termo “luna”, um dos tuítes aponta que “#Bitcoin encontrou suporte em \$30k e se prepara para fazer outro ataque para quebrar a tendência de baixa. #ETH #Web3 #DeFi #LUNA #SOL #SHIB #BTCUSDT”⁸⁶.

Em outra linha de pensamento, foi publicado o texto “Essa bagunça [envolvendo a] #LUNA é o motivo pelo qual os maxis #Bitcoin são duros com as sh*tcoins...”⁸⁷. No mesmo sentido, temos: “Com essa da #terraluna \$luna espero que exista um botão chamado *stop loss* [parar perdas] ... na verdade ele literalmente diria para você parar de perder seu idiota...

⁸⁵ No original: *#bitcoin bottom may almost be in but honestly wouldn't surprise me if we touch the blue line on the monthly RSI like it's done the previous bull cycles. this would correspond to 25-28K in price* <https://t.co/AAJtFdTUvd>

⁸⁶ No original: *#Bitcoin has found support at \$30k and preparing to make another attack to break the downtrend.. In this case, #BTC could be willing for fib0382 of the last decline ~\$33,6k to form a double bottom formation.. #Crypto #cryptocurrency #ETH #Web3 #DeFi #LUNA #SOL #SHIB #BTCUSDT* <https://t.co/BoG4hr3bze>

⁸⁷ No original: *This #LUNA mess is why #Bitcoin maxis go hard on sh*tcoins...*

#LUNA #Terra #bitcoin #crypto #Crypto”⁸⁸. Por fim, destaque para: “Este é um ataque coordenado contra #LUNA #ust e #crypto. Sem mencionar o que está fazendo com o #Bitcoin. Pessoas más que têm muito [conhecimento] em criptografia se uniram para desestabilizar a criptografia. Isso está fazendo com que a criptografia pareça uma piada que pode ser derrubada por maus atores tão rapidamente”⁸⁹.

Na decodificação do termo “*people*”, “pessoas” em português, o espectro moderadamente negativo traz o seguinte tuíte de relevo: “#Bitcoin parece estar em uma missão para recuperar essa lacuna da CME [Chicago Mercantile Exchange, uma das mais importantes bolsas de mercadorias e principal plataforma de negociação de derivativos do mundo]. As pessoas que venderam em \$34.000 para recomprar por \$37.000 acabarão comprando de volta acima de \$40.000. Acontece sempre em fundos. Ursos ficando gananciosos”⁹⁰. Outro usuário diz: “quando essas pessoas vão perceber que elon, peter thiel e o resto estão ferrando com eles ??? é a porra de um esquema ponzi [esquema de pirâmide]”⁹¹.

Na mesma linha, está o tuíte “muitas pessoas estão prestes a aprender uma lição dolorosa sobre por que muitas pessoas dizem ‘somente bitcoin’”⁹². Ainda, é importante destacar o seguinte texto: “A rede bitcoin não foi hackeada ou corrompida. As pessoas estão causando a situação atual”⁹³.

Sobre o termo “*losses*”, ou “perdas”, cabe relevo a um tuíte: “Você verá pessoas dizendo que o preço do bitcoin está caindo e está pronto para voltar a subir como um louco. A verdade é que essas pessoas querem que você invista para inflar seu preço e recuperar suas perdas e sair do mercado deixando você com uma queda. Não invista!!!”⁹⁴. No mesmo sentido, segue o texto: “Acredito na especulação de que Ken Griffin e/ou Citadel, o principal inimigo dos detentores de GameStop \$GME e talvez do sistema financeiro mundial, ativamente vendeu Bitcoin e UST

⁸⁸ No original: *Con lo de #terraluna \$luna espero que ebriedad que existe un botón que se llame stop loss .. de hecho literalmente te dice deja de perder imbecil... #LUNA #Terra #bitcoin #cripto #Crypto*

⁸⁹ No original: *This is a coordinated attack against #LUNA #ust and #crypto. Not to mention what its doing to #Bitcoin . Evil people that have a lot in crypto got together to destabilize crypto. This is making crypto look like a joke that it can be taken down by bad actors so quick*

⁹⁰ No original: *#Bitcoin looks like it's on a mission to recover that CME gap. The people who sold \$34,000 to buy back at \$37,000 will end up buying back above \$40,000. Happens every time at bottoms. Bears getting greedy*
<https://t.co/SmMwkHVL3>

⁹¹ No original: *when will these people realize elon, peter thiel and the rest are screwing them???? it's a fucking ponzi scheme*

⁹² No original: *a whole lot of people are about to get a painful object lesson in why a lot of people say 'bitcoin only'*

⁹³ No original: *The bitcoin network hasn't been hacked or corrupted. People are causing the current situation*

⁹⁴ No original: *You will see people saying bitcoin price rn is just dipping and it is ready to go back up like crazy. The truth is that those people want you to invest so they inflate its price and make back their losses and leave the market leaving you with a dip. Don't invest!!!*

para acionar chamadas de margem e interromper as perdas, assim como fazem com o mercado de ações. Está ficando pior”⁹⁵.

Um usuário noticia: “40% dos investidores em #Bitcoin (\$BTC) estão agora sentados em perdas não realizadas”⁹⁶. Há ainda um tuíte promocional bastante replicado que diz o seguinte: “Todas as pessoas que gostarem, derem RT neste tweet em 24 horas e seguirem nossa conta terão a chance de recuperar suas perdas. Mais informações em breve...”⁹⁷. O texto a seguir também merece atenção: “Os investidores em criptomoedas que esperavam ficar ricos rapidamente agora estão tentando descobrir se podem reduzir suas perdas”⁹⁸.

O tuíte a seguir dá conta que “A derrota que levou o bitcoin a cair acentuadamente aprofundou as perdas cumulativas do presidente Nayib Bukele nas participações de seu governo”⁹⁹. Por fim, cabe destaque à resposta a dois usuários: “@dashaunster @terranaut3 Lamento saber de suas perdas :/ Fiquem fortes e espero que vocês aprendam sobre bitcoin o suficiente para entender o que é e por que é inevitável”¹⁰⁰.

8.1.6 Sentimento muito negativo

Por fim, no espectro muito negativo, as palavras mais citadas estão na figura (XXX). Novamente, os termos mais citados não vêm acompanhados de *hashtag*, a citação à luna sai dos dez mais citados e surgem, pela primeira vez entre o discurso preponderante os termos “*chaos*” e “*panic*”.

⁹⁵ No original: *I believe the speculation that Ken Griffin of/and Citadel, the prime enemy of GameStop \$GME holders and perhaps the world financial system, actively shorted Bitcoin and UST to trigger margin calls and stop losses just as they do with the stock market. It's getting worse*

⁹⁶ No original: *40% of #Bitcoin (\$BTC) Investors Are Now Sitting on Unrealized Losses*

⁹⁷ No original: *All people who like, RT this tweet within 24 hours and follow our account will get a chance to rebuild their losses. More info soon... #Terra #Luna #Bitcoin*

⁹⁸ No original: *Crypto investors who'd been hoping to get rich quick are now trying to figure out if they can cut their losses instead <https://t.co/iAST7rdjgl>*

⁹⁹ No original: *The rout that has driven bitcoin sharply lower has deepened President Nayib Bukele's cumulative losses on his government's holdings. <https://t.co/Htvr3hxQbb>*

¹⁰⁰ No original: *@dashaunster @terranaut3 Sorry to hear of your losses :/ Stay strong and hopefully you will learn about bitcoin enough to understand what it is and why it is inevitable*

Figura 17 - Nuvem de palavras do sentimento muito negativo



Fonte: a autora

No que diz respeito ao termo “*panic*”, “pânico” em inglês, os seguintes textos tomam relevo para a pesquisa: “Não se esqueça de dobrar seu Bitcoin barato hoje! Esses idiotas que vendem em pânico merecem comprá-lo de volta com um valor mais alto!”¹⁰¹, “Você tem a oportunidade de comprar pelos preços que estava esperando! Mas o problema é que as pessoas entram em pânico e começam a vender em vez de comprar”¹⁰² e “Somos afetados pelos sentimentos de RISK OFF em seu mercado, pois nossas mãos fracas entram em pânico como adolescentes - mas assim que vocês encontrarem seu fundo do poço, esperamos desacoplar devido à nossa escassez. adoção em massa precoce”¹⁰³.

Ainda sobre o mesmo termo, destaque para os seguintes tuítes: “Os mercados estão em modo gazela, as vendas em pânico podem ocorrer muito rapidamente e as pessoas ficam imediatamente assustadas. O índice do dólar nos mostra um reflexo dessa situação. Atualmente no nível de dezembro de 2016”¹⁰⁴ e “Há uma emergência Bitcoin em 24 horas. É um banho de sangue! Abaixo de 9%, mas não estou em pânico! E você?”¹⁰⁵.

Cabe ainda trazer à luz os textos a seguir: “Se #Bitcoin cair decisivamente abaixo de \$30.000, parece altamente provável que caia abaixo de \$10.000. Isso significa que qualquer

¹⁰¹ No original: *Don't forget to double down on cheap Bitcoin today! These idiots panic selling deserve to buy it back at a premium!*

¹⁰² No original: *You get the opportunity to buy at prices you were waiting for! But the problem is that people get panicked & start to sell instead of buying*

¹⁰³ No original: *We're affected by the RISK OFF sentiments in your market as your weak hands & our weak hands panic like teenage girls -but once you guys find your bottom, we expect to decouple given our scarcity & early mass adoption*

¹⁰⁴ No original: *The markets are in gazelle mode, panic sales can come very quickly, and people are immediately frightened. The dollar index shows us a reflection of this situation. Currently at December 2016 level. #Bitcoin #DXY #cryptocurrency #inflation #stockmarketcrash <https://t.co/AsSz9gIMWj>*

¹⁰⁵ No original: *There is a Bitcoin Emergency in 24 hours. It's a Bloodbath! Down 9% plus but I am not panicking! How about you?*

peessoa que possua Bitcoin agora tem uma decisão muito importante a tomar. O que você vai fazer? É melhor você decidir agora para não entrar em pânico e tomar uma decisão precipitada”¹⁰⁶. Por fim, “Finalmente, os ursos assumiram o controle do mercado, então agora eles vão negociar entre 27k e 31k por alguns dias. Vendedores em pânico começam a vender pesadamente, vamos ver onde termina”¹⁰⁷.

Sobre o termo “*chaos*”, alguns tuítes merecem atenção. Exemplos são: “Uma stablecoin de US\$ 18 bilhões está perdendo sua paridade com o dólar com todo o caos mágico dos algoritmos estáveis, com uma pitada de drama de risco sistêmico do Bitcoin”¹⁰⁸; “Ele [o president de El Salvador] está literalmente jogando com o dinheiro do pobre camponês. Perder suas próprias economias é uma coisa, enviar um país inteiro de indígenas pobres para o caos total é algo pelo qual você deveria ser julgado em Haia”¹⁰⁹; e “Mike, você é um touro do #bitcoin de longo prazo, mas também reconhece o crescimento do banho de sangue da Nasdaq. Por que não vender seu BTC sabendo que provavelmente será arrastado para baixo no caos e, em seguida, comprar de volta em um nível mais baixo? Eu sinto que os HODLers estão sendo punidos por aqueles que não entendem seu propósito”¹¹⁰.

Na decodificação da palavra “people”, anotamos os textos que seguem: “Pessoas que enganam o mundo inteiro com K-19 [possivelmente, a marca de US\$ 19 mil de consolidação], inflação, recessão e guerra rejeitam #Bitcoin. Os #Klever - acumulam! [Klever é uma carteira digital que recebe diversos criptoativos]”¹¹¹; “E algumas pessoas estão convencidas de que a Tesla é uma empresa superior. Não se surpreenda quando as pessoas forem tão céticas em relação ao bitcoin quanto você em relação à Tesla”¹¹² e “Depende se o mercado vai continuar

¹⁰⁶ No original: *If #Bitcoin breaks decisively below \$30K it seems highly likely that it will crash below \$10K. That means anyone who owns Bitcoin now has a very important decision to make. What will you do? You had better decide now so you don't panic and make a rash spur-of-the-moment decision*

¹⁰⁷ No original: *Finally, bears took control of the market, So now it is going to trade in between 27k to 31k for a few days Where investors keep on buying the dip & panic sellers start selling heavily, let's see where it ends*

¹⁰⁸ No original: *An \$18 billion stablecoin is losing its dollar peg with all the magical chaos of algorithmic stables, with a dash of Bitcoin systemic risk drama*

¹⁰⁹ No original: *He is literally gambling with poor campesino money. Losing your own life savings is one thing, sending an entire country of mostly poor indigenous people into total chaos is something you should be tried in The Hague for*

¹¹⁰ No original: *Mike, you are a long term #bitcoin bull, but you also acknowledge the growth/Nasdaq bloodbath. Why not sell your BTC knowing it will likely be dragged down in the chaos, then buy back at a lower level? I feel like HODLers are being punished by those who misunderstand its purpose*

¹¹¹ No original: *People who scam the whole world with K-19, inflation, recession & war reject #Bitcoin. The #Klever ones - accumulate!*

¹¹² No original: *And some people are as convinced that Tesla is a superior company. Don't be surprised when people are as skeptical about bitcoin as you are about Tesla*

totalmente retardado (ou seja, como as pessoas continuarem negociando normalmente) e achar que o BTC é uma ação de tecnologia (o que não é, bitcoin nem é investimento rs)”¹¹³.

Ainda no que diz respeito à mesma palavra, destaque para: “Entender verdadeiramente a tecnologia por trás do Bitcoin atrapalharia essa conversa. E falar de uma situação que absolutamente nunca acontecerá (tornando ilegal comprar BTC com USD) não tornará isso mais fácil para as pessoas que irão à falência mantendo seu valor em moeda fiduciária”¹¹⁴; “O perigo real do #Bitcoin para uma sociedade reside nas consequências das pessoas mais inteligentes que optam por sair dele, deixando apenas pessoas obedientes que não conseguem pensar”¹¹⁵; “Conheço alguém que até mesmo tolamente emprestou contra o patrimônio em sua casa para comprar Bitcoin. Esta é uma notícia terrível para muitas pessoas, mas também foi prevista com frequência e por muitos. Tive amigos criptográficos que me disseram que nunca cairia abaixo de 50 mil”¹¹⁶.

No que diz respeito à palavra “*money*”, ou “dinheiro” em inglês, são dignas de nota as seguintes postagens: “Não, você sabe por que estou desanimado. Imagine os recursos contra o #Bitcoin tendo sucesso em grande escala? Como os governos financiarão guerras secretas e subornarão políticos com dinheiro escasso e honesto... e não com seu suprimento infinito de dinheiro do monopólio?”¹¹⁷ e “El Salvador ainda está sendo usado pela multidão #Bitcoin como um exemplo para "bancar os não-bancários". Estes são os fatos. O ditador Bukele perdeu milhões de dinheiro público jogando com Bitcoin, enquanto alguns caras ricos do oeste sacaram. Essa é a narrativa do Bitcoin”¹¹⁸.

Destaque também para: “Você aproveitou para comprar #Bitcoin no preço mais baixo. Você fez isso com o dinheiro dos outros. Você é o que há de errado com as finanças. Arrependa-se. Ajoelhe-se diante de mim. Confesse seus pecados. Implore perdão. Vou salvar aqueles que

¹¹³ No original: *Depends if the market will continue to be totally retarded (I.e. like people trading normally) and think BTC is a tech stock (which it isn't, bitcoin isn't even investment lol)*

¹¹⁴ No original: *Truly understanding the technology behind Bitcoin would 180 this conversation. And speaking of a situation that will absolutely never happen (making it illegal to buy BTC with USD) won't make this any easier for people who will go broke holding their value in fiat*

¹¹⁵ No original: *The real danger of #Bitcoin to a society lies in the consequences of the smartest people opting out of it, leaving only obedient people who can't think*

¹¹⁶ No original: *I know someone that even foolishly borrowed against the equity in his home to buy Bitcoin. This is terrible news for many people, but it was also predicted often, and by many. I had crypto-friends tell me it would never drop below 50K*

¹¹⁷ No original: *No you know why I'm discouraged. Imagine the resources pitted AGAINST #Bitcoin succeeding on a massive scale? How will Governments fund secret wars and bribe politicians with scarce, honest money... and not their infinite supply of Monopoly money?*

¹¹⁸ No original: *El Salvador is still being used by the #Bitcoin crowd as an example for "banking the unbanked". These are the facts. Dictator Bukele has lost millions of public money gambling with Bitcoin while a few rich guys in the west have cashed out. That's the Bitcoin narrative. <https://t.co/raTyZGX0pm>*

você destruiu”¹¹⁹ e “Está claro que as massas se foram até pelo menos o próximo halving [maneira de manter o bitcoin escasso por mais tempo] ou quando sairmos da recessão/depressão. #Bitcoin nunca foi testado como neste ciclo! O dinheiro barato acabou, os EUA fortalecem o DÓLAR levando a um lançamento da CBDC [moeda digital do Banco Central] até 2030”¹²⁰.

Cabe ressaltar também textos utilizando a palavra “losing”, ou “perdendo”: “Investidores cripto entram em pânico durante banho de sangue no mercado: 'Vou perder minha casa’”¹²¹; “Tenho novidades para você Carlos. Eu não me importo com o que eu pareço. Eu gerei muita receita real para muitos clientes para se preocupar em ser o garoto legal da Crypto. No momento, #Bitcoin é arriscado. E muitos milhões de pessoas com 1/2 da minha idade estão perdendo suas coisas”¹²²; “Se você comprou #Bitcoin depois de dezembro de 2020 a qualquer preço, está perdendo dinheiro!”¹²³ e “Eu 100% não acredito em criptografia. Acho que tudo vai queimar e desaparecer. MAS, eu invisto o que estou bem em perder na pequena chance de ganhar hahaha”¹²⁴.

No que tange à palavra “never”, ou “nunca” em inglês, algumas postagens merecem atenção: “Bitcoin é o mais especulativo possível, mas nunca vi o ouro ou a prata oscilarem em valor como o bitcoin”¹²⁵; “Nunca fui fã da coinbase. As pessoas realmente deveriam retirar seu #bitcoin o mais rápido possível. Não é seguro lá! Na verdade, converta quaisquer shitcoins em bitcoin, retire tudo...”¹²⁶ e “Apenas um lembrete - NUNCA houve oito velas semanais vermelhas [cada vela em um gráfico representa um intervalo e o vermelho indica queda] consecutivas na história do Bitcoin”¹²⁷.

¹¹⁹ No original: *You took on leverage to buy the #Bitcoin top. You did it with other people's money. You are what is wrong with finance. Repent. Kneel before me. Confess your sins. Beg forgiveness. I'll save those you've destroyed*

¹²⁰ No original: *It's clear the masses are gone till at least next halvening or when we get out of recession/depression. #Bitcoin has never been tested like this cycle! Cheap money is gone, US strengthens DOLLAR leading into a CBDC release by 2030s*

¹²¹ No original: *Crypto investors panic during market bloodbath: 'I will lose my home'* <https://t.co/TOPlaxoOAz>

¹²² No original: *I have news for you Charles. I don't care what I sound like. I have generated far too much real revenue for far too many clients to worry about being the cool kid for Crypto. At the moment #Bitcoin is risky. And many millions of people 1/2 my age are losing their shit.* <https://t.co/lfU3sWMwHK>

¹²³ No original: *If you bought #Bitcoin after Dec, 2020 at any price, you're losing money! #BTC #LUNA #ETH #cryptocurrency*

¹²⁴ No original: *I 100% don't believe in crypto. I think it'll all burn and disappear. BUT, I invest what I'm okay with losing on the tiny chance I win lol*

¹²⁵ No original: *Bitcoin is about as speculative as it gets but I've never seen gold or silver swing in value like bitcoin*

¹²⁶ No original: *Never been a fan of coinbase. People really should withdraw their #bitcoin asap. It's not safe on there! In fact convert any shitcoins to bitcoin withdraw it all ...* <https://t.co/4ZXOtV5kgZ>

¹²⁷ No original: *Just a reminder - there have NEVER been eight consecutive red weekly candles in Bitcoin's history*

8.1.7 Síntese

À medida que os discursos vão se deslocando do polo positivo para o negativo, diminuiu o número de palavras codificadas a partir de *hashtags* como as mais citadas e aumentou a quantidade de textos de autoria pessoal. Em outros termos, quando os posts são autorais (originais ou retuítés), a chance de que estejam no espectro negativo é maior e, quando são promocionais, é mais provável que tragam mensagem positiva em relação aos termos pesquisados para a coleta.

O termo “luna”, chave da busca dos tuítés, só se mostra entre os dez mais citados no campo negativo. No lado muito positivo, no entanto, a maior ênfase é em relação ao bom desempenho de criptoativos alternativos, com apenas algumas referências pontuais sobre a crise vivenciada naquela semana – e, mesmo assim, apontando caminhos diferentes do bitcoin dentro do ecossistema cripto.

O espectro moderadamente positivo é marcado pela confiança no sistema criptográfico e na blockchain e pela indicação de grandes possibilidades de ganhos financeiros com a queda do valor do bitcoin. O reforço na importância do sistema Bitcoin como algo infalível também é importante no contexto moderadamente positivo.

Já no campo oposto, os sentimentos moderadamente negativos trazem especulações sobre quem seriam as pessoas responsáveis pela crise do criptoativo luna e consequente derrocada do bitcoin. Também há uma forte defesa do próprio bitcoin em relação às demais moedas, que seriam mais propensas a falhas, e até mesmo uma distinção moral entre “pessoas comuns” e hackers.

No segmento muito negativo, os termos “pânico” e “caos” surgem com força, com mensagens que sugerem que o medo de perder dinheiro durante a crise faz com que os criptoinvestidores com menos conhecimento – ou novatos na área – aumentaram a instabilidade. Também há menções ao risco de adotar o bitcoin como moeda nacional e de assumir esse criptoativo como moeda fiduciária.

Além disso, cabe aqui destaque para a desconfiança naqueles que detém maior quantidade de bitcoin – que poderiam abandonar o sistema e deixar os que têm menos à mercê do mercado – e até mesmo das análises preditivas de mercado que, em teoria, falharam ao não prever o episódio. Por fim, é nesse campo que surgem publicações sobre histórias pessoais de perdas massivas de dinheiro e bens por conta da crise e questionamentos sobre a segurança do sistema criptográfico.

8.2 Análise de discurso

À análise de discurso inspirada na hermenêutica de profundidade aqui realizada, não importam as interações entre os autores dos textos coletados, logo, a etapa da análise sócio-histórica não é necessária, apenas a contextualização do recorte temporal da amostra e a indicação previamente apresentada dos atores do ecossistema cripto. Assim, daremos procedimento às etapas subsequentes, de análise formal ou discursiva (operando a técnica da análise argumentativa) e interpretação/reinterpretação.

Assim, primeiramente, serão indicados os padrões de inferência, divididos nas categorias de análise (tipo de mercado, confiança e liberdade), para identificar a presença ou não das cinco maneiras de operação da ideologia, quais sejam: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Em seguida, será apresentada a conexão entre os sentidos mobilizados e as relações de dominação que eles ajudam a estabelecer e sustentar.

8.2.1 Análise argumentativa

A análise argumentativa será apresentada a partir de três categorias: favoráveis ao mercado financeiro tradicional que apoiam a segurança institucional proporcionada por ele e favoráveis à regulação do mercado cripto, defensores do mercado cripto que confiam na segurança operacional proporcionada pela blockchain e que defendem a autonomia do ecossistema cripto e, por fim, discursos mistos. Para melhor leitura, apenas as traduções dos tuítes serão dispostas no texto.

8.2.1.1 Favoráveis ao mercado tradicional

A maioria dos discursos favoráveis ao mercado financeiro tradicional utiliza como gancho a crise na qual o sistema criptográfico estava envolvido durante o período pesquisado para a crítica, mas não há uma defesa enfática e nominal ao mercado financeiro. O apoio é, em grande parte das vezes, a partir da reprovação aos criptoativos.

Vejam: no tuíte que diz que “40% dos investidores em #Bitcoin (\$BTC) estão agora sentados em perdas não realizadas”, pode-se depreender a constatação, por parte do usuário da plataforma, que uma parte significativa dos criptoinvestidores não recuperará o prejuízo. É como se o texto quisesse dizer “bem-feito”, quase um “eu avisei”. Nesse mesmo sentido, quando o perfil escreve “Conheço alguém que até mesmo tolamente emprestou contra o patrimônio em sua casa para comprar Bitcoin. Esta é uma notícia terrível para muitas pessoas,

mas também foi prevista com frequência e por muitos. Tive amigos criptográficos que me disseram que nunca cairia abaixo de 50 mil”, ele não apenas manifesta sua desaprovação ao mercado como diz que as previsões realizadas por investidores que fazem parte do ecossistema cripto falharam sem medir as consequências para a vida daqueles que arriscaram patrimônio para tentar obter ganhos com os criptoativos. Pode-se até mesmo compreender como texto complementar o tuíte que reproduz uma reportagem com a manchete “Investidores cripto entram em pânico durante banho de sangue no mercado: 'Vou perder minha casa’”.

Com certa ironia, um usuário do Twitter questiona a estabilidade dos algoritmos que atuam no sistema cripto: “Uma stablecoin de US\$ 18 bilhões está perdendo sua paridade com o dólar com todo o caos mágico dos algoritmos estáveis, com uma pitada de drama de risco sistêmico do Bitcoin”. Ainda criticando uma possível instabilidade crônica do sistema, o seguinte tuíte tenta desconstruir a ideia de que o bitcoin seria o equivalente ao ouro das moedas fiduciárias: “Bitcoin é o mais especulativo possível, mas nunca vi o ouro ou a prata oscilarem em valor como o bitcoin”.

Na mesma trajetória, uma conta do Twitter responde a alguém que pergunta quando a crise vai acabar, dizendo que “Depende se o mercado vai continuar totalmente retardado (ou seja, como as pessoas continuarem negociando normalmente) e achar que o BTC é uma ação de tecnologia (o que não é, bitcoin nem é investimento rs)”. Aqui, depreende-se uma censura ao criptomercado propriamente dito, por não ter nenhum mecanismo de parada a partir de um determinado nível de perdas e tratar os criptoativos como se fossem ações de *fintechs* na bolsa de valores.

Ainda sobre a comparação entre o mercado tradicional e o cripto, um discurso chama a atenção: “Está claro que as massas se foram até pelo menos o próximo *halving* [maneira de manter o bitcoin escasso por mais tempo] ou quando sairmos da recessão/depressão. #Bitcoin nunca foi testado como neste ciclo! O dinheiro barato acabou, os EUA fortalecem o DÓLAR levando a um lançamento da CBDC [moeda digital do Banco Central] até 2030”. A argumentação, aqui, é no sentido de que, especificamente no caso dos Estados Unidos, os investimentos em criptoativos são tolerados enquanto não afetem negativamente o dólar, mas, a partir do momento em que há uma crise, o governo deve intervir para resolver o problema – que, segundo o post, seria a criação de uma alternativa digital regulamentada e que possa ser controlada.

Os discursos favoráveis ao mercado financeiro tradicional também utilizam os problemas gerados pela crise do criptoativo luna para condenar a adoção do bitcoin por El Salvador. No tuíte “A derrota que levou o bitcoin a cair acentuadamente aprofundou as perdas

cumulativas do presidente Nayib Bukele nas participações de seu governo”, podemos perceber que o conteúdo quer frisar que há prejuízos anteriores ao *crash* do período, acumulados por conta da admissão do bitcoin como moeda válida. Outro texto faz uma acusação contundente sobre o mesmo caso: “Ele [o presidente de El Salvador] está literalmente jogando com o dinheiro do pobre camponês. Perder suas próprias economias é uma coisa, enviar um país inteiro de indígenas pobres para o caos total é algo pelo qual você deveria ser julgado em Haia”. Nessa publicação, ele reforça a necessidade de uma instituição punitiva para coibir o uso de criptoativos como moeda fiduciária por governos.

No mesmo sentido, outro texto acusa os defensores do bitcoin de serem coniventes com a prática de Bukele: “El Salvador ainda está sendo usado pela multidão #Bitcoin como um exemplo para ‘bancar os não-bancários’. Estes são os fatos. O ditador Bukele perdeu milhões de dinheiro público jogando com Bitcoin, enquanto alguns caras ricos do oeste sacaram. Essa é a narrativa do Bitcoin”. Por fim, cabe ressaltar a seguinte construção: “O perigo real do #Bitcoin para uma sociedade reside nas consequências das pessoas mais inteligentes que optam por sair dele, deixando apenas pessoas obedientes que não conseguem pensar”. Nessa estrutura, há diversas mobilizações em curso, como a formulação de que somente “pessoas inteligentes” são capazes de abandonar o ecossistema cripto.

Ambas as afirmações pressupõem que a pouca inteligência atribuída àqueles que investem em criptoativos resulta na formação de uma grande “massa de manobra”, movida por interesses de pessoas não tão bem-intencionadas cuja finalidade é lucrar com o prejuízo alheio, seja de investidores individuais, seja de países inteiros. Nesse sentido, esses discursos apontam que os investidores que seguem conselhos de outros – influenciadores financeiros ou mesmo o que está em voga naquele momento em fóruns de discussão on-line – podem provocar a ruína financeira de uma sociedade.

8.2.1.2 Defensores do mercado cripto

Se os discursos favoráveis ao mercado financeiro tradicional consideram o copo meio vazio, os textos defensores do mercado cripto o tratam como meio cheio. A crise no bitcoin provocada pelo *crash* da luna é transcrita como uma oportunidade de investimento, em vez de geradora de prejuízos. Um dos exemplos é a resposta a um usuário que reclamou das perdas que sofreu no período: “@TheCryptoLark Apenas fique calado e continue comprando, você é tão sortudo, você tem tanto dinheiro, você pode continuar comprando até que volte a \$17 por bitcoin”. Outro texto semelhante é “Eu realmente não me importo com o que o preço que o

#bitcoin está, eu continuo comprando”, que revela uma confiança no ecossistema como um todo e a certeza de que o criptoativo voltaria a regenerar seu valor. No mesmo sentido, a publicação “As pessoas que não têm Bitcoin terão uma grande oportunidade de compra aqui em breve. Uma oportunidade única na vida, na minha opinião. Implorando a meu amigo agora para entrar” explicita a empolgação do criptoinvestidor, que faz inclusive propaganda do ativo, como um fã de marca. O tuíte “O sinal está realmente se espalhando. Este é o #GreatReset [algo como recomeçar do zero]” utiliza uma linguagem messiânica para dizer que a “boa nova está chegando” e trata, inclusive, a queda vertiginosa do bitcoin como uma possibilidade de que, assim como no começo do projeto, o investimento a valores baixos sejam altamente lucrativos, mas, talvez em menos tempo.

Outros discursos trazem textos analíticos sobre gráficos não apenas para explicar a movimentação atípica do período, como para prospectar ganhos nos dias seguintes às publicações. É o caso do post “Encontramos alguns gráficos malucos que atualmente revelam que as baleias estão comprando massivamente! Mas você é? Confira o vídeo de atualização mais recente no canal agora!”, que aproveita o momento para atrair visualizações para o canal de um influenciador digital. Outro exalta a *aircoin*, projetando altos ganhos a partir da adoção de mais pessoas a esse criptoativo: “Cada vez mais o grande V [a trajetória em um gráfico de preços que representa uma queda vertiginosa seguida de uma alta rápida e expressiva ao mesmo patamar de saída] encontrou o valor da *aircoin* e a listou na lista de recomendações, e a *aircoin* tornou-se cada vez mais popular. Isso é inseparável da forte tecnologia e do alto consenso da comunidade. Continue a vir!”. Importante destacar a relevância dada ao comunitarismo que está na raiz da criptografia, especialmente em movimentos menores, e que acabou se enfraquecendo à medida que o bitcoin se tornou *mainstream*. Foram coletados também posts de apoio a outros projetos, como “@PAW_digital \$PAW parece tão inovador e impactante, feliz por participar de um projeto tão grande. Vocês são muito esforçados e tenho certeza que chegarão à lua muito em breve” e “#FitEvo [jogo play to earn] é um ótimo substituto para #Bitcoin em termos de grandes lucros”. Em outras palavras: o bitcoin pode estar com problemas, mas outros criptoativos certamente podem render lucros alternativamente.

Há ainda aqueles que utilizam a ferramenta discursiva de minimizar a crise para argumentar a favor do ecossistema cripto, como a seguinte publicação com ares técnicos: “Porque nenhum mercado está em alta [bull, ou de touros], o BTC caiu 62% em relação ao seu recorde histórico e as alts [altcoins] 80-90%. O mercado em níveis baixos [bear, ou de ursos] está quase acabando, mas está claro que a criptomoeda e o bitcoin estão em um mercado de baixas há algum tempo, não estamos começando agora, está perto de acabar, também as ações

de grandes nomes caíram 60-80%”. Em outros termos, se o mercado cripto está ruim, ele não é o único: o mercado financeiro também vai mal. A diferença, deduz-se do texto, é que parece ser óbvio que o bitcoin irá se regenerar rapidamente, como teriam ocorrido outras vezes – afirmação contraditória aos tuítes apontados anteriormente de usuários dizendo que as perdas provocadas pela crise da luna são inéditas.

Muitos tuítes manifestam certa euforia com a possibilidade de que o bitcoin chegasse ao seu valor mais baixo, o que seria uma oportunidade dos investidores com menos dinheiro de lucrar muito de forma rápida com a retomada do crescimento do criptoativo. É o caso dos tuítes: “Mais rápido para o fundo, mais rápido para o topo!!! #bitcoin”, “A boa notícia é que você não precisa chegar ao fundo do poço para fazer um investimento bem-sucedido em \$ETH ou \$BTC” e, finalmente, “Pegar o fundo do poço do #BTC nesta correção de rota seria um ótimo negócio que você aproveitaria nos próximos meses”. Já no seguinte texto, o autor indica, em outros termos, que tem pouco dinheiro para investir e não pode acreditar no risco de que não haja lucro: “O que tenho certeza é que não posso me dar ao luxo de ficar longe do mercado à medida que ele se aproxima cada vez mais do fundo geracional [valor mais baixo possível]”.

O discurso do bitcoin como moeda infalível perpassa todas as construções argumentativas dos discursos apoiadores do mercado cripto. Uma delas se refere ao bitcoin como moeda infalível: “Disseram-me em termos inequívocos e em tom condescendente que o \$BTC seria imune a uma crise de liquidez e que é a única coisa que não quebraria”.

Da mesma forma ocorre em relação à confiança na blockchain. Alguns tuítes ressaltam qualidades como a impossibilidade de duplicação de um mesmo *token* (o que, em tese, evita fraudes e a emissão de moeda sem lastro para tanto), a inconveniência de uma regulamentação e a infalibilidade do código e da cadeia de mineração. Esse discurso é utilizado para a defesa do sistema nos exemplos a seguir: “Bitcoin é uma grande conquista criptográfica e a capacidade de criar algo que não pode ser duplicado no mundo digital tem um valor enorme – Eric Schmidt [ex-CEO do Google]” e “Sou engenheiro de software e acho que o Bitcoin ativado por blockchain é uma das maiores inovações desde a internet. Não porque a tecnologia seja revolucionária, mas porque permite transações de valor descentralizadas”. O que os dois textos têm em comum é o uso de vozes técnicas para a legitimação dos argumentos a favor da blockchain. Um terceiro tuíte praticamente resume o sentimento dos apoiadores do sistema cripto sobre a crise da luna: “A rede bitcoin não foi hackeada ou corrompida. As pessoas estão causando a situação atual”. Em outras palavras, a confiança no código é maior do que a nos seres humanos.

Nessa mesma linha, muitos tuítes falam a respeito da oportunidade aos “bons investidores” provocada por aqueles “menos espertos”, que entraram em pânico quando viram seus lucros despencarem. É o caso do texto “Não se esqueça de dobrar seu Bitcoin barato hoje! Esses idiotas que vendem em pânico merecem comprá-lo de volta com um prêmio”, em que “prêmio” é usado como figura de linguagem carregada de ironia. Outro vai na mesma direção: “Você tem a oportunidade de comprar pelos preços que estava esperando! Mas o problema é que as pessoas entram em pânico e começam a vender em vez de comprar”, em que também há um juízo de valor em relação àqueles que fazem o contrário do que esse usuário do Twitter sugere. Este autor sugere, inclusive, que a venda de bitcoin em baixa é uma atitude juvenil “Somos afetados pelos sentimentos de RISK OFF em seu mercado, pois nossas mãos fracas entram em pânico como adolescentes - mas assim que vocês encontrarem seu fundo do poço, esperamos desacoplar devido à nossa escassez. adoção em massa precoce”.

O sentimento relacionado à figura de Elon Musk se mostra contraditório entre alguns discursos. Enquanto uns defendem a Tesla, empresa da qual o multibilionário é proprietário, outros o acusam de manipular o mercado cripto. O exemplo a seguir é claro. um tuíte diz, quase como um fã da marca: “E algumas pessoas estão convencidas de que a Tesla é uma empresa superior. Não se surpreenda quando as pessoas forem tão céticas em relação ao bitcoin quanto você em relação à Tesla”. Já outro reclama enfaticamente da postura de Musk: “quando essas pessoas vão perceber que elon, peter thiel [cofundador da PayPal] e o resto estão ferrando com eles ???? é a porra de um esquema ponzi [esquema de pirâmide]”.

Por fim, verifica-se a argumentação, novamente, de que a blockchain e, mais especificamente, os projetos realizados comunitariamente, são mais confiáveis que qualquer empresa institucionalizada: “Nunca fui fã da coinbase. As pessoas realmente deveriam retirar seu #bitcoin o mais rápido possível. Não é seguro lá! Na verdade, converta quaisquer shitcoins em bitcoin, retire tudo...”. Em outros termos, o texto acredita que o código é muito mais seguro do que as *exchanges* e as negociações P2P são a melhor alternativa para não perder dinheiro.

8.2.1.3 Visão econômica mista

Alguns textos não puderam ser enquadrados em categorias estáticas. A seguir, são apresentados tuítes de usuários que defendem o mercado cripto, mas não confiam na blockchain, apesar de serem contrários à regulamentação dos criptoativos. Por exemplo, o seguinte post diz: “Mude oficialmente a configuração para, pelo menos, fazer uma mínima mais alta acima de US\$ 34,3 mil. \$32,9 mil agora é uma área de interesse. Segurá-lo [o bitcoin] pelo

menos estancaria o sangramento e daria uma oportunidade para os Bulls conseguirem uma recuperação decente. Se perdermos nossas mínimas do verão de 2021, o Bitcoin quebra”. Ele não é contrário ao mercado tradicional, já que sugere a possibilidade de um mecanismo institucional de interrupção de perdas – assim como as bolsas de valores – e entende como uma necessidade de que os grandes investidores precisem recuperar suas perdas para que o sistema volte a funcionar adequadamente. O discurso também aponta a possibilidade – e, portanto, a falibilidade, de um criptoativo acabar, algo que sequer é cogitado com moedas *fiat*, por exemplo.

Seguindo essa mesma lógica de pensamento, outro usuário aponta a possibilidade de desestabilização do sistema blockchain por seres humanos para proveito pessoal: “Este é um ataque coordenado contra #LUNA #ust e #crypto. Sem mencionar o que está fazendo com o #Bitcoin. Pessoas más que têm muito [conhecimento] em criptografia se uniram para desestabilizar a criptografia. Isso está fazendo com que a criptografia pareça uma piada que pode ser derrubada por maus atores tão rapidamente”. Já este texto questiona se o mercado cripto, ao contrário do mercado financeiro tradicional, pode se regenerar tão rapidamente e no mesmo patamar do prejuízo provocado pela crise quanto os defensores da blockchain afirmam ser possível: “Os investidores em criptomoedas que esperavam ficar ricos rapidamente agora estão tentando descobrir se podem reduzir suas perdas”.

Por outro lado, existem os que defendem o mercado financeiro tradicional, não tem confiança na blockchain, mas apoiam a liberdade econômica. Um exemplo é o texto: “Eu 100% não acredito em criptografia. Acho que tudo vai queimar e desaparecer. MAS, eu invisto o que estou bem em perder na pequena chance de ganhar hahaha”. Já há os que abraçam o sistema cripto e a blockchain, mas que defendem sua regulamentação, como o discurso a seguir: “Não, você sabe por que estou desanimado. Imagine os recursos contra o #Bitcoin tendo sucesso em grande escala? Como os governos financiarão guerras secretas e subornarão políticos com dinheiro escasso e honesto... e não com seu suprimento infinito de dinheiro do monopólio?”. Também há os que têm confiança no sistema criptográfico, mas que acreditam na operação do mercado financeiro tradicional e na regulamentação de todas as iniciativas cripto. “Eu vejo o Bitcoin como uma moeda de reserva para os bancos, desempenhando o mesmo papel que o ouro desempenhou nos primeiros dias do sistema bancário. Os bancos poderiam emitir dinheiro digital com maior anonimato e transações mais leves e eficientes”, diz esse usuário do Twitter.

Ainda, foram codificados textos que defendem o mercado tradicional e acreditam tanto na blockchain como na não regulamentação. É o que sustentam os discursos a seguir: “\$DXY [Índice do Dólar Americano, utilizado na comparação com outras moedas] caindo seria um

ótimo momento para um rali [período em que são realizadas transações de maior risco] #Bitcoin”; “Você verá pessoas dizendo que o preço do bitcoin está caindo e está pronto para voltar a subir como um louco. A verdade é que essas pessoas querem que você invista para inflar seu preço e recuperar suas perdas e sair do mercado deixando você com uma queda. Não invista” e “Acredito na especulação de que Ken Griffin e/ou Citadel, o principal inimigo dos detentores de GameStop \$GME e talvez do sistema financeiro mundial, ativamente vendeu Bitcoin e UST para acionar chamadas de margem e interromper as perdas, assim como fazem com o mercado de ações. Está ficando pior”. Nesses últimos casos, é importante destacar que a defesa nunca é enfática a nenhum tipo de especulação financeira, mas sim de modelos mistos que sejam confiáveis na sua visão econômica particular.

8.2.1.4 Síntese: as cinco maneiras gerais de operação da ideologia

Thompson sugere a existência de cinco modos gerais em que opera a ideologia, quais sejam: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Nos discursos analisados por esta pesquisa, é possível encontrar todas essas maneiras pelas quais forma e é formada, recursivamente, a criptoideologia. Mas também é possível verificar o reforço e a validação da ideologia capitalística – e o esforço simbólico para que ela coopte a primeira.

Quando os textos utilizam *hashtags*, é possível identificar a estratégia de legitimação, já que essa procura pelos discursos similares é uma maneira de buscar a aceitação dos pares e formação do senso de pertencimento. O uso da *hashtag* funciona como um aglutinador de discursos, unificando a mensagem e a replicando para que assuma maior relevância na rede. Com isso, além da informação ter mais chance de afetar um maior número de usuários, ela passa a representar uma “quase-verdade” – no sentido de que, quanto mais vezes uma mensagem é recebida, maior a chance de ela ser compreendida como algo verdadeiro, mesmo que não seja. Ainda, a simples presença na rede como integrante de uma comunidade gera, ao emissor, uma noção de que dele depende a manutenção do argumento utilizado pelo seu grupo e um ar de autoridade no tema. A unificação, portanto, também está presente, inclusive no sentido de que o uso de *hashtags* é um importante mecanismo de busca e, portanto, quanto mais ela for utilizada, maior a possibilidade de que, quando alguém queira saber sobre determinado assunto, a argumentação que carrega consigo seja predominante. Esses mecanismos são utilizados tanto nos discursos dos favoráveis ao mercado tradicional financeiro quanto naqueles que defendem o mercado cripto, mas em menor quantidade. As vozes dissonantes também aplicam a técnica, mas em menor escala.

A tática de dissimulação é também verificada nos textos. Quando um usuário argumenta que não confia no mercado cripto apesar de aproveitar as possibilidades de ganhar dinheiro que ele proporciona, vemos a ideologia capitalística operando na cooptação da criptoideologia com a mensagem subliminar de que o dinheiro não tem preferência por um tipo ou outro de mercado e, logo, o investidor também não precisa ter. De outro lado, no momento que os criptoativos são tratados pelos *bitcoiners* como ações em bolsas de valores – e, inclusive, quando fundos do mercado financeiro os incluem em suas carteiras – existe um mecanismo de aceitação dessa cooptação como algo inevitável. A utilização do bitcoin como lastro – tanto para a luna, geradora da crise estudada nesta tese, quanto em comparação como o ouro e a prata para as moedas fiduciárias – é mais uma estratégia de dissimulação da ideologia capitalística percebida nos tuítes analisados, mesmo que indiquem que essa possibilidade deveria ser descartada. A cogitação dessa ideia é, por si só, indício da dissimulação.

No contexto da fragmentação, quando investidores falam que seria necessário um mecanismo para evitar perdas em larga escala, eles apontam falhas no mercado cripto que poderiam ser aprimoradas se fossem implantadas técnicas do mercado financeiro tradicional. Ou seja, uma estratégia consolidada após décadas de experimentações após incontáveis fracassos seria uma ferramenta necessária para garantir a manutenção do ecossistema cripto. Mas ela viria com regramentos específicos e já estabelecidos pela ideologia capitalística, já que o mecanismo em si seria uma regra a ser imposta em um sistema cuja essência é a ausência de regras que não sejam exclusivamente para garantir o funcionamento da criptografia.

Além disso, quando os discursos apontam a falibilidade da blockchain percebida na crise da luna, a tentativa não é necessariamente de desqualificar o sistema, mas de argumentar que ele pode ser melhorado a partir de um regramento já existente e que poderia ser apenas adaptado. O método de reificação surge como um convite para que a criptoideologia faça parte da ideologia capitalística, atuando, em conjunto, para que mais pessoas possam ganhar mais dinheiro a partir das correções de rota “presenteadas” pelo capitalismo. Ao colocar em xeque a adoção de criptoativos como moedas oficiais de países, caso de El Salvador, por exemplo, não é o sistema criptográfico ou a criptoideologia que estão sendo criticados, mas a postura do governante em não criar instrumentos para evitar a perda de dinheiro público. Novamente, a intenção, aqui, anda no caminho de cooptação, não de aniquilamento. Como um tuíte trouxe, é um olhar condescendente àqueles que amargaram perdas para que façam parte do grupo dos que ganham dinheiro, mas sem que abandonem totalmente seus princípios. A concessão, aqui, faz parte da estratégia de fragmentação e, conseqüentemente, de reificação, como uma barganha

entre comerciante e consumidor para atingir o melhor preço de uma mercadoria para garantir o lucro do vendedor, a fidelização e a satisfação do cliente.

Na próxima etapa, a análise de discurso se aprofunda para a interpretação/reinterpretação, na qual será apresentada a articulação entre os sentidos mobilizados nos discursos até aqui evidenciados e as relações de dominação que eles ajudam a estabelecer e sustentar.

8.2.2 Interpretação/reinterpretação

O objetivo desta etapa da hermenêutica de profundidade é compreender de que maneira se dá a articulação entre os sentidos mobilizados nos discursos da ideologia capitalística e da criptoideologia e verificar as relações de dominação de uma sobre a outra. O que se pode apreender, desde logo, é que existe uma retroalimentação das argumentações: tanto os favoráveis ao mercado financeiro tradicional como os defensores do ecossistema cripto têm, como visão de mundo, a especulação financeira como ponto final e de partida para uma trajetória individual e coletiva de sucesso.

Não existe um embate entre o modelo de sociedade, pois ambos sustentam que o lucro é o único caminho para a ascensão social e que ele não é apenas desejável, mas necessário. Touros ou ursos, baleias ou sardinhas, *traders* ou *hodlers*, tanto faz de qual estrutura fazem parte, o que lhes importa é o acúmulo de capital. Se a instituição é o mercado tradicional ou a blockchain, pouco importa, pois uma já faz parte da outra. Os criptoativos são parte de fundos nas bolsas de valores e não são independentes das flutuações de câmbio e do sobe-e-desce das ações. Se o Fed aumenta a taxa de juros dos Estados Unidos, ambos os sistemas são afetados. Se a luna quebra e carrega para baixo o bitcoin, o mercado tradicional também sofre. Não há dúvida entre os discursos analisados que as duas instituições estão imbricadas, mas que é o mercado cripto que faz parte do mercado financeiro tradicional, e não o contrário.

Se, por um lado, os textos que indicam o mercado financeiro tradicional como mais adequado para o sistema econômico atual apontam como vantagem a maior previsibilidade e, conseqüentemente, perdas menores, por outro, os que apoiam o mercado cripto veem como benefício as possibilidades de ganhos de forma rápida e a recuperação ágil de perdas. Enquanto os primeiros acreditam na necessidade de uma instituição que exerça o poder coercitivo e punitivo, os outros pregam (aqui, no sentido litúrgico da palavra) que a infalibilidade da blockchain é proporcionada pelo conjunto de regras definidas pela comunidade que a formou e

que carrega consigo o conceito de liberdade máxima individual, posto que a negociação entre pessoas é a chave para um mundo livre em termos econômicos.

A institucionalidade da blockchain seria, pela argumentação daqueles que a defendem, a melhor forma de transação para governos de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, já que, além da alegada possibilidade de altos ganhos em pouco tempo, haveria uma descentralização da economia e independência dos monopólios globais. Antagonicamente, aqueles que desconfiam da segurança do mercado cripto enxergam como imprudência a adoção de criptoativos por países de economia fraca, tendo em vista que a volatilidade do mercado cripto pode levar à bancarrota uma sociedade em poucos dias, sem que haja mecanismos de defesa que evitem a desestabilização do tecido econômico e social que a falência de um país pode gerar.

Apesar disso, não foram constatados, nos textos coletados, discursos no sentido de que o mercado cripto deva acabar, porque ele pode, sim, gerar ganhos. A propaganda de *altcoins* como possibilidade de reversão de perdas durante a crise da luna que deu início ao inverno bitcoin surge com força. Os discursos sugerem que o oceano no qual nadam baleias e cardumes de sardinhas tem muitas correntes e, se a maré está baixa, há uma certeza de que ela logo voltará a subir.

Também há um movimento interessante a ser analisado em relação à confiabilidade de análise conferida a autointitulados especialistas em mercado cripto. Ao contrário do mercado financeiro tradicional, em que as vozes que analisam as trajetórias de ações e bancos nacionais partem de funcionários de corretoras financeiras e de instituições bancárias, ministros, secretários de estado, acadêmicos e economistas de entidades representativas, no mercado cripto, o investidor em criptoativos é o perito. É ele, cidadão comum, que detém a informação privilegiada a partir de análises de gráficos e tendências específicos para esse tipo de transação. O senso de autoridade, proporcionado por comentários, retuítes, compartilhamentos e visualizações de vídeos, empresta popularidade e importância à pessoa, e não a uma instituição formal, na cadeia de discursos. Se, no mercado financeiro tradicional, a reputação é sinônimo de confiança, no mercado cripto, a popularidade é diretamente proporcional à credibilidade, especialmente nas redes sociais.

Pequenas divergências à parte, resta que a ideologia capitalística fez seu trabalho de cooptação da criptoideologia, reforçando sua legitimidade enquanto estrutura macro da sociedade contemporânea. Utilizando uma metáfora da biologia, essa fagocitose econômica, em que a célula (o capitalismo) permite a entrada de partículas menores (o ecossistema cripto) para sua alimentação, está no processo de fagossomo, uma bolsa que as mantém até a união

com o lisossomo, para que receba as enzimas digestivas e a célula se mantenha viva. O ecossistema cripto não morre, ele se transforma na célula, posto que a alimentou e a mantém viva com seus nutrientes e as substâncias que não têm serventia são simplesmente excretadas. Enquanto não ocorre a regulamentação do mercado cripto no mundo inteiro, o fagossomo ainda não desapareceu, mas os nutrientes, aos poucos, vão sendo absorvidos pela célula.

9 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS – Um botão de *stop loss* no mercado cripto

Para seguir existindo, o sistema capitalista, como Weber já analisava ainda no século XIX, é “puro produto de uma adaptação” (2008, p. 64). Desde a conexão direta entre o cristianismo até sua laicização, ele determina o modo de existência de todos os que fazem parte da engrenagem, economicamente ativos ou não. O espírito do capitalismo é, como bem define a tese weberiana, um *ethos*. Mesmo em nações em que o estado não é laico (inclusive o Vaticano, que existe por e pela igreja católica), a ideologia capitalística já é completamente descolada da moral religiosa e não tem mais o bem-estar comum como causa finalitária da riqueza. As pessoas liberais não são mais como Aristóteles dizia que eram (as que sabem dar e obter riquezas), e a premissa de que “os bens são melhor utilizados por pessoas dotadas da forma de excelência moral relacionada com a riqueza, e estas são pessoas liberais” (ARISTÓTELES, 1996, p. 173) já não tem mais sentido, como demonstra o tuíte que diz que “Você verá pessoas dizendo que o preço do bitcoin está caindo e está pronto para voltar a subir como um louco. A verdade é que essas pessoas querem que você invista para inflar seu preço e recuperar suas perdas e sair do mercado deixando você com uma queda. Não invista!!!”, que sinaliza uma suposta manipulação do mercado para que uns ganhem mais dinheiro por conta da perda de outros.

No texto “Não se esqueça de dobrar seu Bitcoin barato hoje! Esses idiotas que vendem em pânico merecem comprá-lo de volta com um prêmio!”, há inclusive um sentimento de desdém e até mesmo revanchismo em relação às pessoas que, desesperadas com a derrubada dos valores, venderam seus criptoativos a preços baixos e mereceriam ser punidos. Prestemos agora atenção à seguinte postagem: “O perigo real do #Bitcoin para uma sociedade reside nas consequências das pessoas mais inteligentes que optam por sair dele, deixando apenas pessoas obedientes que não conseguem pensar”. O que se pode depreender do texto é que, como diz Bresser-Pereira (2018), a ideologia neoliberal não conseguiu trazer o retorno ao capitalismo clássico do século XIX. Novamente, há aqui uma noção de que, mesmo que movimentos tentem inverter a lógica do sistema e democratizar os lucros, a ideologia capitalística acaba vencendo e mantendo o poder financeiro nas mãos de quem sempre o deteve.

Isso ocorre tanto no nível micro como no macro, ou seja, desde pessoas a países, como é o caso de El Salvador, apontado pela postagem que diz que “El Salvador ainda está sendo usado pela multidão #Bitcoin como um exemplo para ‘bancos não-bancários’”. Estes são os fatos. O ditador Bukele perdeu milhões de dinheiro público jogando com Bitcoin, enquanto

alguns caras ricos do oeste sacaram. Essa é a narrativa do Bitcoin”. Em outros termos, mesmo que o ditador de El Salvador tenha, supostamente, tido boa intenção ao procurar uma forma alternativa ao poder capitalístico, esse esforço acabou se transformando no que muitos chamaram de irresponsabilidade com dinheiro público e com a vida da população do país, onde, segundo a ONU, quase metade dos habitantes vivia abaixo da linha de pobreza em 2022. É como resumem Boltanski e Chiapello: “A exploração de certos atores, mesmo não intencional, supõe que outros atores (ou os mesmos, mas em outros momentos) se esquivem às exigências que têm em mira um bem comum, passando a considerar apenas os seus interesses particulares” (2009, p. 363). Ou, como bem resume o autor deste tuíte, “[...] Perder suas próprias economias é uma coisa, enviar um país inteiro de indígenas pobres para o caos total é algo pelo qual você deveria ser julgado em Haia”.

Se hoje estamos na era do capitalismo do conhecimento, como indica Dowbor (2020), o imperativo é o discurso que, como nos dizem Maesse e Nicoletta (2021), é um dispositivo onde as práticas ideológicas pressupõem o jogo de constelações sociodiscursivas e a subjetivação para exercer o poder por meio do conhecimento que, na contemporaneidade, significa mais do que apenas saber jogar o jogo. No contexto do que Cloke (2017) chama de ultracapitalismo, continua em ritmo acelerado a criação de novas formas de capital imaginário, cada vez mais desconectadas dos processos de produtividade, desregulamentadas mas legalizadas, como é o caso dos criptoativos. Esse sistema, no entanto, exige programas de negociação algorítmica que geram alterações fundamentais para interconectar órgãos reguladores, prestadores de serviços financeiros, estados, academia e mecanismos globais de serviços cibernéticos.

Caso essa ferramenta estivesse funcionando a pleno, haveria informações preditivas que poderiam ter permitido a preparação para o colapso do ecossistema luna, que derrubou os valores do bitcoin. No entanto, esse mesmo mecanismo de trava, como almejava o autor do tuíte que diz “[...] espero que exista um botão chamado *stop loss* [parar perdas] ... na verdade ele literalmente diria para você parar de perder seu idiota” iria contra a própria criptoideologia, pois seria, em si mesma, uma ferramenta de regulação que favoreceria aqueles que detém mais informações e, conseqüentemente, são os que, supostamente, manipulam o mercado para benefício próprio. Esse tuíte é demonstrativo de como a ideologia capitalística vai, paulatinamente, realizando seu processo de subjetivação para a cooptação da criptoideologia. Mesmo aqueles que são investidores em criptoativos manifestam que renunciariam à total desregulamentação para poderem se beneficiar de algumas estratégias do mercado financeiro tradicional.

As alças de cooptação da ideologia capitalística não são como as usadas em um tiro de laço, modalidade esportiva de rodeios em que o peão atira a corda para derrubar abruptamente um touro enfurecido. Ao contrário, elas vão afrouxando o nó ao redor do pescoço do animal para que ele, por vontade própria, volte ao confinamento em vez de lutar para escapar do algoz. As alças de cooptação, como descrevem Boltanski e Chiapello (2009), oferecem migalhas de liberdade aos que percebem que estão sendo oprimidos pela ideologia capitalística para dissimular novas formas de opressão. Troca-se a autonomia tão louvada pela criptoideologia por mecanismos de regulação que evitem grandes e repentinas perdas.

Mas a estratégia de cooptação não passa despercebida. Alguns chegam até a suspeitam de sabotagens no sistema, como diz o seguinte tuíte: “Pessoas más que têm muito [conhecimento] em criptografia se uniram para desestabilizar a criptografia. Isso está fazendo com que a criptografia pareça uma piada que pode ser derrubada por maus atores tão rapidamente”. Como na máxima sartriana, o inferno são os outros. O problema que ocasionou a crise da luna não é atribuído a uma susceptibilidade da blockchain, pois ela assumiu, desde o *whitepaper* de Satoshi Nakamoto, status de divindade. Se houve falha, dizem os adeptos dos criptoativos, ela foi causada por meio de um hackeamento. Dessa forma, a crenças no código não sofre abalos, já que a *tokenização* se tornou uma realidade no sistema financeiro tradicional. Ou seja: se funciona, permanece.

Sai combatida a ética *hacker*, um dos principais pilares da criptoideologia, acusada de atirar contra o próprio pé. Se, como afirma Himanen (2001), o *hackerismo* surge em contraposição à ética protestante do capitalismo (WEBER, 2008) por ser um novo *ethos* para confrontar forças e estruturas sociais, ele não tem valor para a ideologia capitalística e é descartado. Ficam, no entanto, suas criações, como a blockchain: “Sou engenheiro de software e acho que o Bitcoin ativado por blockchain é uma das maiores inovações desde a internet. Não porque a tecnologia seja revolucionária, mas porque permite transações de valor descentralizadas”.

Se faltaram mecanismos endógenos para prever a crise do ecossistema luna, sobraram alertas das instituições do capitalismo tradicional. O relatório do FMI de 2021, menos de um ano antes do colapso, recomendava aos países a regulação dos criptoativos especialmente por conta das stablecoins. No relatório de 2022, o FMI poderia ter incluído um capítulo com o título “Conforme previmos, aconteceu”, mas o documento sequer cita o tema.

O modo de existência sobre o qual trata esta tese, qual seja, aquele cujo sujeito rejeita a ideia ser um assalariado e busca renda em criptoativos, é maleável e aceita a dissolução progressiva de alguns dogmas da criptoideologia: “Eu 100% não acredito em criptografia. Acho

que tudo vai queimar e desaparecer. MAS, eu invisto o que estou bem em perder na pequena chance de ganhar hahaha”. O autor desse tuíte entendeu o jogo jogado pelo capitalismo: enquanto der lucro, apenas aproveite.

Esse jogo funciona, na contemporaneidade, por meio das redes sociais como o Twitter, espaço de disputa do discurso ideológico objeto deste estudo. Como bem nos aponta Antoun (2015), esse é um *locus* de produção de subjetivação e normalização dos coletivos, em uma perspectiva que anula a singularização. Isso ocorre tanto no que diz respeito às pressões da ideologia capitalística quanto às de resistência da criptoideologia por conta das câmaras de eco, definidas por Choi et al. (2020) como sistema fechado ou grupo de usuários que compartilham interesses semelhantes e divulgam ativamente informações para outras pessoas.

Poucas foram as conexões entre essas bolhas discursivas identificadas, como no caso da resposta de um usuário a outros que postaram ter sofrido perdas com a crise: “Lamento saber de suas perdas :/ Fiquem fortes e espero que vocês aprendam sobre bitcoin o suficiente para entender o que é e por que é inevitável”. Nesse caso, o perfil contradiz a desesperança daqueles que tiveram prejuízo com uma análise de que, se os investimentos tivessem sido diretamente em bitcoin, as perdas seriam menores. Para ele, o problema não foi a crise da luna, mas a falta de conhecimento do investidor. Por outro lado, a seguinte resposta revela certo rancor contra um investidor que reclamou das perdas: “@TheCryptoLark Apenas fique calado e continue comprando, você é tão sortudo, você tem tanto dinheiro, você pode continuar comprando até que volte a \$17 por bitcoin”.

De modo geral, os discursos mais otimistas praticamente não fazem referência à crise, enquanto aqueles mais pessimistas discutem o tema. Essa dissonância é característica da polarização das redes que, como sugerem Tokita et al. (2021), é impulsionada pela circulação de informações homogêneas em consonância com a ideologia na qual os atores acreditam. A falta do contraditório, no objeto em estudo, acaba, de certa maneira, protegendo a criptoideologia da cooptação da ideologia capitalística. As alças de cooptação não atingem aqueles que não são expostos às informações divergentes, o que evita a subjetivação pelo poder capitalístico, mas também não promove a singularização que ocorre justamente a partir do embate de ideias que se pode perceber nos espectros moderadamente positivo e negativo, que são os que mais apresentaram oscilação nos dias observados pela pesquisa.

Nesse sentido, verificamos que o Twitter pode ser compreendido como um dispositivo de poder e subjetivação capitalística, pois sua característica principal, a de receptáculo de discursos com agência ativa a partir da ação algorítmica, possibilita a discussão e formação de consensos e dissensos em relação a estruturas socioeconômicas a partir do cerceamento dos

processos de singularidade e resistência. Em diversas manifestações, vimos a reificação e objetificação de um grupo pelo outro, que, como Honneth (2018) afirma, se dá quando sistemas de convicção delineiam o “opponente” com base em uma ideologia. Exemplo disso é o tuíte “quando essas pessoas vão perceber que elon, peter thiel e o resto estão ferrando com eles ????” é a porra de um esquema ponzi [esquema de pirâmide]”. Nesse caso, “eles” são aqueles que, ao contrário do autor do texto, venderam seus criptoativos quando eles atingiram níveis muito baixos o que, em tese, seria exatamente aquilo que grandes investidores esperavam com a crise.

Na mesma linha, a postagem “Eu sinto que os HODLers estão sendo punidos por aqueles que não entendem seu propósito” fala que os *bitcoiners* que venderam seus criptoativos prejudicaram os investidores a longo prazo por falta de conhecimento de como o ecossistema e o mercado cripto funcionam. Novamente, o discurso é de usuários que se consideram mais inteligentes que outros ou, no caso, pessoas que defendem a criptoideologia e acusam os mais susceptíveis aos solavancos do mercado cripto de fragilizarem o ecossistema cripto, criando porosidades que poderiam corrompê-lo com, por exemplo, ferramentas de controle do mercado financeiro tradicional. Há ainda tons de denúncia contra *exchanges*, como o que acusa um dos fundadores da MicroStrategy: “Você fez isso com o dinheiro dos outros. Você é o que há de errado com as finanças. Arrependa-se. Ajoelhe-se diante de mim. Confesse seus pecados. Implore perdão. Vou salvar aqueles que você destruiu”. Aqui, o texto expõe, de certa maneira, um descontentamento com os rumos para os quais o que entendemos por criptoideologia está sendo conduzida quando grandes iniciativas semelhantes às do mercado financeiro tradicional passam a tomar conta das estratégias do mercado cripto.

Essas são postagens que podemos compreender como discursos de resistência na tentativa do que Hardt e Negri (2016) pontuam como produção alternativa de subjetividade, que é o principal poder da biopolítica. Cabe, aqui, trazer novamente a frase dos autores que revela que “Através da produção de subjetividade, a própria multidão é autora do seu perpétuo tornar-se outro, num processo ininterrupto de autotransformação coletiva” (HARDT; NEGRI, 2016, p. 197). No entanto, o jogo discursivo observado nesta tese revela que, em vez de contribuir para a singularização, as porosidades da criptoideologia permitem que valores capitalísticos como lucro, livre mercado, enriquecimento individual deem força às alças de cooptação. Assim, o embate de discursos revela que o ecossistema cripto não é um modo de existência indutor de libertação, mas apenas de manutenção dos processos de subjetivação ideológica capitalística. Nesse sentido, alguns já aceitam que é preciso inserir na criptoideologia ferramentas da ideologia capitalística capazes de evitar o colapso de ambientes de criptoativos.

Ou, como disse um dos usuários inconformados do Twitter, é preciso que “exista um botão chamado *stop loss* [...] para você parar de perder, seu idiota”.

9.1 Um dispositivo a serviço das alças de cooptação

Primeiramente, é importante pontuar que esta pesquisa comprovou teoricamente a partir da análise empírica a existência de uma criptoideologia, com base na compreensão de que a ideologia é o sentido a serviço do poder (THOMPSON, 2011) e levando em consideração de que essa ideologia é institucionalizada, posto que a blockchain é uma instituição, de acordo com as características elencadas por North (1990, 1993). A criptoideologia é um acontecimento biopolítico (HARDT; NEGRI, 2016) que surgiu a partir de movimentos de resistência (DELEUZE, 2005; MARCHI, 2021) derivados de uma multidão (HARDT; NEGRI, 2016) contrária ao poder capitalístico (DELEUZE, 1992).

Essa multidão existe na e pela digitalidade (PRENSKY, 2001), em que cada ser humano é uma consciência, mas também um código computacional. E a confiança no código, nesse sentido, significa apostar todas as fichas no melhor produto de si. O espaço em que a criptoideologia nasce, cresce e se reproduz é o digital, e é lá onde pode ser encontrada, tanto para associação quanto para disputa de território.

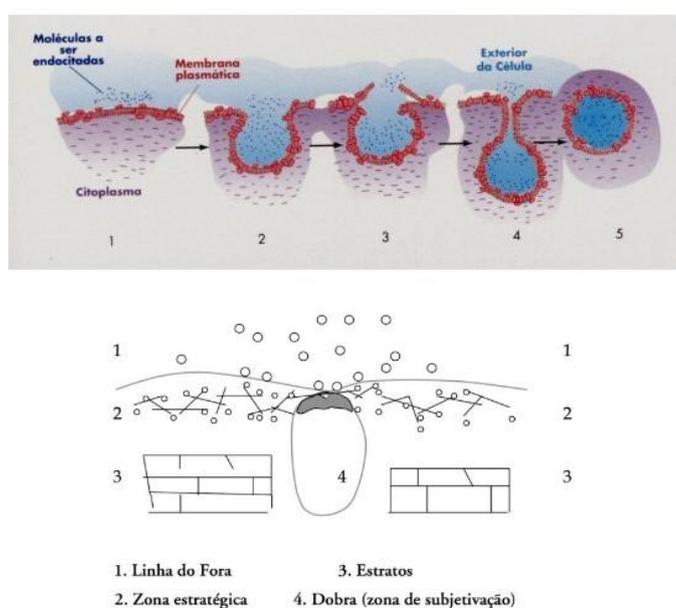
A digitalidade é o reino da interatividade contemporânea. Interação virou sinônimo de relacionamento entre humanos mediado por códigos (THOMPSON, 2018), sendo eles próprios códigos em sua constituição avatar. É no Twitter, objeto de estudo desta tese, que a interação atinge seu clímax, com suas polifonias, bolhas de conteúdo e câmaras de eco (CHOI *et al.*, 2020) e onde se pode perceber os movimentos e disputas ideológicas.

De um lado, temos o grupo daqueles que defendem a ideologia capitalística. De outro, os apoiadores da criptoideologia. Só que não se trata, necessariamente, de um conflito de ideias. O curso do capitalismo na história demonstra que ele é o sistema atual de sociedade predominante no mundo não por ser a melhor forma econômica existente, mas porque é poroso, maleável e encontra maneiras argumentativas não para destruir o sistema oponente, mas para trazer para dentro de si o rival e todos os benefícios que ele pode trazer consigo. É o vizinho da mansão ao lado que, em vez de chamar a polícia para acabar com a nossa festa, convida a todos para irem até o seu quintal, beber de seu melhor whiskey, comer de seu banquete, aceita tocar a nossa música, mas em troca exige que usemos as roupas que ele nos emprestar e que falemos o seu idioma. O certo é que não existe almoço grátis, mas ele sempre nos convidará para participar de suas irrecusáveis e sedutoras festas.

O capitalismo sobreviveu ao poder moderador divino (WEBER, 2008), ao socialismo, ao comunismo (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009) e segue firme e forte, em sua nova estrutura mórfica, o capitalismo financeiro-rentista (BRESSER-PEREIRA, 2018), no qual a especulação é o ponto máximo do neoliberalismo. A criptoideologia dança (nem sempre e nunca de mãos dadas) com o ultracapitalismo (CLOKE, 2017), mas não quer ser seu par por todo o baile porque ele é regrado demais.

Voltamos às semelhanças entre a ilustração de como funciona a fagocitose, utilizada na etapa de interpretação/reinterpretação da análise de discurso, e a que representa o plano diagramático de Foucault (DELEUZE, 2005), para ilustrar o processo de subjetivação não são ocasionais na Figura 18.

Figura 18 - Comparação entre fagocitose e subjetivação



Fonte: sobiologia.com.br e Deleuze (2005)

Pensemos o ser humano como uma grande célula: ele ingere substâncias que lhe são úteis para a manutenção da vida e excretam as desnecessárias. Agora, imaginemos a ideologia capitalística como uma grande célula: ela fagocita características da criptoideologia que lhe são interessantes para sua continuidade (blockchain, criptografia, volatilidade e capilaridade, lucro a partir da pura e simples especulação financeira, digitalidade) e descarta as que não interessam – desregulamentação, falta de mecanismos de interrupção de perdas.

Da mesma forma, ocorre no processo de subjetivação. A zona de subjetivação é onde são forjados os movimentos individuais de resistência a partir da tensão formada entre a

liberdade e a sujeição (DELEUZE, 2005). A subjetivação é uma ferramenta do poder capitalístico para bloquear as singularizações e instaurar as individualizações (GUATTARI; ROLNIK, 1996) no sentido de homogeneizar valores e modos de vida. Assim ocorre, como vimos, no Twitter: os *bitcoiners*, pressionados pelos estratos duros, firmes, da sociedade capitalística, são afetados e afetam essa estrutura, que se molda e é moldada a partir das batalhas ganhas e perdidas na zona estratégica de conflito, a área da argumentação e dos sentidos. Podemos, portanto, compreender a arena pública do Twitter como essa zona estratégica, onde são travadas as lutas discursivas, onde a ideologia capitalística e a criptoideologia combatem, até que se mesclm e se integrem ao ser humano.

O Twitter, como mostra esta tese, é um dispositivo (FOUCAULT, 1979) que atua na zona estratégica do diagrama de subjetivação e também o plasma da célula ideológica capitalística. É nele que os argumentos discursivos afetam as singularidades para que sejam individualizadas e que a criptoideologia é cooptada pela ideologia capitalística. Em outros termos, o processo de cooptação da criptoideologia depende da subjetivação, pois os processos individuais de singularização geram resistência da multidão e isso atrapalha a cooptação ideológica.

Na linha das conclusões de Gallo (GALLO, 2010) de que a ideologia é o processo de subjetivação e das premissas de Maesse e Nicoletta (2021) de que a noção de dispositivo permite analisar o discurso do especialista econômico como objeto empírico específico de produção de ideologia, temos que o Twitter é um dispositivo para alavancar o processo de cooptação ideológica. Sendo a subjetivação um instrumento eminentemente coletivo, econômico e político aos préstimos do poder capitalístico (DELEUZE, 2005) e a ideologia o sentido a serviço do poder (THOMPSON, 2011), a subjetivação pode ser considerada uma ferramenta para a cooptação da criptoideologia. Esta tese conclui teoricamente que uma rede social pode ser compreendida como dispositivo para que alças de cooptação realizem o processo de subjetivação capitalística para a captura ideológica por meio do embate discursivo.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conexão entre Twitter e criptoativos é óbvia: de usuário da plataforma e incentivador do ecossistema cripto, especialmente da criptomoeda meme dogecoin, Elon Musk passou a ser proprietário da plataforma. Em 03 de março de 2023, durante a escrita final desta tese, ele mudou o logotipo do Twitter para o símbolo da doge, o desenho de um cachorro da raça shiba-inu. Como consequência, em pouco menos de duas horas, houve um aumento de 36% no valor negociado do criptoativo (saltou de US\$ 0,076 para US\$ 0,104). No dia 06 de março, quando a logo do passarinho azul voltou ao Twitter, a doge caiu, mas ficou ainda acima do patamar anterior: a queda foi de 7,2%, levando o preço do criptoativo a US\$ 0,82¹²⁸. Para os criptoinvestidores, não é necessário estar no Twitter e participar das conversações, mas não se pode estar alheio aos movimentos financeiros gerados pelos discursos que lá se desenvolvem. Nesse curto período de um fim de semana em que o cachorro substituiu o passarinho, muitas pessoas ganharam muito dinheiro. E muitas outras perderam.

Talvez, uma palavra-chave para definir o ecossistema cripto seja “esperteza”: quem está dentro dele acredita ser muito esperto, e quem não está, acha que é mais esperto ainda. Na análise dos discursos, vimos formulações como a de que somente “pessoas inteligentes” são capazes de abandonar o ecossistema cripto. E outros tantos dizendo que o “fundo do poço” do bitcoin seria uma ótima oportunidade para aqueles que são astutos comprarem criptoativos e obterem muito lucro.

O que sobra disso? Na metáfora trazida no início desta tese, ideologias revolucionárias podem ser cooptadas pela promessa de que existe um El Dorado e ele está muito próximo de ser descoberto, basta ser esperto e resiliente o bastante – a medida do bastante é o segredo da manutenção da massa de manobra. Assim como nas práticas meritocráticas, é preciso que haja alguns exemplos de vencedores – como o da criança que montou um esquema de mineração na garagem de casa durante as férias escolares e ficou milionária – para que todos os demais acreditem que também podem ficar ricos. A promessa cristã de que existe um paraíso para aqueles que o merecem ainda persiste nas estruturas capitalísticas, mesmo depois da laicização desse sistema. Afinal, o que seria do capitalismo se não houvesse a esperança de uma vida melhor?

¹²⁸ Disponível em <https://valor.globo.com/financas/criptomoedas/noticia/2023/04/07/dogecoin-despenca-aps-musk-tirar-imagem-de-cachorro-do-logo-do-twitter.ghtml>. Acesso em 22 abril 2023.

Apesar disso, os discursos verificados nesta tese não tratam de um mundo melhor, sem desigualdades, com dignidade para todos. São todos pragmáticos, sobre como um ou outro sistema pode dar mais dinheiro. Não se observam textos que reforcem, por exemplo, ideais anticapitalistas, que incitem o fim da escravização de trabalhadores, que reivindiquem um mundo sem fome. O único interesse visto foi o lucro – independentemente de qual lado.

Inclusive, ao longo desta tese, pudemos verificar, por meio dos discursos analisados, que não há um lado, mas um movimento de adaptação da ideologia capitalística para cooptar a criptoideologia, conceito aqui definido como o sentido a serviço do poder que engloba crenças e modos de ser com os quais se identificam os sujeitos que acreditam em um novo sistema monetário baseado na criptografia e na blockchain. No período de crise compreendido entre 06 e 17 de maio de 2022, os discursos analisados – que tratavam do colapso do sistema terra-luna e carregaram para baixo os valores negociados pelo bitcoin – demonstraram essa disputa de sentido, ora para desacreditar o sistema capitalístico, ora para enfatizar que ele ainda é a alternativa econômica mais segura para indivíduos e países.

Os textos coletados fazem parte de um complexo jogo de subjetivação ideológica no qual não há estratégia de convencimento, mas o reforço paulatino de que a ideologia capitalística oferece melhores condições para o equilíbrio dos mercados, tanto o tradicional quanto o mercado cripto. Mas foi possível perceber, a partir da análise, que a criptoideologia não é refutada totalmente: há mecanismos nela que são compreendidos pelos sujeitos como interessantes a ponto de serem anexados à ideologia capitalística, como a confiabilidade proporcionada pela blockchain.

Por outro lado, a ideologia capitalística também não é totalmente rechaçada, já que as significativas perdas provocadas pela ruína de um dos principais criptoativos, mortalmente atingido pela falência do seu ecossistema, poderiam ter sido minoradas caso houvesse o que um dos usuários chama de botão de *stop loss*, uma trava de segurança, tal qual possuem as bolsas de valores (o *circuit breaker*), que interrompe todas as operações. Esse mecanismo foi utilizado, por exemplo, por diversas bolsas de valores de todo o mundo nos primeiros dois meses da pandemia de Covid-19, entre fevereiro e março de 2020.

O Twitter, compreendido aqui como dispositivo ideológico, é também discurso em si. Por conta da algoritmização da plataforma, assim como as formações de câmaras de eco são instrumentos para a subjetivação, com o reforço da ideologia capitalística ou da criptoideologia, proporcionam a reificação do outro. Dessa forma, a polarização, o “nós contra eles”, é fomentado. Poucas foram as conversas diretas coletadas pela pesquisa, o que sugere que os discursos não se cruzam. As pressões da ideologia capitalística sobre os *bitcoiners* são indiretas,

em sua maioria exógenas às câmaras de eco, e apresentadas aos usuários do Twitter a partir do uso de *hashtags*, mecanismo que reúne os polos discursivos e, assim, oferecem o contraditório, somente quando o sujeito faz uma busca pelo termo. Por outro lado, a análise verificou o atrelamento a *hashtags* principalmente nos discursos agregados ao polo positivo, o que leva a depreender que esse instrumento é utilizado como forma de legitimar e manter coeso o discurso criptoideológico.

Observamos a manifestação de uma forma nova de subjetivação – para além de ser empreendedor de si, é um sujeito que busca sua singularização através de outra subjetivação, de certo modo anárquica, mas que continua atrelada à ideologia capitalística, já que, em última análise, segue em busca de dinheiro. Ele continua preso à equação marxista D-D, anabolizada pelo capitalismo financeiro-rentista e repaginada pelo chamado ultracapitalismo. Um dos desdobramentos possíveis desta tese é a análise dos clusters, para compreender como se dão os relacionamentos entre os sujeitos e verificar se existe, ao longo do tempo, um processo de homogeneização dos discursos e, conseqüentemente, a completude do processo de subjetivação ideológica e cooptação da criptoideologia.

A tarefa desta tese era responder como as manifestações sobre a criptoideologia são pressionadas pelas forças capitalísticas no processo de subjetivação dos usuários do Twitter, assumindo a premissa teórica de Thompson de que uma ideologia pode cooptar outra. Como resultado, percebeu-se a operação dos cinco modos gerais em que atua uma ideologia, conforme preconiza o autor.

- i) Legitimação: a utilização de *hashtags* como forma de atingir maior relevância na rede, aceitação dos pares e formação do senso de pertencimento, especialmente no caso da criptoideologia, em um movimento de resistência.
- ii) Unificação: a aglutinação dos discursos em *hashtags* faz com que a argumentação que ela carrega consigo projete a ideia de predominância, tanto da criptoideologia quanto da ideologia capitalística (esta, no entanto, em menor escala).
- iii) Dissimulação: discursos que fazem referência à preferência ao lucro independentemente do tipo de mercado, à negociação de criptoativos de forma semelhante à realizada em bolsas de valores, à necessidade de um lastro que pode ser fiduciário, trazem consigo estratégias de cooptação capitalística.
- iv) Fragmentação: à medida que discursos pesarosos das perdas provocadas pela crise supõem a necessidade de mecanismos de trava como os existentes no mercado financeiro tradicional, mesmo que isso fira a autonomia das operações desregulamentadas, é um demonstrativo da fragmentação da criptoideologia.

- v) Reificação: os discursos que apontam a falibilidade da blockchain percebida na crise da luna não são, necessariamente, para desqualificar o ecossistema cripto, mas para argumentar que ele pode ser melhorado a partir de regras já existentes ou apenas ser adaptado.

O método de reificação pode ser considerado como o mais importante de todo o processo de subjetivação ideológica, pois se apresenta como um convite para que a criptoideologia faça parte da ideologia capitalística. Se mais pessoas atuarem conjuntamente a partir das correções de rota ofertadas pelo capitalismo, mais seguro se torna o sistema financeiro, tradicional ou cripto. A concessão faz parte das estratégias de fragmentação e reificação. “Se não pode vencê-los, junte-se a eles”, como diz o provérbio.

A efemeridade e a volatilidade são características intrínsecas do objeto desta tese e, por assim dizer, um limitador deste estudo, já que a análise do momento crítico pesquisado possibilita uma visão do que ocorreu naquele período. No entanto, isso não invalida as conclusões teóricas e empíricas resultantes desta pesquisa. Demonstra, inclusive, a possibilidade de acompanhamento do processo de cooptação de ideologias minoritárias – como o feminismo e outras formas de ativismo existentes ou que venham a surgir – pelas forças capitalísticas.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Os aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ALVARENGA, A. A. Guerras por recursos: o petróleo no Brasil. **Mural Internacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro**, [s. l.], v. 11, p. 1–12, 2020.
- AMORIM, F.; ANGONESE, M. O medo na rede: o reflexo no Twitter da violência nos protestos de junho de 2013. **Anais XXII COMPÓS**, Brasília, n. Junho, p. 1–19, 2013.
- ANTE, L. How Elon Musk's Twitter Activity Moves Cryptocurrency Markets. **SSRN Electronic Journal**, [s. l.], n. 16, p. 1–13, 2021.
- ANTOUN, H. Biopolítica, Cibercultura e a Internet das Subjetivações. **ANAIS DO 24º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, Brasília, p. 1–13, 2015.
- ARISTÓTELES. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- BACON, F. **Coleção Os Pensadores**. 1. ed. São Paulo: Abril S.A. Industrial e Cultural, 1973.
- BENEVIDES, P. S. Verdade e Ideologia no pensamento de Michel Foucault. **Revista Ecos - Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, [s. l.], v. 3, n. 1, 2013.
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BRADLEY, M. M.; LANG, P. J. Affective norms for English words (ANEW): instruction manual and affective ratings. **The Center for Research in Psychophysiology**: Gainesville, p. 50, 1999.
- BRAUDEL, F. **A dinâmica do capitalismo - os jogos da troca**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. Capitalismo financeiro-rentista. **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 32, n. 92, p. 17–29, 2018.
- BRUNNERMEIER, M. K.; NAGEL, S. Hedge funds and the technology bubble. **Journal of Finance**, [s. l.], v. 59, n. 5, p. 2013–2040, 2004.
- BTC MARKETS. **BTC Markets Investor Study Report 2020-2021**. Victoria: 2021.
- BYUNG-CHUL, H. **Sociedade do Cansaço**. Edição diged. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense - Coleção Primeiros Passos, 2008.
- CHEN, H. C.; CHOU, R. K.; LU, C. L. Saving for a rainy day: evidence from the 2000 dot-com crash and the 2008 credit crisis. **Journal of Corporate Finance**, [s. l.], v. 48, p. 680–699, 2018.
- CHOI, D. *et al.* Rumor propagation is amplified by echo chambers in social media. **Scientific Reports 2020**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 1–10, 2020.

CINELLI, M. *et al.* The echo chamber effect on social media. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, [s. l.], v. 118, n. 9, 2021.

CLOKE, J. A lack of space—The birth-crises of ultracapital. **Research in International Business and Finance**, [s. l.], v. 41, p. 239–246, 2017.

COMTE, A. **Curso de filosofia positiva**. Buenos Aires: Ediciones Libertador, 2009.

CRYPTO.COM. **Measuring global crypto users - a study to measure market size using on-chain metrics**. Singapura: 2021.

DE TRACY, D. **Éléments d'idéologie**. Bruxelas: l'Institut National de la Langue Française, 1801.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. **Conversações: 1972-1990**, [s. l.], p. 219–226, 1992.

DESCARTES, R. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

DIABY, M. *et al.* **The crypto ecosystem and financial stability challenges**. Washington, DC: 2021.

DODD, N. The Social Life of Bitcoin. **Theory, Culture and Society**, [s. l.], v. 35, n. 3, p. 35–56, 2018.

DOWBOR, L. **O capitalismo se desloca**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

DUFOUR, D.-R. **A arte de reduzir as cabeças - sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

EKMAN, P. **A linguagem das emoções**. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas.pdf**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Trarepa Ltda, 2002.

FOUCAULT, M. **Historia da sexualidade Volume 2: o uso dos prazeres**. [S. l.: s. n.], 1998.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1989.

FOUCAULT, M. **Power/knowledge: selected interviews and other writings**. Nova York: Pantheon Books, 1980. ISSN 00280836.v. 433

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, C. **O impacto dos influenciadores digitais na intenção de compra**. 2021. 84 f. - Escola Superior de Lisboa, [s. l.], 2021.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS; UNIVERSITY BLOCKCHAIN RESEARCH; HASHDEX. **Percepção e motivação de investidores brasileiros quanto a criptoativos - 1º release**. São Paulo: 2021.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS; UNIVERSITY BLOCKCHAIN RESEARCH; HASHDEX. **Percepção e motivação de investidores brasileiros quanto a criptoativos - 2º release**. São Paulo: 2021.

GALILEI, G. **Sidereus nuncius - o mensageiro das estrelas**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

GALLO, S. **Educação: entre a subjetivação e a singularidade**. [S. l.: s. n.], 2010. v. 35

GAMA, A. P. M.; SEGURA, L. C.; FILHO, M. A. **Equity valuation and negative earnings - the case of the dot.com bubble**. Singapura: Springer, 2017.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. 5. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1991-. ISSN 1098-6596.v. 129

GOLUMBIA, D. **The Politics of Bitcoin - Software as Right-Wing Extremism**. 1. ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.

GRAEBER, D. **Bullshit Jobs**. Nova York: Simon & Schuster, 2018.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Bem-estar comum**. 1ªed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

HAYES, A. The Socio-Technological Lives of Bitcoin. **Theory, Culture and Society**, [s. l.], v. 36, n. 4, p. 49–72, 2019.

HIMANEN, P. **A ética dos hackers e o espírito da era da informação - a diferença entre o bom e o mau hacker**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

HODGSON, G. M. What are institutions?. **Journal of Economic Issues**, [s. l.], v. 40, n. 1, p. 493–500, 2006.

HONNETH, A. **Reificação - um estudo de teoria do reconhecimento**. Edição Amped. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

HUDSON, M. **Super Imperialism - the economic strategy of american empire**. Londres: Pluto Press, 2003.

LATOUR, B. **An inquiry into modes of existence - an anthropology of the moderns**. Cambridge e Londres: Harvard University Press, 2013-. ISSN 00217867.

LIU, B. **Sentiment Analysis - Mining Opinions, Sentiments, and Emotions**. New York: Cambridge University Press, 2015.

LUCAS. **Bíblia Católica**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/sao-lucas/18/>. Acesso em: 6 jan. 2022.

MACHADO, J.; MISKOLCI, R. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes

sociais na polarização política brasileira. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 09, n. 03, 2019.

MAESSE, J.; NICOLETTA, G. C. Economics as ideological discourse practice: a Gramsci-Foucault-Lacan approach to analysing power/knowledge regimes of subjectivation. <https://doi.org/10.1080/17447143.2021.1877294>, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 107–126, 2021.

MANNHEIM, K. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

MARCHI, L. de. O capital financeiro vai ao paraíso: Bitcoin, fintech 3.0 e a massificação do homem endividado. **MATRIZES**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 205–227, 2021.

MARX, K. **O Capital - crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2011-. ISSN 0029-5582.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969-. ISSN 0029-5582.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Documento da Área 31: Comunicação e Informação**. Brasília: 2019.

MORIN, E. **O Método 2 – a vida da vida**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MORIN, E. **O Método 3 – o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

NAKAMOTO, S. Bitcoin: A Peer-to-Peer Electronic Cash System | Satoshi Nakamoto Institute. bitcoin.org, [s. l.], p. 1–9, 2008.

NORTH, D. C. **Institutions, institutional change and economic performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

NORTH, D. C. Institutions and credible commitment. **Journal of Institutional and Theoretical Economics**, Tubinga, v. 149, n. 1, p. 11–23, 1993.

PARROTT, W. G. **Emotions in social psychology: essential readings**. Philadelphia: Psychology Press, 2001.

PIROLA, É. O sujeito endividado como Doppelgänger do empreendedor de si: subjetivação pela dívida na crise do neoliberalismo. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 25, n. 3, p. 675–694, 2020.

PLUTCHIK, R. **A general psychoevolutionary theory of emotion**. New York: Academic Press, 1980.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. **MCB University Press**, [s. l.], v. 9, n. 5, 2001.

RECUERO, R. **Introdução à análise de redes sociais online**. [S. l.: s. n.], 2017.

ROSE, N. **Governing the Soul - The Shaping of the Private Self**. 2. ed. Londres: Free Association Books, 1999.

ROSE, N. Inventando nossos eus. **Nunca fomos humanos**, [s. l.], p. 137–204, 2001.

SMITH, A. **A riqueza das nações**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

THOMPSON, J. B. A interação mediada na era digital. **Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 17–44, 2018.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna - teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

TOKITA, C. K.; GUESS, A. M.; TARNITA, C. E. Polarized information ecosystems can reorganize social networks via information cascades. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, [s. l.], v. 118, n. 50, p. e2102147118, 2021.

VISA; LRW MATERIAL COMPANY. **The crypto phenomenon: consumer attitudes & usage**. Foster City: 2021.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZHANG, J. Do Cryptocurrency Markets React to Issuer Sentiments? Evidence from Twitter. **SSRN Electronic Journal**, [s. l.], n. July, p. 1–29, 2020.